

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Mestrado Profissional em Educação

Faculdade de Educação

Bárbara Tostes Machado

FORMAÇÃO EM REDE:

Os integrantes do Programa de Extensão Universitária da UFMG *Fórum Metrô*
conectados ao *Facebook*, ao *Whatsapp* e ao grupo de e-mail

2016

BÁRBARA TOSTES MACHADO

FORMAÇÃO EM REDE:

Os integrantes do Programa de Extensão Universitária da UFMG *Fórum Metrô*
conectados ao *Facebook*, ao *Whatsapp* e ao grupo de e-mail

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação Tecnológica

Orientador: Prof.^a Dra. Analise da Silva de Jesus

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2016

Dissertação defendida e _____, em ____ de _____ de 2016, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dra. Analise da Silva de Jesus (UFMG)
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Maria Amália de Almeida Cunha (UFMG)
(Titular interno)

Prof. Dra. Shirlei Rezende Sales (UFMG)
(Titular externo)

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado companheiro Bernardo, que me deu todo o incentivo e ajuda nessa caminhada. Obrigada por compreender as ausências, em tempos de conquistas e transformações.

À minha querida companheira de caminhada Eliane, que compartilhou comigo ideias, angústias e desafios ao longo da pesquisa.

À minha orientadora, Prof.^a Analise de Jesus da Silva — um grande exemplo como educadora, mulher e guerreira —, que tornou possível a realização deste trabalho.

Aos familiares, que tanto me ensinaram, mostrando a importância do conhecimento como forma de mudar a realidade ao meu redor. Obrigada pelo incentivo e pelo exemplo.

Aos meus colegas de trabalho, que foram compreensivos e incentivaram a minha jornada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo de caso que investiga a interação de 19 universitários nas redes sociais pela internet: *Facebook*, *Whatsapp* e um grupo de e-mail. São alunos de licenciatura de diversos cursos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, fazendo parte do Programa de Extensão *Fórum Metropolitano* (Fórum Metrô) de *Educação de Jovens e Adultos* (EJA), em seu processo de formação, abordam temas relacionados à proposta e à atuação do Programa junto aos integrantes da EJA na *Região Metropolitana de Belo Horizonte* (RMBH), onde se verificam elevados índices de violência. A nossa abordagem é qualitativa, e, a partir do estudo de caso, utiliza-se a *netnografia* (KOZINETS, 1998; AMARAL, NATAL & VIANA, 2009; MOZO, 2005). O conceito de modernidade é discutido segundo o pensamento de: Giddens (1991; 2001), Gumbrecht (1998) e Bauman (2009; 2013; 2014). Por sua vez, a temporalidade e a centralidade da informação nos tempos atuais é discutida a partir das ideias de Lévy (1999; 2003), Sibilia (2008) e Bauman (2013; 2014). Os resultados demonstram que o uso redes sociais mostrou-se positivo, as informações compartilhadas nos diversos ambientes virtuais proporcionaram um diálogo com as temáticas abordadas no Fórum Metrô, e que cada tipo de rede possui sua própria vocação, resultando em tipos específicos de interações.

Palavras-chaves: Redes sociais. Interação. Formação docente. EJA.

ABSTRACT

This research is a case study that investigates the interaction of 19 students through social networks on the internet: *Facebook*, *Whatsapp* and an email group. They are graduate students from various courses at the UFMG (the Federal University of Minas Gerais, Brazil), who are participants in the *Metropolitan Forum Extension Program* (Forum Metrô), within the wider *Youth and Adult Education* national program (EJA) and, in their process of formation, discuss topics related to the proposal and the activities of the Program with the members of adult and youth education in the Metropolitan Region of Belo Horizonte (RMBH), where there are high levels of violence. Our approach is qualitative, and, beginning from the case study, the *netnography* is used (KOZINETS, 1998; AMARAL, NATAL & VIANA, 2009; MOZO, 2005). Then we describe the data collection tools and we present the challenges and solutions found. Subsequently, the theoretical framework is presented: from the ideas of Giddens (1991; 2001), Gumbrecht (1998) and Bauman (2009; 2013; 2014), it is discussed the concept of post-modernity; from the thoughts of Lévy (1999; 2003), Sibilial (2008) and Bauman (2013; 2014), it is discussed the temporality in digital times and we discuss the centrality of information nowadays, strengthened by the flow made possible by the internet. The results show that the use of social networks proved positive, that the information shared in virtual environments provided a dialogue with the themes addressed in the Forum Metrô, and that each kind of network has its own vocation, resulting in specific types of interactions.

Keywords: Social networks. Interaction. Teacher education. Youth and Adult Education (EJA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A formação acadêmica dos integrantes do Fórum Metrô	p. 16
Figura 2 – Origem escolar dos integrantes do Fórum Metrô	p. 17
Figura 3 – As redes sociais pela internet utilizadas pelos integrantes do Fórum Metrô	p. 63
Figura 4 – Os integrantes do Fórum Metrô administram grupos no <i>Facebook</i> ?	p. 63
Figura 5 – Os integrantes do Fórum Metrô administram páginas no <i>Facebook</i> ?	p. 64
Figura 6 – Frequência de uso das redes sociais pela internet pelos integrantes do Fórum Metrô	p. 65
Figura 7 – Avaliação dos integrantes do Fórum Metrô sobre a presença e participação de seus professores nas redes sociais	p. 66
Figura 8 – Avaliação dos integrantes do Fórum Metrô sobre a interação com os seus professores nas redes sociais	p. 66
Figura 9 – Postagem da coordenadora do Fórum Metrô no <i>Facebook</i>	p. 74
Figura 10 – Desabafo sobre a frequência e a comunicação dos integrantes do Fórum Metrô	p. 75
Figura 11 – Primeiro e-mail oficial do grupo Fórum Metrô	p. 87
Figura 12 – Primeira sugestão apontada por <i>Afro-x 101</i>	p. 88
Figura 13 – Segunda sugestão apontada por <i>Afro-x 102</i>	p. 88
Figura 14 – Desabafo de <i>Omínira</i> sobre a comunicação do Fórum Metrô	p. 89
Figura 15 – E-mail com o posicionamento de <i>Criolo</i> sobre a comunicação do Fórum Metrô	p. 90
Figura 16 – E-mail com o posicionamento de <i>Dina Di</i> sobre a comunicação do Fórum Metrô	p. 90
Figura 17 – E-mail de resposta da coordenadora do Fórum Metrô sobre a comunicação do grupo pela internet	p. 91

LISTA DE SIGLAS

AlfaSoL – Programa Alfabetização Solidária

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

CNAEJA – Conselho Nacional de Alfabetização de Educação de Jovens e Adultos

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDH – Índice de desenvolvimento humano

MEC – Ministério da Educação

SECADI – Secretaria de Educação Continuada Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SESu – Secretária de Educação Superior

SIM/MS – Sistema Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

OMS – Organização Mundial da Saúde

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PME – Plano Municipal de Educação

PROEX – Pró-reitoria de Extensão da UFMG

ProEXT – Programa de Extensão Universitária

ProEXT 2015 – Edital do Programa de Extensão Universitária da UFMG 2015

PROMESTRE – Programa de Mestrado Profissional em Educação da UFMG

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SIM/MS – Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

Introdução	1
Apresentação do tema, recorte da pesquisa, objetivos.....	1
Capítulo 1 – O contexto e os sujeitos da pesquisa	9
1.1 A crescente importância da Extensão Universitária nas universidades.....	9
1.1.1 O Programa de Extensão Universitária da UFMG Fórum Metrô.....	10
1.2 Os desafios na construção do recorte da pesquisa.....	12
1.3 Os sujeitos da pesquisa: os universitários que compõem o Fórum Metrô.....	14
1.4 O processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô.....	19
1.4.1 O que os integrantes do Fórum Metrô relataram sobre o processo de formação.....	20
1.5 Etapas do processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô.....	23
1.5.1 Formação em Juventudes e Educação Popular.....	23
1.5.2 Participação dos integrantes do Fórum Metrô na VII Conferência Municipal de Educação.....	28
1.5.3 Formação sobre o genocídio do povo negro.....	29
1.5.4 A formação em gravação e edição de vídeos.....	30
1.5.5 Formação em Metodologia de Pesquisa.....	31
1.5.6 Formação em Direitos Humanos.....	32
1.5.7 Formação em Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	34
1.6 Breve história da EJA.....	35
Capítulo 2 – A metodologia de pesquisa e o referencial teórico	39
2.1 Metodologia de Pesquisa.....	39
2.1.2 O delicado olhar do pesquisador.....	40
2.1.3 O estudo de caso como metodologia aplicada.....	42
2.1.4 A <i>netnografia</i> como metodologia de análise.....	45
2.1.5 Primeiros passos: composição dos elementos-chave.....	47
2.2 Referencial Teórico: reflexões sobre um mundo em transformação.....	49
2.2.1 Discussões sobre a pós-modernidade.....	50
2.2.2 A temporalidade em tempos digitais.....	52
2.2.3 A centralidade da informação nos tempos atuais.....	53
2.2.4 As redes sociais pela internet.....	56
2.2.5 A criação da <i>autoimagem</i> e a sociedade confessional.....	59

Capítulo 3 – As redes sociais pela internet como estratégia de comunicação dos integrantes do Fórum Metrô.....	63
3.1 A presença/ausência dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais pela internet.....	63
3.2 A presença/ausência da UFMG e de seus professores nas redes sociais pela internet.....	66
3.3 <i>Facebook</i> : a rede social digital mais popular do mundo.....	67
3.3.1 O que os integrantes do Fórum Metrô pensam sobre o <i>Facebook</i> ?.....	69
3.3.2 A comunicação oficial do Fórum Metrô realizada através do <i>Facebook</i>	74
3.3.3 O diálogo entre as postagens do <i>Facebook</i> e o processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô.....	79
3.4 A comunicação instantânea via <i>Whatsapp</i>	81
3.4.1 A análise da comunicação do Fórum Metrô no <i>Whatsapp</i>	84
3.5 E-mail e grupos de e-mail: pioneiros na promoção da interação pela internet....	86
3.5.1 A comunicação do Fórum Metrô através do grupo de e-mail.....	88
Capítulo 4 – Proposta de Intervenção: Oficina Rede de Saberes	94
4.1 Apresentação da oficina	96
4.2 O preparo da oficina	98
4.3 Reflexões sobre a oficina	98
Conclusão.....	100
Referências.....	106
Anexos.....	113

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do tema, recorte da pesquisa, objetivos

A presente pesquisa busca investigar o uso das redes sociais pela internet,¹ como meio de comunicação utilizado no Programa de Extensão Universitária da UFMG — *Fórum Metrô: Fórum de Educação de Jovens e Adultos da Região Metropolitana de Belo Horizonte*. O grupo pesquisado são os integrantes do Programa, alunos de licenciatura de diversos cursos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, para atuarem no Programa, passaram por um processo de formação sobre temáticas que tangem a proposta do Fórum Metrô. A pesquisa de campo realizou-se ao longo desse processo de formação.

O Programa da UFMG *Fórum Metrô: Fórum de Educação de Jovens e Adultos da Região Metropolitana de Belo Horizonte* foi idealizado em 2013 e apresentado ao Edital PROEXT 2015: Programa de Extensão Universitária lançado pelo Ministério da Educação (MEC) / Secretaria de Educação Superior (SESu), objetivando o fomento e o apoio a programas e projetos de extensão em todo o país. Portanto, o Fórum Metrô é um conjunto de projetos entrelaçados por ações de extensão, multidisciplinar, que busca discutir questões que dialogam com os jovens negros presentes na EJA, e, através dessas ações, contribuindo para a construção de subsídios para a implementação de políticas permanentes, que possam atender as demandas da educação de jovens e adultos.

A formação de docentes e pesquisadores capazes de lidar com os atuais desafios vivenciados na educação deve ser alvo de reflexões. A valorização da docência e da pesquisa deve ser pensada para dialogar com as possibilidades de comunicação e de edificação de uma educação em rede, capaz de utilizar, quando necessário, as tecnologias digitais disponíveis, para a construção do conhecimento.

O papel das universidades é fundamental, tanto na produção acadêmica, quanto na formação de professores licenciados e pedagogos, capazes de lidar com as atuais demandas. Para tanto é preciso conhecer os futuros professores, suas expectativas e anseios, frente ao desafio de educar para um mundo em mutação, caracterizado pela presença intensiva das tecnologias digitais e da internet. Ao mesmo tempo, observamos desigualdades sociais

¹ Para fundamentação teórica, sobre os recursos utilizados, *Facebook*, *Whastaspp* e grupo de e-mail, adotamos o conceito de Recuero (2008). Para a autora, as redes sociais digitais são caracterizadas pela formação de agrupamentos complexos, mediados por tecnologias digitais de comunicação e viabilizadoras de interações sociais. Castells (2009), por sua vez, nos fornece a definição do que é rede, segundo o autor, trata-se de um fenômeno coletivo, dinâmico, ligado à sociabilidade. Estes conceitos serão explorados no terceiro capítulo.

geradas por esse cenário tecnológico, e que tendem a ser agravadas, pelos condicionantes materiais, infraestruturais e políticos.

A UFMG possui 23 cursos de graduação voltados para a formação de professores da Educação Básica², mais de 1000 novas vagas anualmente. No entanto, o interesse e busca por esses cursos caiu drasticamente, nos últimos tempos. Segundo entrevista concedida ao jornal *O Tempo*³, o Pró-reitor de Graduação da UFMG, Ricardo Takahashi, atribuiu essa realidade à possibilidade de melhores rendimentos salariais em outros segmentos profissionais. Já o professor de sociologia da educação da UFMG, João Valdir Alves de Souza, na mesma reportagem, aponta, como principal causa, a desvalorização da categoria docente, seja pelos baixos salários ou pela falta de prestígio. É certo que, se o cenário não for alterado, o Brasil poderá ter um gargalo estrutural em um futuro próximo.

Portanto, avaliamos que é importante refletir sobre a formação de professores ofertada pela UFMG. Os graduandos que participam do Programa Fórum Metrô representam uma amostra interessante e diversa sobre os jovens que buscam os cursos de licenciatura. São jovens que participam de um programa que tem ações voltadas para a educação de jovens e adultos (EJA), principalmente para a juventude que vive em condição de risco, nas periferias das cidades com os maiores índices de violência de Minas Gerais. A observação do modo como se comunicam, suas expectativas profissionais e acadêmicas, é uma oportunidade de refletir sobre a formação e experiências que a Universidade promove e que dialogam com a realidade educacional brasileira.

Um desafio vivenciado pelas universidades é a formação de professores preparados para lidar com as diversas realidades encontradas nas escolas brasileiras, compreendendo as possibilidades de atuação para a transformação da realidade dos seus alunos. Outro desafio é saber como formar professores preparados para explorar as múltiplas possibilidades, pedagógicas e comunicacionais, de uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Assim sendo, as reflexões propostas neste projeto apresentado ao *Mestrado Profissional em Educação da UFMG (PROMESTRE)* dialogam com a busca de um conhecimento acadêmico alinhado às necessidades práticas da Universidade.

² Os cursos de licenciatura oferecidos pela UFMG: Artes Cênicas, Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Música e Química. Dados obtidos em: <http://www.fae.ufmg.br/licenciaturas/cursos.php>. Acesso em: 07 set. 2015.

³ A reportagem de Luiza Muzzi em que é retratada a baixa procura e evasão nas licenciaturas oferecidas pela UFMG (18/05/15) está disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/baixa-procura-e-evas%C3%A3o-acendem-alerta-em-licenciaturas-na-ufmg-1.1040448>. Acesso em: 07 set. 2015.

O acelerado fluxo de informações viabilizado, sobretudo, pela internet e pela televisão, faz com que a comunicação assuma um papel central nas relações sociais. A Universidade sente os reflexos dessas mudanças. O mesmo ocorre em relação à formação docente. Como no recorte proposto, as possibilidades de comunicação em meio digital são utilizadas de diversas formas: uma conversa pelo *Facebook* com um professor, um aviso pelo *Whatsapp*, ou ao acessar as notas do semestre na plataforma pela internet, utilizada pela Universidade.

No entanto, é importante ressaltar que o conhecimento e a comunicação não estão assegurados apenas pelo acesso à internet e às redes sociais. Devemos ponderar, também, “se” e “como” as informações que recebemos diariamente são retidas, e como se dá, de fato, a apropriação de conhecimento.

O recorte da nossa pesquisa busca compreender a interação entre os sujeitos pesquisados. Segundo Lévy, “o termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação” (LÉVY, 1999, p. 79). O autor salienta que a interação é um processo amplo e que possui graus diferentes, propondo eixos que viabilizam o grau de interatividade. Segundo a classificação proposta, a pesquisa enquadra-se no princípio da reciprocidade da comunicação “um por um” e/ou “todos-todos”.

Portanto, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa, através de um estudo de caso que procura investigar a interação estabelecida por 19 integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais pela internet. A pesquisa de campo realizou-se durante o processo de formação dos universitários junto ao Programa, e ocorreu entre os meses de abril e agosto de 2015. Inicialmente a pesquisa contemplaria apenas o uso do *Facebook*, que foi adotado nos primeiros meses como meio de comunicação coletiva oficial do Programa. No entanto, não houve um consenso sobre a efetividade deste, como meio mais adequado para a comunicação interna do grupo, e, após uma reunião realizada com a coordenadora do Programa, ocorreram as mudanças.

A comunicação coletiva oficial passou a ser realizada a partir de um grupo de e-mail. As outras redes sociais utilizadas, o *Facebook* e o *Whatsapp*, tiveram suas funções definidas ou a sua especificidade de uso. O *Whatsapp* passou a ser utilizado para a comunicação instantânea. Informes oficiais, como avisos de faltas e mudanças de cronograma, deveriam ser realizados por e-mail. Já o *Facebook* teve o seu uso restrito para o compartilhamento de informações, eventos, fotos e outras mídias relevantes para o Programa.

Após essas reestruturações no Programa, passou o *Whatsapp* a ser utilizado para mensagens instantâneas e urgentes, além do *Facebook*, e, para a comunicação oficial, o e-

mail. A adoção de múltiplas redes sociais aconteceu em meados de julho. Nesse momento, a análise do *Facebook* já estava em estágio avançado, gerando um número maior de dados. As outras redes sociais foram incorporadas à pesquisa entre meados de julho e o mês de agosto, quando o trabalho de campo foi finalizado.

As perguntas orientadoras iniciais foram: O que os integrantes do Fórum Metrô pensam sobre o *Facebook*? Como eles avaliam a presença de professores nas redes sociais pela internet? Como eles enxergam as potencialidades de mobilização social pelas redes sociais pela internet? Há conexão entre a experiência da formação e o compartilhamento de informações no *Facebook*?

Após as novas definições na comunicação coletiva do grupo, novas perguntas foram incorporadas: No *Facebook*, as postagens que não eram de comunicação interna diminuíram após as mudanças propostas? A definição de funções de cada rede social resultou em uma maior interação do grupo? As mensagens enviadas pela coordenadora resultaram em interações mais rápidas? O *Whatsapp* cumpriu seu papel de realização da comunicação instantânea do grupo? Quais mudanças foram observadas a partir do uso do grupo de e-mail?

Dessa forma, a nossa pesquisa tem como objetivo contribuir para as discussões sobre as novas possibilidades de comunicação, e consequentes interações, em contextos educacionais de Ensino Superior. Os desafios enfrentados ao longo da pesquisa revelam a emergência em ampliar a discussão sobre o tema. Cada vez mais, estamos expostos ao uso intensivo e cotidiano da internet e das redes sociais, caracterizadas pela transitoriedade e por terem, cada uma, vocação própria. São imensas as possibilidades de uso, no que tange à aplicação pedagógica ou à comunicação, e precisam ser aperfeiçoadas em experiências práticas, quanto aprofundadas em reflexões acadêmicas.

2. Metodologia de pesquisa

A pesquisa tem natureza qualitativa, pois tem como objetivo observar a interação de diferentes sujeitos. Andre (2008) afirma que as pesquisas qualitativas são orientadas a partir da valorização do papel ativo dos sujeitos na construção de sentidos. A proposta de investigar o uso das redes sociais digitais, como meio de interação dos integrantes do Fórum Metrô, permite analisar os sentidos construídos, ao longo do processo de formação junto ao Programa, e as interações estabelecidas pelo grupo.

A adoção do estudo de caso é resultado da possibilidade de articulação de variados instrumentos de pesquisa (aplicação de um questionário, roda de conversa e observação

participante), que viabilizaram a coleta de dados, tanto nos encontros presenciais, quanto no ambiente virtual. Foram adotados, conforme Bassey (2003, p. 81-82), os três principais métodos de coletas de dados em estudos de caso: observar eventos, fazer perguntas e ler documentos.

O primeiro passo para a construção dos elementos chave da pesquisa foi a aplicação de um questionário on-line, compartilhado pelo *Facebook*. As perguntas foram registradas em três categorias: 1) identificação pessoal com dados básicos sobre os sujeitos da pesquisa; 2) informações sobre a relação entre os sujeitos da pesquisa e a Universidade; 3) informações sobre as práticas culturais, a sociabilidade e o uso que fazem das tecnologias digitais.

Particpei de 20 encontros, durante a formação oferecida pelo Fórum Metrô aos integrantes, ocasião em que pude fazer observações e análises; foram ali perpassadas as seguintes temáticas: Juventudes; Edição e Gravação de Vídeos; Metodologia de Pesquisa; Direitos Humanos; e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além disso, observei três reuniões entre a coordenadora e os integrantes do Programa, realizando também a observação participante. Os dados foram coletados em um “diário de bordo”, durante todo o percurso da pesquisa. Alguns encontros foram filmados utilizando-se o *smartphone*, no entanto, por avaliação dos próprios integrantes, chegou-se à conclusão de que as gravações afetavam a espontaneidade do grupo, e a opção foi abandonar o recurso.

Para coletar dados sobre o que os integrantes do Fórum Metrô pensam sobre o *Facebook*, realizou-se uma “roda de conversa”. Planejada inicialmente para ser uma entrevista semiestruturada, mas, como o grupo era muito extenso, a entrevista se fez cansativa e com participações espontâneas limitadas, durante sua execução. Foi então que veio a opção de uma roda de conversa aberta, mantendo-se a semiestrutura das questões propostas, através de questões orientadas e relevantes, mas com uma participação mais espontânea. As alternativas metodológicas durante a investigação inicial foram importantes para que os contratempos da pesquisa pudessem ser rapidamente resolvidos, sem comprometer a coleta de dados.

Para coletar dados sobre a experiência vivenciada pelos integrantes do Fórum Metrô, analisei os relatórios feitos por eles sobre o seu processo de formação junto ao Programa. Os relatórios eram apresentados semestralmente e, portanto, contemplavam em parte o processo de formação. No entanto, a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) solicitou, a fim de realizar um acompanhamento do programa de extensão em vigência, que os relatórios fossem entregues mensalmente, conforme previsto no Programa (conforme a coordenadora em e-mail enviado

ao grupo). Assim, para coletar dados do último tema visto no programa de formação, então a EJA, foram analisados os relatórios relativos ao mês de agosto.

A partir da análise dos relatórios, levantei as principais categorias abordadas pelos integrantes do Programa. As categorias levantadas foram: redução da maioridade penal, genocídio do povo negro, racismo e direitos humanos; categorias que serviram como base para a análise das postagens do *Facebook*, realizadas pelos integrantes. Assim, foi possível observar os diálogos estabelecidos entre as temáticas trabalhadas no processo de formação ao longo do Programa e as postagens realizadas no grupo do *Facebook*.

As interações estabelecidas para o *Whatsapp* e para o grupo de e-mail foram analisadas a partir da proposta de comunicação validada pelo grupo (em reunião já mencionada). Portanto, as mensagens enviadas ao grupo pelo *Whatsapp* foram observadas conforme a sua função de comunicação imediata, para troca de informações e avisos. Os e-mails trocados pelo grupo foram analisados seguindo o mesmo critério, a partir de sua função, realizar comunicação interna oficial, como a divulgação da programação semanal, avisos de faltas e propostas de trabalho.

A *netnografia*⁴ foi a metodologia de análise utilizada para lidar com a diversidade de dados coletados. Essa metodologia de análise possui um caráter etnográfico, e é realizada parcialmente em ambiente virtual. Assim como a pesquisa etnográfica, a *netnográfica* tem como preocupação central o entendimento sobre os significados construídos pelos sujeitos pesquisados. Os sentidos construídos são analisados a partir de uma perspectiva cultural.

Uma das distinções básicas entre a *netnografia* e etnografia tradicional é o fato da primeira ser mediada pela internet e muitos dados coletados serem disponíveis publicamente. Além disso, a observação em meio virtual deve levar em consideração sua cultura própria, com significados e símbolos exclusivos e relevantes para a análise dos dados coletados.

3. Estrutura da dissertação

Capítulo 1: O primeiro capítulo apresenta o contexto desta pesquisa, os sujeitos envolvidos nela, e também o Programa Fórum Metrô e a discussão sobre a crescente importância dos programas de Extensão Universitária na ampliação do diálogo entre a Universidade e a sociedade. Em seguida, são apresentados os obstáculos enfrentados ao longo da pesquisa que resultaram na reconstrução dos objetivos e método definidos inicialmente. O

⁴ O termo *netnografia* é um neologismo, segundo Nogueira, Gomes e Soares (2011), que designa uma metodologia de análise de uma pesquisa com o caráter etnográfico em ambiente virtual.

contexto da pesquisa gira em torno do processo de formação que foi oferecido aos integrantes do Fórum Metrô de abril a agosto de 2015. O conteúdo desenvolvido foi composto pelos seguintes temas: Juventudes; Educação Popular; EJA; Direitos Humanos; Edição e gravação de vídeos; Metodologia de pesquisa. Durante a formação, algumas atividades externas relacionadas ao processo foram realizadas e registradas. Por fim, a trajetória é analisada a partir das temáticas abordadas e das atividades realizadas, sendo utilizados os dados coletados na observação participante e nos relatórios apresentados.

Capítulo 2: No segundo capítulo é apresentada a proposta metodológica da pesquisa, com a abordagem qualitativa a partir do estudo de caso, utiliza-se a *netnografia*, a partir das reflexões de Kozinets (1998), Amaral, Natal e Viana (2009) e Mozo (2005). Em seguida, são descritos os instrumentos de coleta de dados utilizados e apresentados os desafios e soluções encontrados. Posteriormente, o referencial teórico é apresentado: a partir das ideias de Giddens (1991; 2001), Gumbrecht (1998) e Bauman (2009; 2013; 2014), é discutido o conceito de pós-modernidade para retratar o atual momento em que vivemos; a partir do pensamento de Lévy (1999; 2003), Sibilia (2008) e Bauman (2013; 2014), a temporalidade nos tempos digitais é discutida; tomando como referenciais teóricos Bourdieu (1997), Castells (2009; 2013) e Bauman (2014), abordamos a centralidade da informação na atualidade, potencializada pelo fluxo possibilitado pela internet. Por se tratar de uma característica das práticas culturais estabelecidas em redes sociais pela internet, a última questão debatida foi a da criação da *autoimagem* e a sociedade confessional, a partir dos debates levantados por Bourdieu (2006), Sibilia (2008), Bauman (2013; 2014) e Giddens (1991).

Capítulo 3: O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo ambientada virtualmente. O tratamento dos dados foi realizado a partir dos conceitos de redes pela internet apresentados por Recuero (2008); dos conceitos sobre *autocomunicação* e relações de comunicação e interação de Castells (2013); também recorreremos às ideias de Lévy (2009) sobre interatividade. Em seguida, é examinada a presença dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais digitais, assim como a interação com professores. Fazemos um breve histórico do *Facebook* e investigamos o que os sujeitos da pesquisa pensam sobre essa rede social digital e sobre o diálogo entre as temáticas abordadas no processo do programa de formação e as postagens realizadas. Após decisão coletiva, como já mencionado, o meio de comunicação oficial do grupo passou a ser o e-mail, e as outras redes sociais, *Facebook* e *Whatsapp*, passaram a ter atribuições específicas.

Capítulo 4: O quarto capítulo apresenta a proposta de intervenção construída a partir das reflexões estabelecidas a partir do estudo de caso realizado. O público alvo são professores e estudantes de licenciatura. A união de professores e estudantes quebra barreiras preestabelecidas colocando todos na condição de aprendizes. A horizontalidade proposta já se faz presente no recorte da oficina que será composta por dois encontros presenciais. O primeiro deles será destinado a discussão sobre a intensificação e o uso simultâneo de múltiplas redes sociais pela internet. Algumas dificuldades enfrentadas neste contexto serão levantadas. Em seguida, serão formados grupos que serão responsáveis pela discussão e produção de um material que será compartilhado com o grupo no *Facebook*, que será criado com essa finalidade. O segundo encontro será para explorar as possibilidades, desenvolvendo habilidades (a partir das dificuldades técnicas que surgirem no primeiro encontro) de manuseio.

1. O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

1.1 A crescente importância da Extensão nas universidades

O Regimento da UFMG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2012)⁵ (art. 60) afirma que a “extensão é um processo educativo, artístico, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, cujo objetivo é ampliar a relação da Universidade com a sociedade”. Assim, programas de extensão voltados para a educação podem ser uma excelente oportunidade para a Universidade dialogar com as demandas da sociedade, possibilitando articulação entre o conhecimento científico e a vivência prática.

A Pró-reitoria de Extensão (PROEX) é responsável pela mobilização de recursos e pela gestão dos programas de extensão que ocorrem na UFMG. Sendo assim, cabe à PROEX a realização dos processos de seleção de programas inscritos em editais, que ocorrem anualmente, e são preenchidos por projetos construídos e enviados por docentes da Universidade. De acordo com o preâmbulo do Edital PROEXT/2015⁶:

O Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROEXT) 2015 é um instrumento que abrange programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na formação dos alunos e na inclusão social nas suas mais diversas dimensões, visando aprofundar ações políticas que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito das Instituições Federais, Estaduais e Municipais de Ensino Superior. (BRASIL. Ministério da Educação, 2015).

Segundo o edital, um dos objetivos é ainda fortalecer a formação dos universitários associando a “natureza pedagógica à função social da educação superior”, estimulando, dessa forma, o desenvolvimento social, e visando a uma atuação profissional “pautada na cidadania e na função social” da Universidade Pública.

Por fim, outro objetivo elencado, que dialoga com o Programa Fórum Metrô, e dá relevância à nossa pesquisa, é a contribuição para a melhoria da qualidade da Educação brasileira por meio do contato direto dos estudantes extensionistas com realidades concretas e da troca de saberes acadêmicos e populares.

⁵ O regimento completo está disponível em: <https://www2.ufmg.br/sods/Sods/Sobre-a-UFMG/Regimento-Geral>. Acesso em: 08 nov. 2015.

⁶ O Edital PROEXT/2015 está disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15149-edital-proext-2015&category_slug=fevereiro-2014&Itemid=30192. Acesso em: 30 dez. 2015.

A proposta apresentada pelo edital, assim como os objetivos que orientam a PROEX, estão conectados ao desafio de intensificar o diálogo entre a Universidade (e toda a sua produção acadêmica) e a sociedade. Como esse diálogo nem sempre acontece, ao longo da vida universitária, essa vem a ser uma questão iminente.

O Plano Nacional de Educação ou PNE⁷ (BRASIL, 2014), Lei 13005/2014, contempla essa questão quando estabelece que 10% dos créditos necessários para a integralização dos cursos de graduação devem ser provenientes da participação em ações de extensão promovidas pela Universidade. Para atender a essa resolução, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), formado por pró-reitores de Graduação, Extensão e Assuntos Estudantis, aprovou a Formação em Extensão Universitária, regulamentando suas atividades e garantindo a efetividade da determinação do PNE.

O estudo sobre experiências em programas de extensão é relevante e pode contribuir no atual cenário de valorização das experiências práticas em diálogo com a do conhecimento acadêmico. Segundo a pró-reitora de Extensão, Benigna Maria de Oliveira, em entrevista para o portal da UFMG na internet⁸, as atividades de extensão contemplarão preferencialmente comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A tendência declarada pode ser observada em programas que estão ocorrendo na Universidade como o Fórum Metrô.

1.1.1 O Programa de Extensão Universitária da UFMG *Fórum Metrô*

O Programa de Extensão Universitária da UFMG *Fórum Metrô* foi apresentado ao Edital do Programa de Extensão Universitária da UFMG – PROEXT 2015, lançado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Superior – MEC/SESu objetivando o fomento e apoio a Programas e Projetos de Extensão em todo o país. Adequado à Linha 19: Relação entre Estado e Sociedade, Promoção da Participação Social e Políticas para a Juventude, o referido programa abarca cinco projetos que se entrecruzam de maneira transversal sob o subtema da Promoção da participação social no âmbito da educação e da cultura, tangenciados pelos subtemas de Formação de Educadores para atuar na EJA, Formação de Conselheiros; Garantia de Direitos da Juventude e prevenção à violência; Educação Popular; Fortalecimento do controle social de políticas públicas e da atuação dos movimentos sociais.

O Programa é composto por cinco projetos, a saber:

⁷ O Plano Nacional de Educação está disponível em: https://www.ufmg.br/conheca/informes/ia_reg_novo_prop.html. Acesso em: 21 nov. 2015.

⁸ <https://www.ufmg.br/online/arquivos/040114.shtml>. Acesso em: 08 nov. 2015.

1. Agenda Integrada de Educação de Jovens e Adultos pretende fazer parte do processo educativo, social e científico que articula e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade. O impacto social pretendido com tal Projeto é o incentivo, estímulo e subsídio para a implantação e a implementação de *Conselhos de Educação, de Conselhos do FUNDEB, de Juventude, de Promoção da Igualdade Racial, de Sistemas de Ensino e de Fóruns Municipais de EJA* que, além de atuarem como instâncias de gestão democrática visando o controle social e a cidadania ativa, colaborarão no desenvolvimento local e regional, pautados em dados concretos e recentes sobre oferta e demanda de EJA em seus municípios;
2. O projeto de Formação de Educadores Populares que pretende por meio de vivências teórico-metodológica, como oficinas, grupos de estudo e trabalho, formar educadores populares. Os principais temas abordados serão: fundamentos e práticas da Educação Popular *Freiriana*, Gestão Compartilhada, Orçamento Participativo, Políticas Públicas e Controle Social, Economia Solidária, Educação com pessoas em Situação de Privação de Liberdade e Educação nas Prisões, Cultura Popular, Registro e Sistematização;
3. A *Revista Eletrônica da EJA – Revej@* é a única dedicada exclusivamente à temática e seu funcionamento está suspenso desde 2010. Assim, devido à carência de um espaço de publicações acadêmicas no Brasil e a necessidade de incentivar e divulgar pesquisas sobre a EJA, a proposta é reativar a revista;
4. O Projeto PARTILHA DE SABERES é dirigido a estudantes de graduação da UFMG que estejam na situação de baixa renda, moradores ou oriundos de favelas e de comunidades das periferias, dos municípios relacionados ao *Plano Juventude Viva na RMBH*. Eles estabelecerão interlocução com comunidades de seus municípios de origem no formato de oficinas de Direitos Humanos e de produção literária.
5. O *Projeto Jovens Vivos na EJA* propõe a formação de jovens educandos da UFMG como incluídos digitais para que os mesmos criem espaços de atuação promovendo a inclusão de outros jovens, em seus municípios de origem, e tenham uma alternativa de geração de renda. Esses jovens deverão

ter desenvolvida a habilidade de construir alternativas para intervir na realidade da comunidade onde vivem a partir de intervenções voltadas para as TIC nessa comunidade, conforme DA SILVA (2014).

Cada um dos projetos é efetivado por meio de atividades práticas. A nossa pesquisa investiga o processo de formação dos universitários que fazem parte do Programa. A participação dos sujeitos da pesquisa ocorrerá no *Projeto Partilha de Saberes*, onde os integrantes realizam oficinas em comunidades que pertencem aos municípios participantes do Programa. Participam também da *Agenda Integrada* em que realizam um levantamento sobre as condições de oferta e número de escolas e estudantes da EJA, nas cidades propostas, e na reativação da revista eletrônica *Revej@*. Assim, podemos observar que atuação dos universitários ocorre tanto numa dimensão acadêmica, quanto prática, ingressando nas diversas esferas da formação profissional ofertada pela Universidade.

1.2 Os desafios na construção do recorte da pesquisa

Após a aprovação no processo seletivo do PROMESTRE iniciei um levantamento bibliográfico, priorizando teses e dissertações que contemplassem temas como: violência; mortalidade juvenil; drogas; especificamente em relação à EJA: a juventude, o uso de tecnologias digitais, as culturas juvenis presentes e ausentes, o crescimento do número de jovens; e, em geral, as potencialidades do uso de redes sociais digitais na educação. Além disso, busquei na sociologia os alicerces para um melhor entendimento das transformações vividas na atualidade, assinalada pela presença marcante das tecnologias digitais e pelo grande fluxo de informações.

O recorte proposto a partir desse levantamento foi o da investigação dos jovens educandos da EJA que vão participar do curso de *Inclusão Digital*. O curso faz parte das ações do *Projeto Jovens Vivos na EJA*, que propõe o desenvolvimento de habilidades para construir alternativas de intervenção na realidade de suas comunidades. Foram contempladas as cidades com os maiores índices de violência da região metropolitana de Belo Horizonte.

A proposta da pesquisa foi de investigar os modos como esses jovens interagem no *Facebook* e como essa vivência se relaciona com a sua situação de educando da EJA. Premissa que orientou a construção do objeto de pesquisa, ler, ouvir e observar como esses jovens se comunicam e o que expressam pelo *Facebook*, que constitui uma forma de

compreender os sentidos, laços de sociabilidade e identidades construídas no ambiente virtual e seu diálogo com as vivências cotidianas.

No entanto, os obstáculos encontrados pela coordenadora do Fórum Metrô para implantar o *Projeto Jovens Vivos na EJA* foram enormes. O início do Programa estava previsto para janeiro de 2015 e os desafios começaram a partir daí, pois, devido ao calendário estabelecido no edital do Fórum Metrô, não foi possível realizar o processo de seleção de bolsistas no final do ano letivo de 2014. Portanto, a divulgação começou a ser feita no mês de janeiro, sobretudo pela internet: pelo *Facebook*, pela plataforma da UFMG e pelo e-mail. Mesmo assim, não ocorreu a mobilização necessária para a realização do processo de seleção.

No mês de março, após o início das aulas é que foi possível realizar o processo de seleção. Embora previsto pelo edital, tal fato revela os limites institucionais que comprometem a execução de programas de extensão da UFMG. Os programas precisam sofrer ajustes para se adequarem à realidade institucional e para a sua execução dentro do tempo previsto em edital.

A seleção contou com universitários de diversos cursos de licenciaturas e o processo de seleção se deu pela análise de currículo, prova escrita e entrevista individual, e então a partir da aprovação, a assinatura de compromisso e a declaração de disponibilidade de 20 horas semanais. As entrevistas ocorreram no final do mês de março e selecionados iniciaram o Programa a partir de abril. Mas os desafios para o início do Programa não pararam por aí.

O ano de 2015 iniciou sob forte instabilidade política e econômica e as universidades públicas sentiram os impactos da vulnerabilidade vivida no país. Cortes de verbas, obras paradas e muitos programas ofertados pela Universidade sofreram cortes, exemplos do impacto das mudanças. Nesse cenário, o Programa iniciou-se de fato no final de abril e a reestruturação do seu cronograma foi inevitável.

A proposta inicial de investigar os jovens que participariam do *Curso de Inclusão Digital* não foi mais possível, pois foi adiado para 2016, tal fato inviabilizou o recorte proposto e, assim, extrapolaria o prazo estabelecido pelo edital do PROMESTRE. Uma situação difícil, visto que levantamentos bibliográficos estavam em andamento e a metodologia de pesquisa de campo já estava sendo elaborada.

Optamos por compreender os desafios de realização de uma pesquisa, com prazos limitados, propostos para os cursos de Mestrado Profissional e Acadêmico brasileiros. Vivendo em um mundo cada vez mais dinâmico e acelerado, naturalmente, são também afetadas as relações profissionais e a produção acadêmica. Assim, os desafios propiciaram a

chance de contribuir para um campo que demanda atenção, e que está em profunda transformação, que é a vivência dos jovens universitários que serão os futuros professores brasileiros.

Um consenso quando falamos em educação é a necessidade de mudança. A formação dos futuros professores é um dos pontos chave para que a necessidade de mudanças seja atendida. Os integrantes do programa Fórum Metrô são jovens universitários que têm em comum o fato de serem estudantes de cursos de licenciatura. Ou seja, atuarão, em suas vidas, como profissionais nas salas de aula, em diversas modalidades, níveis e etapas da Educação.

Além disso, estão conectados às redes sociais, como o *Facebook*, o *Whatsapp* e o e-mail, comunicando, interagindo e construindo novos sentidos para a vivência universitária. Quem são esses jovens? Por que participam do Fórum Metrô? Como se comunicam pelo *Facebook*? Há diálogo entre a vivência no Fórum Metrô e nas redes sociais pela internet? A resposta dessas questões pode contribuir para o melhor entendimento da experiência vivida pelos universitários pesquisados no interior de um programa de Extensão Universitária.

1.3 Os sujeitos da pesquisa: os universitários que compõem o Fórum Metrô

O recorte da pesquisa define como sujeitos da pesquisa 19 universitários que integram o Fórum Metrô. Como já mencionado, a seleção dos estudantes foi realizada durante o mês de março de 2015 e foi composto por três etapas. A primeira, a análise documental que comprovou a regularidade da vida do estudante, a segunda, foi uma prova escrita, e, em seguida, a entrevista individual com a coordenadora do Programa.

O vínculo institucional estabelecido é a bolsa de extensão, no valor de R\$ 400,00 (quatrocentos reais). O edital inicial⁹ foi aberto para todos os estudantes de graduação dos cursos de licenciatura e prevê contrato com 24 meses de duração, não podendo ultrapassar o tempo regular do curso de graduação. A carga horária proposta pelo Programa é de 20 horas semanais, incluindo 8 horas aos sábados e 4 às sextas-feiras à tarde.

As horas de trabalho aos sábados são dedicadas às oficinas previstas no *Projeto Partilha de Saberes*. Os integrantes serão responsáveis pela construção e aplicação de oficinas em comunidades e ocupações urbanas nos municípios contemplados pelo Fórum Metrô. Decorre então a obrigatoriedade do cumprimento da carga durante o final de semana.

⁹ O edital de seleção de bolsistas da graduação está disponível em: <https://www2.ufmg.br/proex/Area-do-Aluno/Oportunidades-de-Bolsas/Programa-Forum-Metro-ate-02-de-marco>. Acesso em: 21 nov. 2015.

Com a saída de três dos integrantes, tornou-se necessária a realização de um novo processo seletivo, para não comprometer os resultados da pesquisa. E, embora o Programa funcione com 21 bolsistas, pesquisamos apenas 19 deles, a escolha foi realizada a partir da permanência, pois embora três integrantes tenham entrado em uma segunda seleção, a pesquisa foi limitada aos integrantes que permaneceram no Programa no momento do encerramento do trabalho de campo.

A privacidade dos sujeitos da pesquisa é reservada através da adoção de pseudônimos, que retratam nomes de cantores e cantoras de *Rap Nacional*. Essa opção é resultado de uma conversa informal com alguns dos integrantes do Fórum Metrô,¹⁰ pois o estilo musical reflete e dá visibilidade à vida da juventude nas periferias urbanas brasileiras e mostra a importância do diálogo entre as vivências.

No momento em que foi iniciada a sistematização dos dados levantados na pesquisa de campo, tomamos nota da necessidade de criação de pseudônimos para adequar a pesquisa aos pressupostos metodológicos necessários, garantindo a privacidade dos sujeitos pesquisados. A lembrança da mencionada conversa nos levou à decisão de usar nomes de *rappers*, que usam a música como voz de denúncia e alternativa para as dificuldades vividas por uma parcela muito significativa das pessoas que vivem nas periferias das grandes cidades.

A proposta do Programa, suas ações, e recorte de atuação, levam os sujeitos analisados na pesquisa a penetrar na realidade educacional e socioeconômica das áreas com maiores índices de violência na região metropolitana de Belo Horizonte. Logo, estarão em contato com a realidade tratada nas músicas produzidas por *rappers* de todo o Brasil. Esse elo foi decisivo na opção por adotar pseudônimos relacionados à temática abordada pelo Fórum Metrô.

O grupo é formado por nove homens e dez mulheres, entre 20 e 28 anos. Como pode ser visto no gráfico da Fig. 1 o maior grupo é formado por estudantes de Antropologia, Geografia e Ciências Sociais. Portanto, há um predomínio dos cursos da área de Ciências Humanas, apenas dois integrantes, *Lindomar 3L* e *Emicida*, cursam Ciências Biológicas e Gestão de Serviços de Saúde, respectivamente, e não fazem parte dessa afirmativa.

¹⁰ Durante o intervalo de um encontro percebeu-se, na conversa, que todos os presentes, assim como eu, gostavam do atual cenário do *Rap Nacional*.

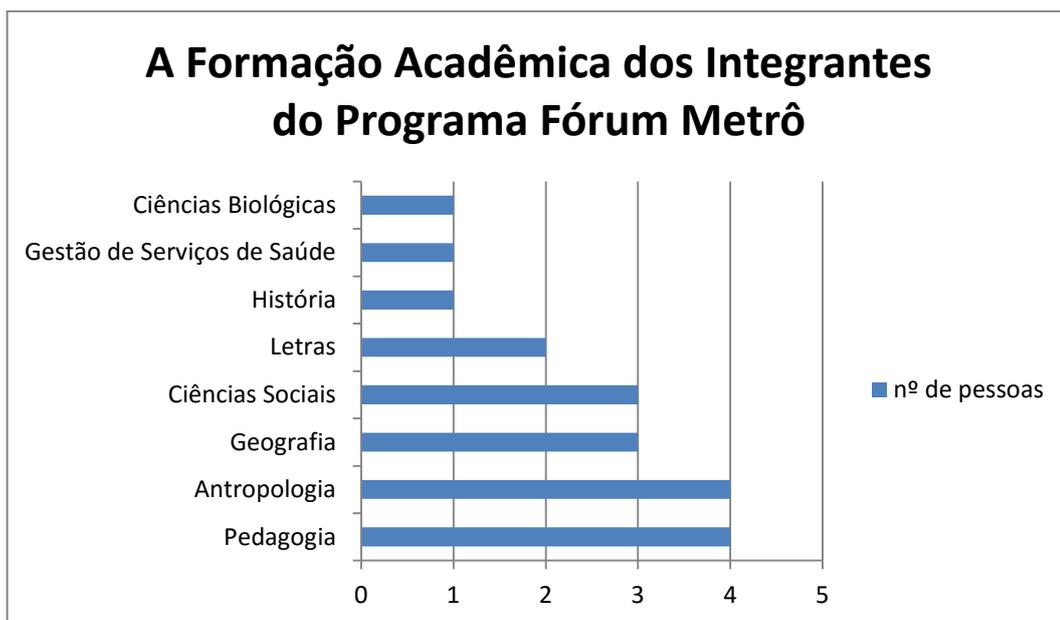


Figura 1– A Formação Acadêmica dos Integrantes do Fórum Metrô (Dados da pesquisa)

O predomínio de estudantes de Ciências Humanas é previsível e remonta a uma importante questão quando tratamos da formação docente na Universidade, para os que cursam outras áreas de conhecimento, ao fazerem licenciaturas, relegam a segundo plano, nos próprios cursos e na vivência acadêmica, as discussões relativas à Educação. Esse *déficit* pode ser notado na fala de *Lindomar 3L*, que, durante a sua apresentação, na primeira reunião geral, afirmou que:

Lá no ICB a licenciatura não é muito valorizada não, sabe. Eu tinha uma má impressão da FAE no início do curso por conta disso. Você fica meio alienado. Aí eu vim fazer uma matéria aqui e fiquei surpreso. Esse semestre estou fazendo mais e acho que o Fórum Metrô vai me ajudar a entender mais os lances da Educação (*Lindomar 3L: Observação participante, 2015*).

A participação dos estudantes em programas de extensão pode, portanto, contribuir para o estreitamento entre o conhecimento produzido nas universidades e as demandas práticas que assolam a sociedade.

Outro dado relevante é o fato de que a maioria dos integrantes passou pelo menos uma parte da vida escolar em escolas públicas. O interesse em participar de um programa de extensão dessa natureza, segundo *Negra Li*, durante a primeira reunião geral, é a “vontade de mudar a realidade que a gente vive nas escolas e sabe que a coisa não tá boa. Esses lugares de maior violência, pode ver, as escolas são muito ruins”.

O gráfico abaixo mostra a origem escolar dos integrantes do Fórum Metrô:

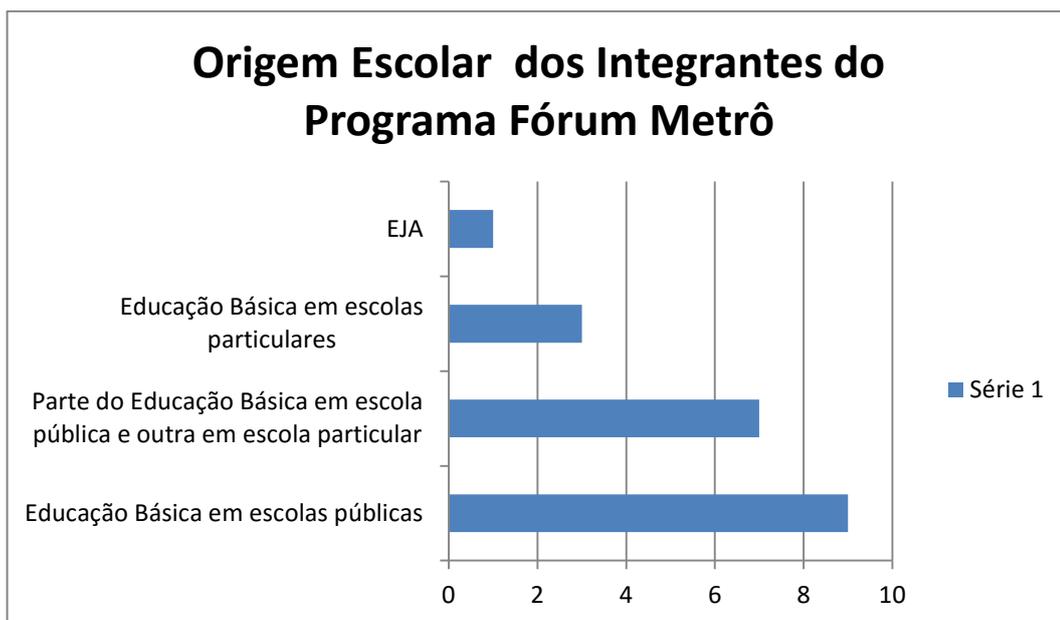


Figura 2– Origem Escolar dos Integrantes do Fórum Metrô (Dados da pesquisa)

Um dos integrantes do Programa, *Mano Brown*, terminou o Ensino Médio na EJA. A narrativa de sua trajetória escolar é bastante significativa:

Eu militei no movimento estudantil no Estadual Central e acabei arrumando umas tretas com a direção e fui expulso. Depois fui para o Instituto de Educação. Nessa época eu já dava uma moral pra galera que militava nas ocupações urbanas. Larguei tudo Morei na Ocupação Eliana Silva por um ano, aprendi muito lá. Quando você passa um tempo maior nessas paradas você começa a ser mais um. Tá... quando voltei, terminei o Ensino Médio na EJA no Estadual Central. Já sabia, antes de ir pra lá que o grêmio estudantil tinha sido extinto fazia um tempo. Antes de sair ajudei na reativação do grêmio. O projeto é um jeito de continuar na luta. (*Mano Brown: Observação participante, 2015*).

Uma das perguntas realizadas durante a primeira reunião geral foi: as razões que levaram a participação no processo seletivo. Essa pergunta, realizada anteriormente nas entrevistas de seleção, foi exposta para o coletivo como forma de compartilhamento de experiência e interesses. A apresentação foi feita individualmente, com momentos de debate coletivo, e os integrantes que foram incorporados ao grupo em um segundo processo seletivo apresentaram-se durante o processo de formação. E, assim, pudemos complementar as informações necessárias para a análise.

Os integrantes do Fórum Metrô demonstraram engajamento sobre questões ligadas à Educação, militâncias contra o genocídio da população negra, e a favor das ocupações

urbanas, do movimento estudantil, dos coletivos feministas e de universitários negros da UFMG. Apenas *Leilah Moreno*, *Criolo* e *Sabotagem* afirmavam não atuarem em nenhum tipo de coletivo e/ou movimento social.

Flora Matos, por exemplo, cursa e realiza formação complementar em Educação Social¹¹, atualmente participa do *Coletivo de Estudantes Negros da UFMG*, coletivo do qual também participa *Afro-x*, do *Bloco das Pretas*¹², e também participa do *Fórum das Juventudes da Grande BH*. Afirmou experiência de realização de oficinas em ocupações urbanas sobre questões étnicas e de segurança pública. Muito atuante em diversos momentos durante a reunião, ela demonstrou ter familiaridade e conhecimento sobre as discussões contra o genocídio da juventude negra.

Negra Li, por sua vez, afirmou que sua participação no Programa foi estimulada pela proposta de atuação. Moradora de umas das áreas de maior violência em Belo Horizonte, a região do Venda Nova, ela percebe no seu cotidiano a necessidade de maior intervenção na realidade local. Segundo ela, “o pior é que as pessoas que vivem em lugares violentos param de acreditar que as coisas podem mudar”. Afirmou não ter nenhuma experiência com a EJA, mas afirmou ter participado de um projeto de preparação de material didático sobre a diversidade sexual, desenvolvido pelo *Fórum da Mulher do Vale do Jequitinhonha*, que é voltado para mulheres daquela região.

Durante a apresentação individual, *Omínira* afirmou ter grande interesse nas temáticas contempladas pelo Programa. Ela, já licenciada em história, cursa a sua segunda graduação em Antropologia. Segundo ela, “a educação não é voltada para a transformação, e sim para a manutenção do sistema”. Sentiu-se despreparada para “enfrentar” a sala de aula, reforçando o discurso do “descaso” com os cursos de licenciatura. Embora tenha falado sobre seus motivadores relacionados à educação, deixou claro que a opção por fazer um novo curso, em outra cidade, levou a consequências financeiras. Ela precisa da bolsa para se manter na Universidade. Assim, ela vê a oportunidade de relacionar o seu trabalho em uma área necessária para se manter.

¹¹ A formação complementar de educadores sociais é ofertada aos estudantes do curso da UFMG. O objetivo dessa formação, de acordo com informações do site da UFMG, é formar educadores habilitados para atuar “em programas e projetos educacionais não escolares, geralmente visando ao atendimento de pessoas em situação de marginalização ou risco social”. As disciplinas obrigatórias e informações complementares estão disponíveis em: <https://www2.ufmg.br/.../Formação%20complementar.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2016.

¹² O *Bloco das Pretas* é um coletivo feminista negro e periférico, segundo descrição da página do *Facebook* disponível em: https://www.facebook.com/blocodaspretas/info/?tab=page_info. Acesso em: 01 jan. 2016.

A fala de *Omínira* levou a manifestações espontâneas de *Pamelloza*, *Negra Li*, *Flora Matos* e *Emicida*, sobre o valor da bolsa oferecida pela Universidade. Queixaram não sobre o Programa, mas sobre a estrutura de distribuição e valor da bolsa que, segundo eles, é “insuficiente para sobreviver”. Nesse momento, a coordenadora aproveitou para falar um pouco das dificuldades financeiras vividas pela Universidade e pelo Fórum Metrô, diante do corte de verbas. Houve um consenso sobre a desvalorização das bolsas nos últimos anos.

O debate estabelecido sobre a questão das bolsas foi relevante, pois, muitas vezes, o tema é desprezado. A Universidade conta, cada vez mais, com estudantes provenientes de realidades distintas e muitos trabalham e estudam. As bolsas de iniciação científica e de extensão tornam-se formas de renda de muitos estudantes e isso deve ser levado em consideração.

Após o final das apresentações individuais, a coordenadora do Programa deu início à apresentação do Fórum Metrô. Para introduzir, apresentou um vídeo e um infográfico sobre a questão da violência contra os jovens negros como forma de sensibilização em relação ao Programa. Em seguida, apresentou os cinco projetos que previstos para 2015 e 2016 e também o desafio em relação à burocracia e aos cortes de verba.

Os integrantes do *Fórum Metrô* foram informados que, devido a uma série de atrasos, o trabalho nas comunidades ocorreria somente no segundo semestre. Até lá, passariam por um processo de formação teórica, com encontros regulares. As temáticas trabalhadas foram, a saber: Direitos Humanos; Educação Popular; Juventudes; Metodologia de Pesquisa; EJA; Raça e Etnia; Gravação e Edição de vídeo, a partir de dispositivos móveis.

Por fim, foi sugerido pela coordenadora que o *Facebook* fosse utilizado como meio de comunicação através da internet, o que seria um facilitador estratégico, de acordo com a sua opinião, pois, sendo o grupo extenso, naturalmente os participantes apresentariam tempo e demandas distintas. O grupo mostrou-se favorável, sem nenhuma objeção, embora dois dos membros tenham sinalizado algum desconforto, por não serem usuários frequentes. No entanto, foi consenso que a ferramenta seria eficiente para a proposta do Programa e da interação propiciada, sendo mais ágil do que o uso da plataforma utilizada pela Universidade.

1.4 O processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô

As adversidades vividas pelo Fórum Metrô, já citadas, levaram a uma brecha no cronograma. O adiamento dos projetos que compõem o Programa possibilitou a realização do processo de formação teórica de seus integrantes. Integrantes de programas de extensão da

Universidade, por vezes, transitam em áreas distantes da sua vivência acadêmica, propiciada pela graduação. A imersão desses sujeitos em seu campo de ação pode contribuir para a efetividade dos programas de extensão e colaboração no processo de formação dos universitários e pós-graduandos.

A coordenadora organizou um curso de formação, ocorrido nas quintas, sextas e sábados, nas dependências do prédio da Faculdade de Educação, onde foram contempladas as temáticas relevantes, para a atuação dos bolsistas nas áreas da RMBH que possuem elevados índices de violência.

A proposta da nossa pesquisa não era a de avaliar a formação dos integrantes do Fórum Metrô, no entanto, percebemos que seria fundamental compreender o que estava sendo discutido e quais as atividades estavam sendo realizadas. Dessa maneira, pudemos observar o quanto o curso de formação influenciou as interações e informações analisadas, compartilhadas nas redes sociais pela internet.

Para complementar as informações obtidas na observação participante, analisei os relatórios sobre as atividades realizadas durante o curso. Os relatórios — premissa dos programas de extensão, servem para avaliar e diagnosticar os trabalhos realizados —, construídos individualmente, foram enviados e avaliados, além de compartilhados pelo grupo de e-mail do Fórum Metrô, e também foram encaminhados para o PROEXT pela coordenadora do Programa.

Embora, de antemão, a coordenadora tenha compartilhado o modelo a ser seguido, o texto dos bolsistas apresentou variações consideráveis. Alguns relatórios não apresentavam a descrição completa das atividades e nem as datações necessárias. A partir da descrição das atividades, categorizei as principais palavras-chave dos assuntos tratados. A intenção, na coleta e categorização, é relacionar as vivências no processo de formação com as interações e informações compartilhadas no grupo do *Facebook*, mas, primordialmente, contribuir para discussões sobre as novas possibilidades de comunicação, e consequentes interações, em contextos educacionais do Ensino Superior.

1.4.1 O que os integrantes do Fórum Metrô relataram sobre o processo de formação

Este tópico tem o objetivo de analisar o processo de formação a partir da análise do relatório semestral feito pelos integrantes e da observação participante realizada nos encontros presenciais e registradas em um “diário de bordo”. Para fundamentar as discussões

apresentadas recorri a referências teóricas presentes nas discussões ao longo do processo de formação.

Um limite na análise dos relatórios de acompanhamento do Programa é que eles são construídos com uma finalidade própria, que é relatar o que foi feito a partir de um recorte temporal. O caráter institucional pode comprometer a espontaneidade da narrativa construída. Compreendida essa limitação, tentei estabelecer uma conexão constante entre os dados obtidos nos relatórios e os registros feitos no diário de bordo.

As discussões travadas, durante os encontros que participei, dialogavam com a proposta do Programa e, quase sempre, resultava em reflexões sobre possíveis formas de atuação. Em seu relatório, *MC Papo* evidenciou essa característica:

O processo tem sido enriquecedor, o nível dos educadores e a interação com os outros bolsistas têm servido para rever várias opiniões e posturas que, de alguma forma, massacram e condenam nossa juventude. O Programa tem auxiliado também a me sentir mais confiante e preparado para realizar as atividades proposta (*Mc Papo*: Observação Participante, 2015).

As experiências narradas nos relatórios são enriquecedoras e dialogam com a proposta do Programa, demonstrando a efetividade da proposta apresentada pela coordenadora. Em seu relatório, *Billy Saga* afirma que:

As conversas nos intervalos, os contatos via redes sociais, as ações em eventos e atividades também constituíram espaços de grande importância neste primeiro momento do curso, que teve como propósito o investimento na formação dos bolsistas para que estes possam se apropriar do projeto e, nos semestres seguintes, estarem qualificados a trabalhar com educação popular em comunidades e instituições que possuem EJA (*Billy Saga*: Relatório Semestral, 2015).

Renegado, em seu relatório também apresenta sua postura:

A mim me chamou muito a atenção a ideia de estarmos sendo capacitados para posteriormente podermos atuar na EJA de Belo Horizonte e região metropolitana sabendo as ferramentas certas que deveremos utilizar para um bom desempenho junto aos objetivos do Programa Fórum Metrô (*Renegado*: Relatório Semestral, 2015).

O formato adotado no processo de formação é que demanda maior atenção. Devido à necessidade de cumprimento da carga horária prevista pelo edital, a formação aconteceu, como citado anteriormente, nas quintas, sextas e sábados entre os meses de abril e agosto de

2015. As temáticas do processo de formação eram abordadas através de exposições, muito parecidas, por vezes, com aulas expositivas. Atividades externas, oficinas, experiência de pesquisa de campo ocorreram ao longo da formação. Mas o predomínio das atividades em sala de aula mostrou-se um limitador.

Os frequentes atrasos e faltas se tornaram assunto em pauta diversas vezes. Para os integrantes, o primeiro semestre foi marcado por um processo de aprendizagem que demandou tempo e comprometimento. Muitos deles cumprem um elevado número de créditos e, portanto, priorizavam as disciplinas em detrimento do processo de formação, embora as 4 horas às sextas e as 8 horas aos sábados estivessem previstas no Edital de Seleção em todas as suas edições.

Em seu relatório, *Criolo*, aponta o desafio de apreensão de todas as informações trazidas pelo processo de formação. Para ele, as escolhas temáticas foram adequadas e permitiram a construção de um sentido à formação. Para ele, a ação dos integrantes do Programa está em sintonia com a proposta de uma Educação Popular:

Quando penso em educação popular, logo me vem a participação horizontal de todos os presentes e, foi exatamente isso que aconteceu durante a formação. Todos os bolsistas participaram ativamente das formações colocando sua experiência e subjetividade em favor daquele momento. Outro ponto muito importante foi o caráter histórico trazido por todos os formadores que colaborou para um processo de desconstrução de pré conceitos e a construção de novos conceitos. (*Criolo*: Relatório Semestral, 2015).

A análise apurada dos relatórios permitiu a definição de categorias que serão utilizadas, no terceiro capítulo para orientar a observação das interações estabelecidas pelos integrantes do Fórum Metrô no grupo fechado do *Facebook*. Utilizando o critério da frequência dos termos, as seguintes palavras-chaves foram selecionadas: juventudes, questões étnico-raciais, genocídio do povo negro, direitos humanos, racismo, redução da maioria, intervenções urbanas, *mediativismo*. A formação, por sua vez, foi realizada segundo a ordem tratada a seguir.

1.5 Etapas do processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô

1.5.1 Formação em Juventudes e Educação Popular

A primeira etapa de formação realizada contemplou discussões sobre as juventudes, com carga horária de 60 horas. Ela ocorreu entre 22 de abril e 23 de Maio de 2015 e foi ministrada por um aluno de doutorado do Programa de Pós-graduação: *Conhecimento e Inclusão Social em Educação* da Faculdade de Educação (FAE). Inicialmente, foi realizada uma sensibilização sobre a realidade da Educação Brasileira. Em seguida, o colaborador deu início a uma exposição sobre as visões construídas no Brasil sobre seus jovens.

O que é ser jovem sob o ponto de vista histórico? Esse é um tema importante, pois pertencer a uma faixa etária é “uma condição provisória e transitória vivida em processo dinâmico” (SOUSA, 2014, p. 60). A historicização é importante, já que sociedades distintas, em tempos distintos, atribuem significados diferentes à juventude e à condição juvenil. O conceito de juventude é, portanto, uma “categoria construída e não pode ser analisada apenas por critérios biológicos ou jurídicos, pois é investida de valores que, na contemporaneidade, lhe dão um caráter provisório” (SOUSA, 2014, p. 60).

Philippe Ariès, no livro *A História Social da Família e da Criança*, define juventude como uma categoria social, fruto da consolidação da modernidade. Segundo o historiador:

A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados ao mesmo tempo a esses três mundos. (ARIÈS, 1983, p. 30).

Durante a Idade Média até meados do século XVII, nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos, assim que consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães e das avós, o que ocorria por volta dos sete anos. As transformações institucionais relacionadas ao pensamento iluminista afetaram tanto a instituição familiar quanto a escola, modificando as relações entre crianças e adultos. A infância passa a ser tratada de uma nova forma, devido a outras percepções sobre afetividade. A família torna-se a referência moral primordial, e a escola, por sua vez, o lugar da aprendizagem formal. E vale ressaltar que somente os filhos da burguesia dedicavam-se à formação escolar.

Somente no século XIX, a adolescência passa a ser socialmente caracterizada, de forma heterogênea, em níveis progressivos de reconhecimento social. Dessa forma, conforme Sousa (2014), a juventude não pode ser categorizada apenas como uma fase da vida e sim, como um momento singular e complexo da realidade vivenciada por sujeitos na sociedade.

Os jovens brasileiros, ao longo de nossa história, foram vistos de maneiras distintas, portanto é necessária a historicização da condição juvenil¹³. A primeira metade do século XX é marcada pelo crescimento da escolarização das camadas mais privilegiadas economicamente. E, para esses jovens, parte do seu tempo livre era dedicado à preparação para a vida adulta. “A noção de identidade juvenil só surge a partir dos anos 1950” (FILIPOUSKI & NUNES, 2012, p. 14), dessa década em diante observamos, não só a incorporação de jovens no sistema educacional, como também uma maior mobilização e organização. O movimento estudantil é o exemplo mais significativo, pois adotou uma postura contestatória, desafiando o sistema político existente. O enfrentamento do regime instaurado pela ditadura militar brasileira, que vigorou entre 1964 e 1985, reforçou a associação entre a juventude e a necessidade de um “controle social”¹⁴. “Nesse contexto, os estudantes aparecem como atores privilegiados nas mobilizações operárias e camponesas e são tomados como sinônimo de juventude” (FILIPOUSKI & NUNES, 2012, p. 15). Portanto, podemos observar nesse período uma “tendência à execução de ações de controle em resposta à mobilização dos setores juvenis que haviam adquirido uma maior participação social” (BANGO, 2003, p. 43).

O processo de redemocratização da política brasileira também foi marcado pelos jovens que foram às ruas durante os comícios das “Diretas Já”. A movimentação popular pretendia estabelecer eleições diretas para presidente no ano de 1984. Para esses jovens, o fim da ditadura era importante para o restabelecimento da democracia e para a ampliação da liberdade, sufocada por anos pelo governo militar. A conquista da liberdade política, de expressão e de ser jovem era a demanda defendida no início dos anos 80. No entanto, os primeiros anos após a abertura política foram marcados pela recessão econômica, levando à expansão da pobreza e evidenciando as desigualdades.

¹³ A condição juvenil pode ser definida, segundo Carrano e Peregrino (2003), como sendo o período do ciclo da vida que nominamos juventude. O contexto histórico, social, territorial e cultural são elementos de grande relevância na observação da condição juvenil.

¹⁴ O enfrentamento político levou a associação dos jovens à rebeldia, à negação do sistema, foram vistos como subversivos, que precisavam ser controlados pelo Estado, em nome de uma estabilidade nacional. Essa foi uma visão generalista que servia politicamente para enfraquecer os movimentos associados aos jovens.

Os primeiros anos da década de 1990 são marcados, por sua vez, pelo enfraquecimento da mobilização juvenil, de forma organizada e contestadora. As figuras juvenis em evidência passam a ser os jovens pobres, através de imagens exploradas exaustivamente pela mídia e divididas, como salienta Abramo:

entre o hedonismo e a violência: meninos de rua, jovens infratores, gangues, galeras, tribos, e, principalmente, jovens em “situação de risco” (risco para si próprios e para a ordem social), dos quais aqueles envolvidos no tráfico, matando e morrendo muito cedo, são uma das imagens mais dramáticas e ameaçadoras dos nossos tempos. (ABRAMO, 1997, p. 30).

As pesquisas focalizavam, cada vez mais, os “jovens urbanos” e as “gangues” juvenis, desenvolvidas em contextos diversos (BANGO, 2003, p. 43). Os jovens passam a ser vistos, no pensamento e na ação social, como “problema”, uma falha ou disfunção no processo de integração social. “Numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social.” (ABRAMO, 1997, p. 29). Segundo Bango (2003), este enfoque negativista e limitador das possibilidades juvenis contribuiu para o estigma da condição juvenil, ainda enraizada no imaginário social.

Enquanto isso, a televisão exerce uma importante função de consolidação de uma visão estereotipada dos jovens. Na maior parte das vezes, o jovem é visto como um consumidor. As propagandas e os estereótipos de jovens bem sucedidos invadem a tela e incitam o consumo. Por outro lado, cresce o número de programas de cunho “jornalístico” que exploram a violência como forma de conquistar a audiência. Nestes programas, os jovens são apresentados como problemas sociais, e, na maior parte dos casos apresentados, os jovens são pobres e moradores de periferias.

Esse tópico da formação despertou bastante interesse do grupo, o que pode ser observado tanto nos encontros, quanto nos relatórios. Alguns relataram sentir o impacto desses estereótipos, pois sofreram preconceitos diversos. De acordo com Da Silva:

São muitas as situações em que se atribuem questões à juventude, como aumento do desemprego, da mortalidade, da violência, do abuso de drogas, dos confrontos envolvendo instituições e outras, e espera-se que sejam interpretados e traduzidos dilemas que são de toda a sociedade. (...)
Os jovens são identificados com a violência, reforçando sua representação como problema, na medida em que a violência vai se destacando como preocupação na sociedade. Porém, esses dilemas são tratados como se fossem especificidades das juventudes. (DA SILVA, 2010, p. 190).

Sendo assim, o conceito de juventude não pode remeter “a qualquer homogeneização, mas, ao contrário, à pluralidade e às circunstâncias que marcam a vida juvenil, considerando a diversidade e as múltiplas possibilidades inerentes ao sentido de ser jovem.” (DAYRELL, 1999, p. 33). “A juventude é, portanto, uma categoria social, histórica e cultural e construída a partir dos condicionantes socioeconômicos de um determinado contexto histórico.” (DA SILVA, 2010).

A transitoriedade que marca as juventudes dificulta a percepção de que são sujeitos de direitos. E isso se relaciona à concepção de que o jovem é uma pessoa que não é mais dependente da autoridade moral da família, mas que ainda depende de seus familiares para sua sobrevivência. No entanto, observamos que para muitos jovens a exclusão do processo de escolarização e as medidas de “controle social” acabavam sendo as características mais evidentes e relevantes desta fase da vida. Ser pobre e jovem para o Estado que funcionava, e ainda funciona, como “instância de definição unilateral” (BANGO, 2003, p. 42), é uma delinquência quase de maneira automática, sobretudo se for um afrodescendente.

As discussões travadas, durante o período de formação, foram formas de imersão na proposta do Fórum Metrô. A construção de estratégias de aproximação entre os jovens contemplados pelo Programa é um importante passo para a efetivação dos projetos que fazem parte dele. Para tanto, o colaborador sugeriu a participação do grupo no evento *Okupa – A Juventude Okupa a cidade: onde a quebrada se junta!*¹⁵. O grupo acatou a sugestão e, no dia 09 de maio de 2015, os membros participaram do evento organizado pelo *Fórum das Juventudes da Grande BH*¹⁶. O financiamento do evento foi realizado de forma colaborativa pela internet¹⁷, revelando possibilidades de mobilização para a concretização de ações sociais. Ocorreu no bairro Palmital da cidade de Santa Luzia e contou com apresentações musicais, grafite e conversas sobre temas relevantes para os jovens que vivem nas periferias da RMBH. A experiência foi relatada pela maioria dos integrantes do Fórum Metrô em seus relatórios. A experiência foi avaliada positivamente pelo grupo. Segundo *Stephanie MC*:

Ainda na temática juventude, participamos do evento “*A juventude Okupa a cidade: onde a quebrada se junta!*”. O evento foi muito importante tanto no que tange a formação política e cultural, quanto no estreitamento dos laços

¹⁵ O evento foi divulgado pelo *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/15659870570017>. Acesso em: 22 nov. 2015.

¹⁶ O Fórum das Juventudes da Grande BH utiliza o *Facebook* como meio de comunicação e divulgação de eventos. Disponível em: <https://www.facebook.com/forumdasjuventudesBH/>. Acesso em: 22 nov. 2015.

¹⁷ O site que viabilizou o financiamento do evento: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/6-a-juventude-okupa-a-cidade-onde-a-quebrada-se-junta>. Acesso em: 22 nov. 2015.

entre os bolsistas, por ter possibilitado um espaço maior de interação e conhecimento das nossas subjetividades (*Stephanie MC: Relatório Semestral*, 2015).

A participação no evento levou a discussões sobre formas possíveis de intervenção em comunidades, nas áreas contempladas pelo Programa. As ideias sobre a Educação Popular serviram como aporte teórico. Segundo Gadotti (2014), os princípios orientadores da Educação Popular são: a gestão democrática, a organização popular, a participação cidadã, a conscientização, o diálogo, o respeito à diversidade, a cultura popular, o conhecimento crítico e uma perspectiva emancipatória da Educação.

Para Paulo Freire, a Educação Popular é “um projeto político de construção do poder popular”. A mobilização e organização das classes populares são vistas como o meio para a construção de um governo popular. “Eu diria que o que marca, o que define a educação popular não é a idade dos educandos, mas a opção política, a prática política entendida e assumida na prática educativa” (FREIRE, 1987, p. 86-87).

A conclusão do trabalho foi selada com a construção de propostas de oficinas, propiciando experiências que dialogam com a temática das juventudes. Após a apresentação das propostas, foi escolhida a *Oficina de estêncil*¹⁸, apresentada por *Negra Li e Mano Brown*.

No dia 13 de Junho de 2015, o grupo se reuniu para a realização da Oficina no *Museu de Ciências Naturais da UFMG*. Os relatórios apontam que a maior interação do grupo foi o aspecto mais relevante desse evento. A aproximação dos integrantes é vista como um ponto fundamental para o andamento do Programa. Nesse dia ocorreu a apresentação dos novos integrantes: *Amanda NegraSim, Dory de Oliveira, Renegado e Billy Saga*. A experiência também contribuiu para a reflexão sobre dificuldades que podem surgir na execução de uma oficina. Nem todos que participaram da Oficina conseguiram realizar a atividade com êxito. Sobre a importância do trabalho coletivo *Dory de Oliveira* relatou:

A parte de transferir a ideia já definida para a folha de estêncil (folha de raio-x) apresentou alguns problemas na hora de confeccionarmos as pontes (ligações entre os elementos de um estêncil para que estes não apresentem um formato plano) e percebemos que a correção dos erros foi mais fácil quando todos se ajudaram (*Dory de Oliveira: Relatório Semestral*, 2015).

¹⁸ Segundo o *Wikipedia*, *Estêncil* é uma técnica usada para aplicar um desenho ou ilustração que pode representar um desenho, símbolo ou letra através do corte ou perfuração em papel ou chapas de raio-x. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A2ncil>. Acesso em: 22 nov. 2015.

1.5.2 Participação dos integrantes do Fórum Metrô na VII Conferência Municipal de Educação

Os integrantes e a coordenadora do Fórum Metrô participaram da *Pré-Conferência de Educação* e a *VII Conferência Municipal de Educação de Belo Horizonte*, realizada em duas etapas, entre 24 e 26 de abril e 22 e 23 de maio de 2015. Durante o evento, os participantes foram divididos em eixos de discussões, os integrantes do Programa participaram de eixos distintos, e, no final do processo, foram eleitos delegados para a Conferência.

A Prefeitura não apresentou um diagnóstico da Educação Municipal, dificultando os debates necessários para a construção de um *Plano Municipal de Educação* (PME). Esta situação demonstra o desinteresse público com a Educação, além de expor os meandros políticos que acabam interferindo na construção de políticas públicas. A Conferência acabou suspensa por conta dessa situação¹⁹ e sua retomada foi vista com certo desânimo por parte dos sujeitos pesquisados.

A coordenadora do Programa realizou uma conversa com o grupo para avaliar a participação na *Conferência Municipal de Educação* e o balanço geral, tanto na conversa, quanto nos relatórios, evidencia um desapontamento com o processo de construção das políticas públicas. O ponto positivo destacado foi a possibilidade da criação de um *Fórum Permanente de Educação*, conforme previsto na *Estratégia 19.3, da Meta 19 do PNE, lei 13.005/2014*, ampliando o debate sobre a Educação Municipal.

Durante a conversa, *Pamelloza* e *Leilah Moreno* ressaltaram que foi a primeira experiência de participação em eventos desse tipo e que aprenderam muito. O conhecimento de como as discussões sobre a educação são estabelecidas, de como os participantes interagem, de quais ideias apresentam, agregaram muito, não só como pessoas envolvidas com a educação, mas também como cidadãos. *Criolo*, em seu relatório afirma que:

A participação na Conferência ressignificou meu processo formativo, porque mais do que falar é necessário pensar sobre o que diz e, mais importante, é necessário ir de encontro com a realidade para efetivamente ter a possibilidade de alterá-la, não sozinho, mas coletivamente. (*Criolo*: Relatório Semestral, 2015).

¹⁹ Para mais informações sobre a suspensão da *VII Conferência Municipal de Educação*: <http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/conferencia-da-educac-o-e-suspensa-por-falta-de-diagnostico-do-setor-1.314135>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Avalio ser positiva a participação nesse tipo de evento, não só para os integrantes do *Fórum Metrô*, mas para estudantes de licenciaturas, em geral. Compreender como as discussões sobre a educação municipal são realizadas, assim como as possibilidades de construção coletiva e colaborativa de políticas públicas é uma possibilidade de formar futuros professores e pedagogos cientes de seu papel para além da sala de aula.

1.5.3 Formação sobre o genocídio do povo negro

A partir de sugestão acatada pela coordenadora, os integrantes, *Afro-x* e *Flora Matos*, realizaram atividades sobre o genocídio do povo negro, que foram realizadas nos dias 11, 14 e 15 de maio, e finalizadas com a Oficina de sensibilização sobre a violência contra negros pobres, ofertada por um professor de teatro.

O Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2014) revela dados alarmantes sobre as altas taxas de mortalidade de jovens, sobretudo negros e pobres. A maioria das mortes é associada a episódios violentos e as taxas de homicídio brasileiras superam países em guerra. Diante desse cenário, cada vez mais, é utilizado o termo “genocídio” para caracterizar a atual realidade que cerca os jovens negros brasileiros.

No primeiro encontro foram debatidos os dados apresentados pelo mapa, levantando situações em que os jovens negros estão expostos à violência. Aspectos como o racismo institucionalizado e visões radicais de uma possível democracia racial foram debatidos, assim também como a questão do sistema de cotas, adotado no Brasil para ingresso em universidades e concursos públicos.

O segundo encontro foi iniciado com a apresentação do vídeo, produzido pelo Canal Futura e captado pelo *Youtube*²⁰: “Diz Aí: Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra”. Após a exibição foram debatidas três questões tratadas no vídeo: a identidade do povo negro, a violência policial e os métodos de resistência e enfrentamento. O terceiro encontro, por sua vez, estendeu o debate para a questão do encarceramento e redução da maioria penal, em discussão no Congresso Nacional, naquele momento, e pela relação do racismo com a estrutura do capitalismo.

Em seu relatório, *MC Papo* afirmou que “as discussões mostraram que o racismo é algo estrutural, diferente da discriminação e do preconceito. No Brasil, o racismo tem relação

²⁰ O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjuKhoGIUYU>. Acesso em: 22 nov. 2015.

com subordinação, alimentada por indivíduos e instituições”. Essa constatação é um importante passo para que o racismo passe a ser, cada vez mais, discutido em sala de aula.

As atividades foram estendidas e o último encontro foi destinado à realização da Oficina de sensibilização sobre o genocídio do povo negro. A experiência foi relatada como muito positiva e profunda. *Emicida*, em seu relatório, afirma que a Oficina possibilitou a percepção de outras formas de conscientização a partir da afetividade. Sobre essa vivência, *Mano Brown* afirma que:

Durante a *Semana das Ciências Sociais da UFMG*, organizada pelo *Centro Acadêmico de Ciências Sociais*, tivemos a oportunidade de participar de uma *Oficina de teatro do oprimido*, com duração de dois dias. Conhecemos várias técnicas de desinibição do corpo, bem como tivemos uma dinâmica muito interessante no final. Mas acredito que o aprendizado maior que tivemos nessa oportunidade foi o de questionar o modelo tradicional de educação. (*Mano Brown: Relatório Semestral*, 2015).

1.5.4 Formação em gravação edição de vídeos

A formação em Gravação e Edição de Vídeos foi breve, ocorreu durante os dias 11 e 12 de junho de 2015. O colaborador dessa etapa do processo foi um graduando do curso de Antropologia, que possui experiência profissional na área. O objetivo da proposta é desenvolvimento de habilidades básicas para o registro de ações futuras, sobretudo no projeto *Partilha de Saberes*.

O primeiro encontro foi marcado por explicações básicas sobre técnicas de filmagens utilizando dispositivos móveis, sendo o mais utilizado o *smartphone*. Em seguida, foi proposta uma atividade em grupo e os integrantes do Programa foram divididos em pequenos grupos. A atividade foi produzir um roteiro e gravar um vídeo, dentro da Universidade, com temática livre.

No segundo encontro, os vídeos foram assistidos e, em seguida, alguns programas de edição foram explorados. Ao final, vieram as discussões sobre as possibilidades de uso dos recursos audiovisuais para a mobilização social e a realização de militância pela internet.

1.5.5 Formação em Metodologia de Pesquisa

A formação em metodologia de pesquisa ocorreu entre os dias 15 e 29 de junho de 2015 e foi conduzida por dois colaboradores, ambos doutorandos da Universidade. O intuito era promover discussões sobre as metodologias de pesquisa utilizadas em contextos educacionais. Um dos projetos que contam com a participação dos integrantes do Fórum Metrô é o *Agenda Integrada de Educação de Jovens e Adultos*, e o seu objetivo é a realização de um levantamento de dados sobre a EJA nos municípios contemplados pelo Programa.

A primeira semana teve o foco teórico de delimitar as diferenças entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa, ambas foram apresentadas, assim como as variações de métodos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa etapa foi relevante na construção da nossa própria pesquisa e as discussões estabelecidas durante esse momento nos foram de grande valia; assim, certificamos que o pesquisador, ao realizar uma observação participante, também aprende. A conclusão, no final do segundo dia, foi que o melhor meio para adquirir prática em metodologia é vivenciar situações de pesquisa e, portanto, duas atividades foram propostas. A seguir me detenho a descrevê-las.

A primeira atividade foi realizada em grupos de três pessoas. Cada grupo sorteava um título e um objetivo dentre trabalhos acadêmicos previamente selecionados pela colaboradora. O objetivo da atividade era construir uma hipótese metodológica aplicável para alcançar os objetivos da pesquisa sorteada. Cada grupo apresentou sua proposta e o restante do grupo pode discutir, avaliando e ponderando as opções adotadas. Essa atividade contou com uma participação muito ativa dos integrantes do Programa.

A segunda atividade foi uma situação de pesquisa de campo. Os mesmos grupos da atividade anterior escolheram alguma escola que oferecia turmas de EJA, dentre várias com diferentes realidades. O objetivo da pesquisa era escolher alguma metodologia que oferecesse instrumentos para a avaliação do ensino ofertado pela instituição selecionada. Em seguida, era necessária a elaboração de uma metodologia e um roteiro de pesquisa. Os grupos adotaram, prioritariamente, questionários e entrevistas semiestruturadas por julgarem instrumentos metodológicos eficazes para a atividade proposta.

Os grupos, no último encontro, apresentaram os resultados da pesquisa de campo, que foram diversos, alguns grupos enfrentaram problemas, mudando a escolha da escola por adversidades, como falta de tempo ou a negativa da escola em recebê-los. Essa vivência

demonstrou entraves que podem surgir ao longo da pesquisa e, ao longo do desenvolvimento do Programa.

O compartilhamento dos resultados da pesquisa de campo contou com grande envolvimento do grupo. As discussões que ocorreram nesse dia revelaram uma demanda por experiências práticas orientadas. Muitas vezes, os desafios que envolvem uma pesquisa de campo não são amplamente debatidos em disciplinas voltadas para essa temática que, por vezes, ficam restritas a discussões teóricas. No entanto, a dimensão prática, que envolve indivíduos, interesses econômicos e políticos, é alcançada através da experiência. Além disso, como ressalta *Amanda NegraSim*, em seu relatório: “para muitos, como eu, foi o primeiro contato direto com o ensino de EJA e serve de base para nossas futuras atuações em campo”.

1.5.6. Formação em Direitos Humanos

A formação teórica em Direitos Humanos aconteceu de 1º a 10 de julho de 2015, totalizando uma carga horária de 40 horas, e foi ministrada por três colaboradoras. Os objetivos dessa etapa de formação é a ampliação do conhecimento sobre o desenvolvimento histórico-social dos Direitos Humanos e a sensibilização para a atuação prática junto aos jovens contemplados pelo Fórum Metrô, no Projeto *Partilha de Saberes*.

A primeira semana de formação foi centrada na contextualização histórico-social sobre os Direitos Humanos e sua importância na conquista de direitos civis, políticos e sociais. Para fundamentar a exposição foi indicada a leitura do texto *Subjetividade, emancipação e cidadania*, de Boaventura de Souza Santos (1991).

Sobre a importância desse momento da formação, *Dory de Oliveira* em seu relatório, discorre:

O grupo pode perceber como o desenvolvimento da proposta dos Direitos Humanos se mostrou mais neutro, impessoal e visando englobar todas as pessoas sem distinção de raça, gênero, credo ou classe com o passar dos anos, apesar das leis sempre protegerem uma parcela mínima da população. (*Dory de Oliveira*: Relatório Semestral, 2015).

A segunda parte dessa etapa da formação foi marcada pela discussão de como os Direitos Humanos dialogam com o campo de atuação dos integrantes do Fórum Metrô, sobretudo no projeto *Partilha de Saberes*. Para exemplificar estratégias de debate sobre

temáticas de direitos humanos, a colaboradora utilizou um jogo de tabuleiro chamado *OKUPA*, que tem o objetivo de estimular a percepção de como os órgãos públicos e a ação integrada da comunidade permitem a construção de uma cidade com maior qualidade de vida para todos.

O envolvimento do grupo na atividade foi significativo, assim como o registro em todos os relatórios da vivência propiciada pelo jogo. A dinâmica da atividade e todas as possibilidades de atuação vislumbradas foram registradas em alguns relatórios, como o de *Flora Matos*:

Ao fim da partida foi possível observar que a colaboração do grupo durante todo o jogo foi extremamente significativa para a vitória de um dos times, uma vez que a troca de experiências, informações e conhecimentos era primordial para a ocupação do tabuleiro. (*Flora Matos*; Relatório Semestral, 2015).

Em seguida, *Negra Li* discorre sobre a aplicação dos Direitos Humanos na sociedade atual:

No decorrer da formação passamos do macro para o micro e debatemos Direitos Humanos relacionados a temas específicos, como acesso a cidade, o genocídio da população negra no Brasil, a exclusão dos educandos da EJA, e relacionando estes temas à educação como direito humano básico, garantido pela legislação, que é negligenciado pelo poder público (*Negra Li*: Relatório Semestral, 2015).

Durante os dias 08/07/2015 e 09/07/2015, a colaboradora em ação propôs uma intervenção envolvendo a temática da redução da maioria penal, amplamente discutida naquele momento, devido às tramitações no Congresso Nacional. Os integrantes optaram pela confecção de *lambe-lambes*, que são cartazes feitos com jornal, orientados por *Mano Brown*, que conhece a técnica. Os cartazes criados foram colados em diferentes lugares do campus da UFMG. A atividade contou com um envolvimento significativo do grupo, sobretudo pela temática que tinha sido debatida em diversos momentos ao longo das etapas de formação.

A finalização dessa etapa ocorreu com a exibição do vídeo *Uma lição de vida*,²¹ e questões sobre direitos humanos, presentes no filme, foram discutidas. A avaliação do grupo

²¹ O Filme *Uma Lição de vida*, do ano de 2009, foi baseado em fatos reais e retrata a história de um queniano idoso que aproveita a sua última chance de ir à escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6rfBNNcxSA>. Acesso em: 02 jan. 2015.

em relação à temática de Direitos Humanos foi positiva, com participação e envolvimento principalmente nas atividades práticas.

1.5.7 Formação em Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A última etapa de formação ocorreu no início do segundo semestre de 2015, portanto, fora do alcance dos relatórios analisados até aquele momento. Para complementar os dados coletados na observação participante, utilizei o relatório do mês de agosto.

Essa etapa foi ofertada por um colaborador, que é professor da EJA e teve 40 horas de duração, ocorrendo entre os dias 04 e 08 de agosto de 2015. Assim como na temática sobre juventudes, estendeu-se a uma pequena explanação teórica sobre a EJA, por se tratar do eixo central do Fórum Metrô.

A primeira parte da formação foi dedicada à discussão sobre os sujeitos da EJA. O curta-metragem *Vida Maria*²² foi exibido e usado como via de acesso à temática, pois o filme retrata a vida rural, os desafios para se conseguir estudar, a falta de oportunidades que acaba levando a priorização do trabalho, em detrimento da educação. Embora muitas ausências tenham ocorrido no dia, a participação dos que estavam presentes foi significativa. *Sabotage* em seu relatório discorreu sobre:

Com isso, durante a discussão, vimos que isso ocorre não somente no campo e que são diversas as pessoas prejudicadas pela falta de oportunidades no processo “regular” de alfabetização. Segue alguns dos exemplos de indivíduos nessa situação que conseguimos identificar: moradores em situação de rua, crianças de orfanatos, moradores de favela, migrantes rurais e oriundos de estados mais pobres, famílias em situação de vulnerabilidade social, mulheres em situação de prostituição, deficientes físicos, população do campo, jovens em centros de internação provisória, ocupações rurais e urbanas, pessoas transexuais, indígenas, mulheres com dupla jornada de trabalho (*Sabotage*: Relatório Semestral, 2015).

Em seguida, ocorreu a explanação sobre a trajetória da EJA e das políticas educacionais voltadas para essa modalidade. O tema foi apresentado nos relatórios como sendo de grande importância para a compreensão dos desafios e do alcance do Fórum Metrô, a partir da constatação da realidade da EJA.

²² O curta metragem *Vida Maria* é uma animação produzida no ano de 2006, e trata-se da história de uma criança que larga os estudos para trabalhar e mostra as consequências dessa escolha ao longo da sua vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bs87_NQTM0M. Acesso em: 02 jan. 2015.

No entanto, é importante ressaltar que a frequência durante essa etapa de formação foi muito irregular. As razões apontadas para essa situação foram várias, retratadas por e-mail. As principais justificativas eram a repentina mudança de cronograma, embora essas horas e dias estivessem previstos no Edital de Seleção, e compromissos pessoais. Ao final da formação, que, embora muito produtiva, e isso foi reiterado muitas vezes, tanto ao longo do processo, quanto nos relatórios, foram apresentadas justificativas de que tenha se tornado, por vezes, exaustiva, levando à priorização de outras atividades.

1.6 Breve história da EJA

O programa Fórum Metrô é voltado para a EJA. Segundo Gadotti (2014, p. 14), “o Brasil possui 57,7 milhões de pessoas com mais de 18 anos que não frequentam a escola e que não têm o Ensino Fundamental completo”. Esse número expressivo revela a necessidade urgente de observar na trajetória da EJA suas deficiências e quais são os desafios a superar, a fim de que se construam caminhos que possibilitem a superação do analfabetismo, através da oferta de uma educação que estimule a autonomia dos educandos e pela superação da visão compensatória que cerca esta modalidade.

Conforme Sampaio (2009), a história da EJA é marcada por tensões entre diferentes projetos de Sociedade e diferentes ideias sobre as finalidades da Educação. Sua trajetória liga-se às tensas relações de poder e a uma visão compensatória. Esse é o desafio posto, o reconhecimento de uma dívida social, que deve ser sanada com a oferta de uma educação que promova a autonomia do indivíduo, capacitando-o para o exercício da cidadania, como aponta Freire (1996).

A trajetória das políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos inicia-se na década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas. O acentuado crescimento econômico e industrial criou uma demanda por mão de obra qualificada e coube ao governo criar políticas para suprir o analfabetismo adulto. Ou seja, naquele momento histórico (inclusive nos aspectos legais), se sobrepunha ao princípio de que é direito do cidadão o acesso a uma educação de qualidade social,²³ a necessidade de formação de mão de obra.

²³A *qualidade social*, conceito originário do Plano Nacional de Educação — proposta da Sociedade Brasileira, implica em providenciar Educação com padrões de excelência e adequação aos interesses da maioria da população, tendo como valores fundamentais a solidariedade, a justiça, a honestidade, o conhecimento, a autonomia, a liberdade e a ampliação da cidadania. Como consequência política e educacional, alcançaremos a inclusão social, por meio da qual todos os(as) brasileiros(as) se tornarão aptos(as) ao questionamento, à problematização, à tomada de decisões, buscando as ações coletivas possíveis e necessárias ao encaminhamento dos problemas de cada um, da comunidade e da sociedade onde vivem e trabalham. A

Um segundo momento relevante na trajetória da EJA remete aos movimentos sociais surgidos nos anos 50/60. Paulo Freire, no Pernambuco, e Moacir Góes, no Rio Grande do Norte, desenvolveram práticas de alfabetização que se adequavam às especificidades dos educandos, observando suas demandas e regionalismos. Vivências que partiam da premissa de que a Educação é um ato político e, portanto, foram incorporadas no Programa Nacional de Educação durante o governo de João Goulart, conforme Oliveira (2007).

O paradigma pedagógico que passa a conduzir a EJA tem as ideias de Paulo Freire como eixo orientador. Sendo assim, discussões sobre a necessidade de ações articuladas em todo o país são realizadas, possibilitando a realização de uma educação para jovens e adultos voltada para a transformação social e não apenas à adaptação da população ao processo de modernização econômica e social (SAMPAIO, 2009). No entanto, o golpe militar de 1964 mudou radicalmente este cenário. Ao perseguir Paulo Freire, enterraram suas propostas para a Educação Brasileira, substituindo por uma visão compensatória para aqueles que não tiveram a oportunidade de acesso à escolarização regular prevista na legislação (OLIVEIRA, 2007).

Com a ditadura militar brasileira deflagrada com o golpe de 1964, as ações que envolviam os movimentos sociais acabam substituídas por programas de alfabetização marcados pelo conservadorismo e assistencialismo. Por exemplo, em 1968, foi criado um programa de alfabetização que reuniu praticamente todos os municípios brasileiros, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)²⁴, nos lembra Fávero (2004), mas que acabou gerando resultados insatisfatórios, por vários fatores, sendo o mais significativo a falta de continuidade de estudos e o desprezo aos regionalismos, conforme Oliveira (2007), pelas propostas *padrão nacional* e inflexíveis. Foi extinto em 1985 e, em seguida, substituído pela Fundação Educar²⁵, que também não apresentou resultados satisfatórios e acabou sendo extinta em 1990.

Conclui-se, portanto, que o processo de redemocratização não representou uma mudança significativa no paradigma norteador dos programas de alfabetização para adultos. A manutenção das elevadas taxas de analfabetismo revelam um desafio à democracia, que se

educação, nessa perspectiva, dirige-se ao ser humano integral, considerando todas as dimensões de sua relação com o mundo. Disponível em: www.adur-rj.org.br/4poli/gruposadur/gtpe/carta_4_coned.rtf. Acesso em: 15 set. 2014.

²⁴ Lei nº 5379, de 1967, fundamenta as bases legais do Mobral. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5379.htm. Acesso em: 21 set. 2014

²⁵ Decreto nº 91.980, de 25 de novembro de 1985, instituiu Fundação Educar. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91980-25-novembro-1985-442685-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 set. 2014.

reestabelecia no Brasil, contudo, como se sabe, superar o analfabetismo é fundamental para o combate da miséria no país.

Uma conquista importante remete à Constituição Federal de 1988, que concedeu ao analfabeto o direito ao voto e estendeu o direito à Educação Básica aos jovens e adultos, como um dever do Estado, afirmando sua obrigatoriedade e gratuidade (SAMPAIO, 2009). Em 1997, foi realizada a *V Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO*²⁶, em Hamburgo, onde foi reafirmada a responsabilidade do Estado com a educação e com a importância da participação da sociedade civil na superação do analfabetismo.

O Brasil, por sua vez, assumiu o compromisso de reduzir o número de analfabetos. Ainda em 1997, o governo de Fernando Henrique Cardoso apresentou o programa Alfabetização Solidária (ALFASOL)²⁷. As ações eram executadas por terceiros e gerenciadas pelo estado refletindo, segundo o autor, a orientação neoliberal da política governamental daquele momento. Como a maioria dos educadores era composta por leigos, jovens inexperientes e mal remunerados, não é de se estranhar que o ALFASOL tenha fracassado no combate ao analfabetismo.

O programa Brasil Alfabetizado (PBA),²⁸ implantado pelo governo Lula em 2004, apresentou resultados insatisfatórios, que, associados aos baixos investimentos por educando, apresentou insuficiente formação de educadores, com baixos salários, o que fez com que fosse questionado e reformulado a partir de 2007. No entanto, não foram divulgados indicadores comprovando a sua efetividade após as mudanças propostas (SAMPAIO, 2009).

A ausência de uma política pública específica para a EJA é um desafio a ser superado, segundo Gadotti (2014), em 2012, por solicitação do MEC-SECADI, um grupo de trabalho formado por membros da Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA) analisou o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e propôs mudanças, a fim de garantir maior efetividade na alfabetização de jovens, adultos e idosos. Esse GT identificou a necessidade de discutir de maneira integrada o *Programa Brasil Alfabetizado* e a *Educação de Jovens e Adultos*, entendendo a alfabetização como momento inicial da EJA e, portanto, constituindo a modalidade e demandando a continuidade nos estudos. Como resultado desse trabalho foram

²⁶ O documento completo está disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2016.

²⁷ A criação de uma entidade civil dedicada à educação de jovens e adultos, durante o governo de Fernando Henrique, representa a descentralização de alguns serviços sociais que passaram a ser controlados por organizações públicas não estatais. Ver: www.alfabetizacao.org.br/site/noticia_n.asp?id=16736. Acesso em: 21 set. 2014.

²⁸ Decreto nº 48.834, de 8 de set. de 2003, cria o Programa Brasil Alfabetizado. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4834.htm. Acesso em: 21 set. 2014.

apresentadas contribuições para a construção de uma Política Nacional de Alfabetização na EJA,²⁹ articulada ao programa Brasil sem Miséria.

Vale destacar que, desde a Constituição Federal de 1988, o Ensino Fundamental para qualquer pessoa tornou-se direito público subjetivo, visto as elevadas taxas de jovens, adultos e idosos não alfabetizados, e de jovens fora da escola, então é urgente o debate sobre os rumos da EJA, para que os seus educandos possam exercer o seu direito, e tenham acesso a uma educação de qualidade social, que possibilite e estimule a sua autonomia, como cidadãos portadores de direitos, em tempos de aceleradas transformações.

²⁹Contribuições para a construção de uma Política Nacional de Alfabetização na EJA. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/contribuicoes_construcao_politica_nacional.pdf. Acesso em: 21 set. 2014.

2. A METODOLOGIA DE PESQUISA E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa investiga interações em duas dimensões distintas: a vivência dos integrantes do Fórum Metrô durante o processo de formação junto ao Programa e a comunicação estabelecida pelas redes sociais. Então tratamos de uma experiência no ambiente virtual dialogando com experiências em meio não virtual. Portanto, a escolha metodológica representou um desafio.

A proposta da pesquisa é interdisciplinar, por mobilizar conhecimentos provenientes de áreas distintas. Vivências ligadas à educação, segundo Rocha e Tosta (2009), não podem ser pesquisadas a partir de uma visão monodisciplinar ou desconectadas da realidade social. Assim, alguns recursos metodológicos provenientes da comunicação, da sociologia e da antropologia servem de aporte para a observação dos sujeitos da pesquisa, em ambiente virtual e em encontros presenciais.

Segundo Hine (2000), a internet possibilitou novos entendimentos sobre o papel da educação e sobre a centralização da escola como fonte de conhecimento. As redes sociais pela internet são meios para compartilhar informações bem como podem servir para construção de saberes. Aos poucos, podemos nos indagar sobre o fim da centralidade da escola, como via de acesso ao conhecimento, sobretudo para aqueles que desfrutam da internet e de seus recursos. Ainda segundo o autor, os grupos sociais são definidos, na atualidade, por seus relacionamentos e suas conexões.

A fluidez que marca a sociedade atual leva a um novo paradigma de pesquisa, menos positivista e linear. Hoje é possível ter vivências múltiplas, ao mesmo tempo, sobretudo mediadas pelos dispositivos digitais e via internet. Os sujeitos da pesquisa são vistos a partir de diferentes prismas, considerando-se as diferentes experiências dentro e fora do ambiente virtual, deste modo evitando as oposições modernas, já que a vivência na internet leva a um tipo de experiência que torna o indivíduo mais complexo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pois o objetivo é observar a interação entre diferentes sujeitos, em diferentes meios. Segundo Nogueira, Gomes e Soares (2011), o caráter qualitativo da pesquisa é observado nos tipos de dados coletados, dentro e fora do meio virtual, analisados a partir da sua produção de sentido. A observação dos sujeitos da

pesquisa, on-line e off-line, reflete a complexidade das “diversas modalidades com que nos referimos às relações sociais contemporâneas” (MELUCCI, 2005, p. 28).

As pesquisas qualitativas são orientadas a partir da valorização do papel ativo dos sujeitos, segundo Andre (2008), e, uma vez que entendemos que a realidade é sempre uma construção social, os sujeitos são ativos nos processos de produção de conhecimento. A análise do diálogo entre o conteúdo apresentado na formação dos integrantes do Programa e as interações estabelecidas através das redes sociais pela internet fornece dados importantes para entendermos melhor os sentidos construídos e compartilhados.

A observação participante foi adotada como um dos métodos de coleta de dados por ser uma técnica capaz de gerar dados de análise de comportamentos complexos. Segundo Vianna (2003, p. 9), “grande parte dos fatos que realmente interessam aos educadores como, por exemplo, a interação professor/aluno, fundamental no processo de aprendizagem, é extremamente complexa”. Para coletar dados do grupo fechado do *Facebook* passei a integrá-la, já que a coleta em meio virtual pressupõe uma observação participante. O pesquisador e o sujeito pesquisado acabam participando dos mesmos ambientes virtuais, compartilhando signos, e podendo estabelecer algum tipo de interação, e, por ser uma rede social aberta, de grande alcance, ter *amigos* em comum com os sujeitos pesquisados é uma realidade possível. Nesse caso, o pesquisador deve considerar e ponderar os limites a fim de manter os princípios éticos que norteiam uma pesquisa acadêmica.

2.1.2. O delicado olhar do pesquisador³⁰

Por vezes, a relação entre pesquisador/pesquisado pode ser complexa, sobretudo quando tratamos de pesquisas integradas parcial ou totalmente em ambiente virtual. O olhar do pesquisador ao voltar-se para o objeto é influenciado. A observação participante permite a coleta dados, mas, em certos momentos, leva também à construção de sentidos ou a uma aprendizagem que vai além dos resultados da pesquisa.

O pesquisador tem a responsabilidade de analisar uma série de significados construídos a partir da partilha de imagens, fotos, vídeos e palavras, que só podem ser interpretados, com suas ferramentas, finalidades e objetivos, dentro desse ambiente. Cada vez mais, a sociedade apresenta-se em redes, que operam dentro e fora das comunidades virtuais,

³⁰ O recorte da pesquisa levou-me pessoalmente a partilhar experiências ao longo do curso de formação, mesmo focada na coleta de dados, acabei me enriquecendo muito, pois as temáticas relativas aos Direitos Humanos, à violência brasileira, à EJA, dentre outros exemplos, contribuíram para minha formação como educadora, pesquisadora e cidadã. Esse registro precisa estar presente.

e que acabam influenciando as metodologias de pesquisa por uma abordagem qualitativa, as ações e a presença/ausência dos sujeitos da pesquisa.

Ressaltamos que um dos limites da observação na pesquisa qualitativa é a parcialidade do pesquisador, essa dimensão não pode ser esquecida, pois é permeada pela subjetividade que cada pesquisador carrega consigo, assim como a sua visão de mundo e seu conhecimento prévio. Reconhecendo esse limite, é importante dimensioná-lo no processo de estruturação da pesquisa. Segundo Vianna:

O observador, como participante no evento, não é apenas um pesquisador. Ele próprio é o sujeito da pesquisa; assim, seus sentimentos e emoções constituem também dados. Além disso, o pesquisador pode estudar suas emoções e reações, como fonte de viés, e analisar em que medida suas ações foram influenciadas por seus sentimentos. (VIANNA, 2003, p. 33).

Devido aos diversos contratempos narrados, ao longo da dissertação, foi necessária a objetividade e criar soluções dinâmicas para a o recorte da pesquisa. No entanto, enquanto a pesquisa ganhava forma e objetivos, percebemos que o recorte proposto chegava a um impasse que poderia influenciar o resultado da pesquisa. Ao propor a investigação da comunicação estabelecida entre os estudantes que participam do Fórum Metrô percebi caminhar em uma tênue linha para um pesquisador, pois a coordenadora do Programa já possuía laços acadêmicos comigo, sendo minha orientadora de mestrado, embora a conveniência e a proximidade com o objeto de pesquisa fossem facilidades, a parcialidade do pesquisador poderia estar ainda mais comprometida. Então, procurei avançar nos estudos de Metodologia a fim de criar estratégias que pudessem me auxiliar nessa difícil demanda e, aos poucos, percebi que a pesquisa poderia ser executada com êxito, já que os sujeitos da pesquisa eram os estudantes de graduação do Programa e o olhar do pesquisador deveria recair em suas ações e gestos, em sua comunicação. A presença e influência da coordenadora do Fórum Metrô eram significativas, no entanto, não seriam o foco da análise, e essa observação constante foi um aliado na construção da pesquisa que possibilitou uma série de reflexões sobre a proximidade do pesquisador com seu objeto de pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa de Mestrado, vale ponderar que os momentos de maior participação da coordenadora do Programa foram para a análise dos tipos de comunicação e limites de uso nas três redes sociais analisadas: *Facebook*, *Whatsapp* e grupo de e-mail. Afinal, a proposta de intervenção é uma oficina voltada para professores e graduandos de licenciaturas, que discute o uso das redes sociais pela internet, em contextos educacionais na

Educação Superior. Assim, pondero a limitação da construção desta pesquisa de campo e reafirmo o caráter profissional e prático que envolve a mesma.

2.1.3 O Estudo de Caso como metodologia aplicada

A escolha metodológica da pesquisa de campo é o estudo de caso, que resulta da possibilidade de articulação de variados instrumentos de pesquisa, viabilizando uma investigação dentro e fora do ambiente virtual. Segundo Bassey: “o estudo de caso possui três principais métodos de coleta de dados: observar eventos, fazer perguntas e ler documentos” (2003, p. 81-82), e para esta pesquisa servimo-nos desses três instrumentos, utilizados em diferentes momentos.

Para Stake (1994, p. 236), o “estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado”, portanto a definição do objeto é o passo inicial. Em seguida, é preciso definir os métodos de coleta de dados e traçar estratégias de aproximação com os sujeitos da pesquisa. Os desafios dessa parte da construção da pesquisa são discutidos por autores como Haguette (1995), Ludke e Andre (1986).

Alguns autores que discutem o estudo de caso na educação (ANDRE, 2005, MAZZOTI, 2006, YIN, 2006) apresentam algumas divergências, entretanto, possuem dois elementos comuns que merecem destaque. O primeiro é o fato de que os casos possuem suas particularidades, que devem ser investigadas, e a necessidade de utilização de múltiplos procedimentos metodológicos para desenvolver um trabalho sólido.

A pesquisa foi iniciada a partir dessas diretrizes metodológicas. Inicialmente, como forma de aproximação com os sujeitos pesquisados, foi aplicado um questionário on-line. O objetivo era conhecer os integrantes do Fórum Metrô, buscando compreender algumas particularidades. Em seguida, foi definido que um dos métodos de coleta de dados seria a observação participante.

A coleta de dados, em pesquisas qualitativas, através da observação é discutida por Minayo (1994), Ludke e Andre (1986). Por sua vez, a observação participante foi adotada por “permitir a coleta de dados em seus ambientes naturais, permitindo uma análise mais ampla de vivências cotidianas” (HOLLOWAY; WHEELER, 1996; BECKER, 1994).

O grau de envolvimento do pesquisador, segundo Gold (1958), pode ser classificado como: participante total, o participante como observador, o observador como participante, o observador total. No caso desta pesquisa, a relação estabelecida entre o

pesquisador/pesquisado, assim como as situações de investigação, o observador, segundo o autor, foi enquadrado como *participante*.

A observação participante, dentro da categoria adotada, carrega consigo a limitação de ter a capacidade de observação do observador de ser modificada, em decorrência do seu envolvimento no meio observado (HAGUETTE, 1995). Então, é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que tipo de perguntas fazer na hora certa (WHYTE, 2005), ou também a prévia estruturação da observação.

Para alcançar seus objetivos, o pesquisador deve observar e participar com ponderação, atento aos limites da metodologia adotada. Minayo (1994) alerta para os riscos de um envolvimento demasiado, nesse tipo de observação. Segundo o autor, o envolvimento acentuado entre o pesquisador, o pesquisado e mesmo o ambiente de pesquisa pode ocasionar na perda da imparcialidade, que é importante para análises de estudos de caso.

Para registrar os encontros presenciais com o grupo foi utilizado o diário de bordo, grande companheiro do pesquisador, e a gravação em áudio e vídeo com o *smatphone*. A rotina da observação participante tem de ser disciplinada. Segundo Whyte (2005), o pesquisador deve ser manter firme, diante de cotidiano de pesquisa repetitivo e exaustivo. A observação e anotação sistemática do diário de campo revelam resultados positivos oferecendo uma farta gama de dados a serem explorados.

O uso do diário de bordo foi muito importante, pois possibilitou o registro de informações e sensações que não podem ser captadas por vídeos. Inicialmente lancei mão das gravações de vídeo e áudio, mas percebi que, mesmo não estando em foco, alguns sujeitos pesquisados, ainda que consentido, se sentiam intimidados. Por fim, o diário de bordo tornou-se o principal instrumento da observação participativa, a peça chave de análise dos encontros presenciais.

A observação participante foi realizada em 20 encontros no processo. A cada encontro, foram observados a interação estabelecida pelo grupo, a participação e os objetivos da formação oferecida. Também foram coletados dados em três reuniões gerais, a saber: a primeira reunião geral, realizada para a apresentação do grupo, a segunda reunião para tratar da participação do grupo e das considerações, sobre a *Conferência Municipal de Educação*, e a terceira reunião, para esclarecer dúvidas quanto ao Programa e discutir questões relativas ao comprometimento do grupo e a comunicação interna oficial estabelecida pelo *Facebook*.

Durante os meses de abril a agosto as postagens do *Facebook* foram analisadas. Depois da reunião realizada no dia 13 de julho de 2015, entre a coordenadora e os integrantes

do Programa, foram redefinidos os meios de comunicação coletiva oficial do grupo e o *Facebook* passou a ser utilizado apenas para o compartilhamento de informações enquanto o *Whatsapp* para a comunicação instantânea. A comunicação oficial passou a ser feita por um grupo de e-mail. Assim, desde a data da mencionada reunião até o final do processo de formação, em meados de agosto, os dados das postagens do *Whatsapp* e do grupo de e-mail foram coletados e demos continuidade à observação do *Facebook*.

Foram analisados tanto os dados coletados através do diário de bordo, quanto os obtidos virtualmente, gerando as categorias básicas de análise. Foi um processo delicado e demorado pela quantidade de dados coletados. Sobre os desafios de lidar com uma grande quantidade de dados, Vianna aponta:

As observações oferecem uma grande quantidade de dados e, quando se quer codificar ou classificar de uma forma sistemática, dificuldades aparecem. O observador vê-se com centenas e mesmo milhares de páginas de registro descrevendo o que aconteceu no dia-a-dia, mas que não são passíveis de sistematizar e categorizar de forma a permitirem conclusões relacionadas às hipóteses do seu estudo. (VIANNA, 2003, p. 39).

A opção para evitar esse transtorno é a observação a partir de um roteiro estruturado, facilitando o direcionamento do olhar para as questões mais relevantes para a pesquisa. Após os primeiros encontros, e a reflexão sobre esse limite, passamos a sistematizar as observações para obter dados mais precisos, facilitando o manejo e a análise dos dados coletados.

Outro recurso utilizado foi a análise dos relatórios que os integrantes do Fórum Metrô apresentaram no final do mês de julho, onde retratam o trabalho e a formação que receberam no primeiro semestre. Os sujeitos da pesquisa apresentam nos relatórios o seu ponto de vista e as suas impressões sobre o processo de formação. O cruzamento desses dados, a partir do levantamento das principais categorias presentes nos relatórios, favoreceu a objetividade no tratamento dos dados coletados.

Por fim, como já mencionado, o último recurso que lancei mão foi a roda de conversa com o grupo. Foi planejada inicialmente uma entrevista semiestruturada, mas, durante a aplicação, percebemos que a condução do diálogo dentro do formato de conversa possibilitaria a obtenção de dados mais relevantes para a pesquisa. Com um grupo muito extenso perguntas individualizadas tornaram-se, num primeiro momento, desgastantes e repetitivas. O envolvimento do grupo era fundamental para a coleta de dados e a perda da espontaneidade poderia ser um entrave.

A partir da segunda pergunta foi redefinida a proposta de diálogo e as respostas fluíram. A espontaneidade e participação foram reconquistadas. A estrutura da entrevista foi mantida, mas a condução das respostas foi mais dinâmica e com interações espontâneas e colaborativas. Esse foi um momento importante de definição dos rumos da pesquisa, por permitir o diálogo direto com os sujeitos pesquisados. O caráter reflexivo desse recurso metodológico é apontado por Szymanski:

A entrevista também se torna um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre os significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas. (SZYMANSKI, 2011, p. 14).

O tratamento dos dados coletados era um desafio posto. A coleta de dados em meio virtual, os dados coletados no diário de bordo, na roda de conversa, e no questionário aplicado, deveriam ser analisados com suas características próprias e, ao mesmo tempo, em diálogo. A metodologia de análise utilizada, capaz de lidar com as dados de diferentes ambientes, foi a *netnografia*, como veremos a seguir.

2.1.4. A *netnografia* como metodologia de análise

O termo *netnografia* é um neologismo, que, segundo Nogueira, Gomes e Soares (2011), serve para designar a metodologia de análise de uma pesquisa de caráter etnográfico, ambientada total ou parcialmente em ambiente virtual. Seu desenvolvimento resulta da nítida necessidade de contemplação da influência das tecnologias digitais, internet e redes sociais, em contextos educacionais.

O primeiro desafio é compreender o que é uma pesquisa etnográfica. Originária em fins do século XIX, com forte influência positivista, a etnografia surgiu como metodologia de pesquisa da antropologia, utilizada em investigações com perspectivas culturais (ANDRE, 1995). A pesquisa etnográfica tem como preocupação o entendimento dos significados construídos pelos sujeitos da pesquisa. Esses significados são expressos através da linguagem, das ações, e cabe ao pesquisador interpretar a complexidade dos dados em uma tentativa de descrição de uma cultura. Para Spradley (1979), o comportamento das pessoas é organizado a

partir de um sistema complexo de significados que é a sua cultura, para compreender a sua própria pessoa, e para dar sentido ao mundo.

Embora a metodologia tenha sido debatida e utilizada em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, foi somente a partir da década de 1960 que as pesquisas etnográficas ganharam o campo da Educação, se desvencilhando, segundo Blogdan e Bilklen (1982), do predomínio da psicologia e da visão positivista, predominante nas pesquisas educacionais do início do século passado.

A *netnografia*, por sua vez, surge no século XXI para dar conta de uma nova realidade mediada pelas tecnologias digitais e pelo intenso fluxo de informações. O advento da internet favoreceu a formação de novas culturas e formas de sociabilidade que passam a ser, cada vez mais, investigadas em contextos educacionais. As pesquisas *netnográficas* utilizam, na medida do possível, os mesmos critérios da pesquisa etnográfica. Segundo Amaral, Natal e Vianna:

a *netnografia* mantém as premissas básicas da tradição etnográfica levantadas a partir dos trabalhos de Geertz (2001), a saber: manter postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; considerar a subjetividade; considerar os dados resultantes como interpretações de segunda e terceira mão; e considerar o relato etnográfico como sendo de textualidades múltiplas. (VIANNA, 2003, p. 8).

A novidade reside na interpretação de dados e vivências que ocorrem na internet, em sua totalidade ou parcialmente. Para Kozinets (1998), a *netnografia* é diferente da etnografia tradicional, porque, além de ser mediada por tecnologias digitais e pela internet, os dados coletados estão disponíveis publicamente, como no caso de muitas redes sociais, como o *Facebook*. Além disso, devemos considerar que há uma cultura própria, repleta de significados e símbolos que devem ser observados em sua especificidade.

A questão ética deve ser, portanto, uma questão central na *netnografia*. Mesmo diante de dados expostos publicamente, o pesquisador precisa pedir permissão para a publicação de dados coletados e analisados (NOGUERIA, GOMES & SOARES, 2011). Procuramos utilizar as imagens das publicações, nas diversas redes sociais pesquisadas, no entanto, a identidade dos sujeitos pesquisados foi preservada através da edição dessas imagens, com nomes e fotos ocultados.

Outro princípio ético fundamental é a segurança. A pesquisa *netnográfica* não pode causar nenhum dano ou prejuízo à comunidade e aos seus membros (HINE, 2000), dentro e

fora do meio virtual. Na nossa pesquisa, nos preocupamos com as questões éticas, em não ocasionar nenhum dano ao grupo e nem individualmente.

Um desafio a ser superado, e deve ser motivo de reflexão ao pesquisador, é o fato de que o *netnografia* lida com interações que ultrapassam a lógica territorial e temporal. As dimensões que envolvem o comportamento em meio virtual nem sempre correspondem às vivências cotidianas fora da internet. O olhar atento sobre essa questão é fundamental, para que não haja uma reprodução dos significados construídos e das características da comunidade virtual para além da internet. Ainda que, como salienta Amaral, Natal & Viana (2009), cada vez mais ficamos mais tempo conectados, fazendo com que os limites entre as vivências dentro e fora das comunidades virtuais sejam delicados e complexos.

A *netnografia* permite maior flexibilidade nas estratégias metodológicas, pois compreende a fluidez das relações em ambientes virtuais. O pesquisador, por sua vez, pode adotar estratégias variadas e até mesmo redefinir o recorte da pesquisa. Em alguns momentos da nossa pesquisa essa flexibilidade foi fundamental.

Em seu estudo, Mozo (2005) mostra a fragilidade em analisar mensagens postadas em fórum (entendendo que os grupos do *Facebook* possuem dinâmica parecida) como unidades de análise. Para a pesquisadora, a investigação deve contemplar episódios que podem ser definidos como uma série de mensagens que se autorreferenciam, criando unidades de significado. O recorte da pesquisa contempla essa dimensão, na medida em que analisa o diálogo estabelecido dentro e fora do ambiente virtual.

A sutileza do olhar para perceber que as ações em meio virtual, embora repletas de sentidos e significados, não podem ser imediatamente relacionadas à postura que os sujeitos da pesquisa assumem fora da comunidade virtual. Segundo Herrera e Paserino (2008), certas formas estéticas do presencial não mantêm a mesma importância e significado no ambiente virtual, um exemplo disso é o fato de que alguns integrantes do nosso grupo muito participativos no *Facebook* e não apresentam, no entanto, a mesma postura proativa no processo de formação junto ao Programa, enquanto outros, muito envolvidos nos encontros presenciais, tiveram poucas interações nos meios virtuais.

2.1.5 Primeiros passos: composição dos elementos-chave

O primeiro passo para a construção da pesquisa de campo foi a observação da primeira reunião geral do Fórum Metrô. A apresentação do Programa e do grupo possibilitou a coleta de informações básicas para a pesquisa. Segue o rol das primeiras informações coletadas:

<p>Identificações pessoais</p> <p>a) Idade, sexo, estado civil</p> <p>b) Pertencimento racial</p> <p>c) Escolaridade</p> <p>d) Experiência profissional</p>
<p>Informações sobre a relação bolsista/Universidade</p> <p>a) Graduação</p> <p>b) Disciplinas voltadas para a formação docente</p> <p>c) Uso dos recursos digitais nas aulas</p> <p>d) Uso da internet nas aulas</p> <p>e) Formação nas tecnologias digitais</p> <p>f) Presença/ausência da Universidade no <i>Facebook</i></p>
<p>Informações sobre as práticas culturais e sociabilidade</p> <p>a) Práticas de lazer/cultura: cinema, esportes, dança, hábitos de leitura, outros</p> <p>b) Participação de coletivos e/ou movimentos sociais</p> <p>c) Ativismo no <i>Facebook</i></p>
<p>Informações sobre o uso das tecnologias digitais</p> <p>a) Tempos e lugares de uso das tecnologias digitais</p> <p>b) Preferências de programação televisiva e de uso da internet</p> <p>c) Funções e usos do celular e do computador</p> <p>d) Tipo de acesso à internet e preferências de uso</p> <p>e) Relação do uso da internet com a busca das informações/atualizações e as atividades acadêmicas</p>

O questionário foi realizado on-line e compartilhado com o grupo através do *Facebook*. Uma ponderação relevante é o fato de, embora presentes cotidianamente na rede social, encontrarmos dificuldades para que todos respondessem as questões. A facilidade em elaborar o questionário, a partir do uso dos recursos digitais e da internet, foi, no caso da pesquisa, inversamente proporcional à facilidade de garantir o comprometimento dos sujeitos pesquisados.

O grupo é formado por 19 estudantes de graduação da Universidade, 9 homens e 10 mulheres, todos solteiros, com idades entre 20 e 28 anos. Quanto ao pertencimento racial, quatro se autodeclararam afrodescendentes, doze afirmaram ser pardos, e três, brancos. Dezessete integrantes fazem a sua primeira graduação. Duas pessoas já são formadas em outras áreas e estão em sua segunda graduação. A coleta de dados foi importante para compreender melhor quem são os sujeitos observados, ao longo da pesquisa, compreendendo melhor seus contextos, interesses e expectativas.

Após a coleta, os dados foram sistematizados, servindo para a elaboração das questões chave do encontro. As questões que orientaram essa fase da pesquisa buscavam compreender a relação dos sujeitos da pesquisa com as redes sociais, sobretudo o *Facebook*, e a comunicação estabelecida pelo Fórum Metrô nas redes sociais digitais.

Associando os dados coletados nos eventos acima, e triangulando com a observação participante dentro e fora do ambiente virtual, inicia-se o trabalho de análise. No entanto, uma primeira pergunta de teor teórico precisa ser debatida: quem é o sujeito de pesquisa e o seu contexto em seu tempo e seu espaço. O tópico a seguir trabalha com as concepções de modernidade e temporalidade, fundamentais para a compreensão dos indivíduos nos tempos atuais.

2.2. Referencial teórico: reflexões sobre um mundo em transformação

Diversas transformações ocorreram no final do século XX. O final da Guerra Fria, marcado pela dissolução da União Soviética, assinalou um novo período na nossa história, caracterizado por um acentuado processo de globalização. O mercado, cada vez mais global, é alicerçado na capacidade de comunicação em massa, no desenvolvimento da internet e das tecnologias digitais.

As distâncias físicas e a presença em redes sociais, como o *Facebook*, acabam por transformar as noções de tempo e espaço. As notícias locais e mundiais são compartilhadas e acessadas instantaneamente, o mundo inteiro “ao vivo”. Segundo Giddens (1991, p. 60), “de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

No nosso trabalho, compreendemos a tecnologia como a capacidade de construir o mundo possibilitando o desenvolvimento de competências para apropriação de recursos, sejam eles humanos, produzidos ou naturais (VIEIRA PINTO, 2005). Lévy (2003, p. 14), por sua vez, atenta para o fato de que “armazenamos as lembranças fora do cérebro, desde que inventamos a escrita; ampliamos nossas habilidades matemáticas com o uso de ferramentas, desde que aprendemos a contar com os dedos”. Portanto, a novidade não reside no avanço tecnológico, característico dos tempos atuais, o diferencial é o desenvolvimento dos meios digitais e da internet, que acabam por inaugurar tempos de fluxos de informações incessantes e novas formas de sociabilidade que oscilam entre o plano físico e o virtual. Essa dinâmica, desde o final do século XX, encontra-se em constante mutação e demanda a devida reflexão teórica.

O atual processo de globalização pode ser caracterizado pela intensificação das relações sociais em escala mundial (GIDDENS, 1991). O aumento do uso das tecnologias digitais leva a alterações no entendimento do homem sobre o mundo, a comunicação, o poder, dentre outros tantos aspectos, sendo uma das consequências o grande fluxo de informações, que acaba influenciando os modos de encarar questões políticas, sociais e culturais — numa sociedade de consumidores plena de produtos, serviços e informações.

As mudanças ocorrem de forma acelerada e alcançam, de forma heterogênea, os mais distantes recôncavos do planeta, e essas mudanças em processo chamam a atenção de sociólogos, que buscam compreender a sociedade, cada vez mais globalizada, e as desigualdades geradas nesse contexto. A sociologia, segundo Bauman (2013), é obrigada a se entender com “o digital” para não deixar de investigar e teorizar sobre os espaços de atividade cultural. Compreender o atual estágio de modernidade vivido é ponto de partida para o desenvolvimento teórico desta pesquisa.

2.2.1 Discussões sobre a pós-modernidade

Vivemos num mundo em transição, algumas rupturas nos separam do mundo construído com o advento da modernidade. No entanto, os valores e ideias, assim como práticas culturais e políticas, se mantêm, e para compreender os diferentes conceitos de modernidade, Gumbrecht propõe uma análise a partir de uma analogia, como apresentado abaixo:

Como cascatas, esses conceitos diferentes de modernidade parecem seguir um ao outro numa sequência extremamente veloz, mas, retrospectivamente, observa-se também como se cruzam, como os seus efeitos se acumulam e como eles interferem mutuamente numa dimensão (difícil de escrever) de simultaneidade. (GUMBRECHT, 1998, p. 9).

Um dos conceitos utilizados para caracterizar o atual momento vivido é o de pós-modernidade. Segundo Giddens (1991, p. 45), significa que a “trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade, rumo a um novo e diferente tipo de ordem social”. Os limites desse tipo de interpretação é o entendimento de que a modernidade foi superada de forma linear, e essa visão parte de um mecanismo de construção da coerência histórica, dotada de certa linearidade. A centralidade da questão reside na necessidade de determinação de uma “identidade do nosso próprio final do segundo milênio, atentando especificamente para sua condição de consultora de temporalidade” (GUMBRECHT, 1998, p.

10). Assim, segundo Giddens (1991, p. 51), não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas poderemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas.

Para Gumbrecht (GUMBRECHT, 1998, p. 21), a pós-modernidade é vista “como a superação da Alta Modernidade do início do século, e isso significa vê-la como a consequência da própria obsessão por inovação, que é um legado do cronótipo tempo histórico”. A sucessão de transformações em cascatas consiste na concepção do presente como uma situação que “desfaz, neutraliza e transforma os sujeitos acumulados dessas modernidades que têm se seguido uma a outra desde o século XV”.

Frente às transformações da modernidade, o homem sofre um deslocamento, passando a ver a si mesmo como sujeito da produção de saberes e a pós-modernidade vem conservar e destacar esse valor moderno. A intensificação da presença das tecnologias digitais, o avanço da ciência, o acesso à internet e as formas de sociabilidades possíveis nos meios virtuais só maximizam esse valor. A centralidade do homem na pós-modernidade pode ser medida pela lógica do mercado, pois, cada vez mais, vivemos em um mundo de consumidores, sujeitos a propagandas e padrões de consumo que são disseminados nos diversos meios de comunicação disponíveis. O mundo virtual é marcado pela lógica do mercado e por uma percepção temporal alterada, diferenciada.

O sociólogo Bauman (2013), define o atual momento vivido como modernidade líquida. Segundo ele, o atual estágio da modernidade é caracterizado pelo fluxo de informações e pela vigilância, que ocorre de forma velada, em alguns momentos consentida, em nome da segurança e do consumo. A ideia da liquidez do atual momento vivido relaciona-se à velocidade e ao alcance das transformações. A limitação dessa interpretação é a avaliação determinista, em torno de situações ainda jovens, que coloca a expansão das tecnologias digitais como formas de controle e determinante dos padrões de consumo, como se o potencial do uso das tecnologias na atualidade estivesse neutralizado apenas pelos interesses de mercado.

Por fim, Giddens (1991) denomina o atual momento como modernidade avançada, caracterizada pelo dinamismo e aceleração dos processos de mudança. A singularidade reside em sua intensidade e extensionalidade, ao estabelecer formas de interconexão social, quanto em intencionalidades, ao alterar aspectos íntimos da existência cotidiana. Essa percepção dialoga com o objetivo da nossa pesquisa que é investigar a intensificação do uso nas redes

sociais digitais, percebendo *como* e com *qual intensidade* a comunicação estabelecida remete às vivências no programa de extensão. O nosso desafio reside na percepção das diversas temporalidades que envolvem as dinâmicas presenciais e virtuais. Para tanto, é preciso ampliar a discussão sobre as mudanças na percepção sobre o tempo que afetam os indivíduos na atualidade.

2.2.2 A temporalidade em tempos digitais

As possibilidades de comunicação instantânea, ligando pessoas espalhadas pelo mundo, são viabilizadas pelas tecnologias digitais e pela internet. Cada vez mais intensas, as vivências no meio virtual, afetam a percepção sobre o tempo por possuírem dinâmica e temporalidade próprias. A simultaneidade das vivências dentro e fora da internet e a relação estabelecida nos diversos meios é uma marca dos tempos atuais e denota uma mudança da concepção de tempo. Por vezes, o imediatismo da comunicação e do acesso a informações levam a uma sensação de maximização de um presente descontínuo.

O virtual e o presencial se entrecruzam, somando e compartilhando experiências, levando a uma percepção do tempo de forma descontínua. “Vivemos em um tempo em que se tornou lugar comum a sensação de viver em um eterno presente, desenvolvem-se outras formas de vivenciar a passagem do tempo e a inscrição temporal de nossas ações” (SIBILIA, 2008, p. 116). No plano estético, as novidades prometem uma juventude estendida, já que, no presente contínuo, o arsenal tecnológico serve a ilusão do não envelhecimento. A sensação do tempo onipresente se assemelha a um presente inflado (BAUMAN, 2009).

Esta temporalidade alterada é aguçada pela maior circulação de pessoas pelo mundo e pelo avanço da internet e das tecnologias digitais. “Um mundo instantâneo, que devora tempos e espaços, implicando em mudanças na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos” (SIBILIA, 2008, p. 58). Lévy (1999, p. 47) afirma que: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”.

A instantaneidade é a palavra da vez. A sensação de um tempo acelerado provocado por uma somatória de vivências e expectativas geradas, tanto no meio real, quanto no virtual. A necessidade de comunicação constante, acelerada pela internet, possibilita novas formas de afirmação da existência. O fluxo acelerado de informações leva a discussões em massa,

sobretudo nas redes sociais pela internet, sobre uma gama limitada de temas, que vão se sucedendo em uma constante novidade.

Autores como, por exemplo, Bauman e Donski (2014, p. 137), apontam para a sobreposição de valores, que no mundo líquido vão se transformando para atender a demanda pela novidade, pela instantaneidade. Segundo os autores, o “consumo do mundo e de si mesmo leva a um tempo pontilhistas, descontínuo, que transforma a impressão ou o estado momentâneo numa coisa mais real que os projetos de longo prazo, a história, os cânones clássicos e o passado”.

Portanto, a noção sobre o tempo é profundamente influenciada pela grande circulação de informações que marcam o momento atual. Para compreender o alcance dessas mudanças é preciso refletir sobre a importância da informação no atual estágio de modernidade, procurando identificar suas características mais marcantes.

2.2.3 A centralidade da informação nos tempos atuais

A grande circulação de informações é um fenômeno inaugurado na modernidade como um de seus baluartes, mas encontra nos tempos atuais seu apogeu. Alicerçada no poder de comunicação de massa, a internet, torna-se, no início do século XXI, a maior responsável pela intensificação do fluxo de informações. O ato de obter informações e compartilhar torna-se rotineiro e viabilizado pela internet e pelos avançados dispositivos. Sobre esse processo, Burke e Brings demonstram que:

o verbo medieval *enforme*, *informe*, emprestado do francês, significava *dar forma a* ou *modelar*, por sua vez, a sociedade da informação é marcada pela importância de aspectos relacionados à comunicação, todos permutados entre mídias como o papel, tinta, telas, pinturas, celulósido, cinema, rádio, televisão e computador. (BURKE e BRINGS 2006, p. 260).

A televisão, antecessora da internet na comunicação de massa, tem, em sua breve história, muito a revelar sobre o protagonismo da informação na virada do século. Criada e difundida mundialmente, em meados do século XX, anunciava uma nova era, em que a cultura de massa chegaria aos mais distantes recôncavos do mundo. Sua rápida ascensão revela o sucesso mercadológico do entretenimento de massa através do suporte audiovisual.

A capacidade de afirmação de padrões de consumo e de pensamento transformou a televisão no maior fenômeno de comunicação até o presente momento. Provavelmente esse posto histórico será desbancado, em pouco tempo, pela internet. Embora recente, a televisão é

uma das principais atividades realizadas pela população mundial e com maior potencial de disseminação de informações. “O Brasil, por exemplo, uma das nações cujos habitantes consomem mais horas de televisão por dia, além disso, quase a metade das crianças brasileiras nunca lê livro” (SIBILIA, 2008, p. 35).

As relações de mercado e concorrência afetam a formatação da programação das emissoras de televisão, o que, por sua vez, acaba sendo fundamental na consolidação de uma mentalidade pautada na busca da salvação das frustrações e tristezas através do consumo. Padrões de comportamento, visões sobre a realidade, consumo são disseminados para uma massa de espectadores por todo o mundo, estereótipos são criados, comportamentos incentivados ou banidos, e desejos são cultivados em nome do entretenimento. “A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela da população” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

As redes de poder que dominam os meios de comunicação têm o interesse comum de manter a capacidade de controlar e de definir as regras e normas da sociedade (CASTELLS, 2013), fazendo circular informações capazes de conduzir o comportamento das massas. Sobre o assunto, afirma Giddens:

Esta capacidade de definição de regras e condutas quando associada ao fato de que muitos programas de televisão são vistos mundialmente, por milhões de espectadores, revela que, por se tratar de uma organização moderna, consegue conectar o local e o global, de forma impensável em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas. (GIDDENS, 1991, p. 24).

A montagem das grades de programação é orientada para a busca do sensacional, do espetacular. “A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. Em relação aos subúrbios, o que interessará são as rebeliões.” (BOURDIEU, 1997, p. 25). A forma como as informações são disponibilizadas para a população causam reação indutiva e, portanto, conduzida para construir valores e deslocar olhares.

A televisão, ao sustentar e reproduzir os estereótipos sobre os jovens pobres, acaba por exercer uma violência simbólica, invisível, e consumida por milhões de telespectadores. Boudieu (1997, p. 22) explica que a violência simbólica “é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e, com frequência, também dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la, ou de sofrê-la”.

Os benefícios políticos e econômicos propiciados pela cultura de massa levam a uma solidificação da ideia de que o fluxo informacional é um dos elementos centrais da modernidade líquida. A estimulação torna-se um método, uma forma de *autorrealização*. Em uma sociedade acelerada, o que se transforma em rotina perde o encanto, portanto, para atrair a atenção é preciso tornar-se um astro ou uma vítima. “Os indivíduos se tornam insensíveis (...) natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensacionais e destrutivos” (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 49).

Na grade da programação das televisões abertas, no Brasil e em muitos lugares no mundo, os telejornais ocupam lugares estratégicos porque constroem a experiência da vida social, vendem credibilidade e atraem recursos financeiros (BECKER, 2014). As informações veiculadas são tomadas como fundamentais, para que um cidadão se mantenha bem informado. Muitas delas baseadas em crimes bárbaros, acontecimentos estrangeiros ligados a algum tipo de instabilidade, ou escândalos políticos. Sobra pouco espaço para notícias positivas e matérias construtivas. Para aqueles que aderem ao discurso do cidadão bem informado, o resultado é a valorização de um pânico moral e um cenário apocalíptico. “Disseminar as sementes do medo resulta em grandes colheitas em matéria de política e comércio” (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 115).

A internet ampliou o poder da comunicação de massa para além do espaço ocupado pela televisão. Através da rede de computadores, milhões de pessoas se comunicam, interagindo e trocando informações em um fluxo jamais registrado historicamente. A novidade reside na dupla função exercida pela internet. Mesmo possuindo grande capacidade de comunicação de massa, nem sempre é diretiva como no caso da televisão, na internet, o usuário usufrui do poder de comunicação, são portadores de voz própria, construindo seus discursos e criando novas formas de organização social.

Segundo Castells (2013), a comunicação realizada pela internet, sobretudo nas redes sociais, possui novos contornos digitais e mecanismos próprios de reprodução, uma espécie de *autocomunicação*. O sujeito que comunica passa a deter o poder de definição de “quando” e “o que” dizer. O ato de comunicar passa a ser uma decisão autônoma do remetente (CASTELLS, 2013). Sobre o assunto, Bauman afirma que:

A chegada da internet pôs ao alcance de cada fulano, beltrano e sicrano, um feito, que antes exigia as incursões noturnas de uns poucos grafiteiros treinados e aventureiros: transformar o invisível em visível, tornando gritante e dissonantemente presente o negligenciado, ignorado e abandonado

— em suma, tornando tangível e irrefutável o ser e o estar no mundo. (BAUMAN, 2013, p. 121).

A *autocomunicação*, por ser um fenômeno autocentrado, acentua o grau de individualismo, afetando a construção da imagem sobre si próprio e sobre o mundo, como afirma Sibilia:

a antiga experiência coletiva do narrador vai ficando ainda mais distante, visto que não apenas os aparelhos de rádio e televisão abandonam a sala familiar para se instalarem nos quartos particulares, mas também costumam sair para as ruas plugados nos corpos, ouvidos, e olhos de seus donos. Nos últimos anos, ampliou-se o catálogo de artefatos que já não são de uso público nem familiar, mas estritamente pessoal: computadores, internet, reprodutores de MP3, notebooks, *tablets*, telefones celulares. (SIBILIA 2008, p. 47).

Assim, o poder da *autocomunicação* leva a um tipo de individualismo insurgente, marcado por contornos digitais. Pessoas em todo o mundo que têm acesso aos dispositivos digitais e a internet constroem seus próprios discursos e criam sua imagem no mundo virtual. A informação é produzida, consumida, compartilhada, de forma horizontalizada e funciona como uma marca pessoal. O que você lê, curte e faz tem que ser atraente. As relações de exposição e privacidade ganham novos contornos em meios digitais, sobretudo nas redes sociais.

2.2.4 As redes sociais pela internet

Na atualidade, a comunicação é marcada pelo crescente uso de redes sociais ambientadas na internet. Recuero (2008) define rede social como um conjunto de atores (pessoas, instituições, governos e empresas) e suas conexões, que definem os laços sociais. O meio digital é a novidade do processo de formação dessas redes sociais, criando novas formas de interação. Por rede, Castells afirma:

Uma rede é um conjunto de nodos interconectados. Os nodos podem ter maior ou menor relevância para o conjunto da rede, de forma que os especialmente importantes se denominam “centros” em algumas versões da teoria em redes. [...] Os nodos aumentam em importância para a rede quando absorvem mais informação importante e processam mais eficientemente. A importância relativa de um nodo não provém de suas características especiais, mas sim de sua capacidade para contribuir com a eficácia da rede

para atingir seus objetivos, definidos por valores e interesses programados nas redes. (CASTELLS, 2009, p. 45).

A rede pode ser entendida, portanto, como um espaço de relacionamento com intensidades variadas, entre um conjunto de atores em interação. Consideradas um fenômeno coletivo, dinâmico e ligado à sociabilidade, as redes se notabilizam pela velocidade de informações transitadas diariamente e pelos laços de sociabilidade que são despertados. Nelas, os discursos são gerados, compartilhados e incorporados. São constituídas por pessoas, organizações civis ou governamentais, empresas, etc. e possuem laços diversos e têm na sua formação razões e objetivos específicos. Embora esse tipo de organização da sociedade pareça “novidade, o estabelecimento de redes de relações é inerente às atividades humanas, no nosso cotidiano, encontramos conjuntos de redes que emergem constantemente” (DA SILVA, 2010, p. 202). A novidade reside na presença das tecnologias digitais e da internet, que possibilitam comunicação instantânea e com objetivos diversos. Os jovens são os protagonistas dessas mudanças, pois nasceram em meio a essas tecnologias, e assim possuem um maior grau de familiarização. Segundo Da Silva:

a juventude é um elemento privilegiado de ação nesse processo em que se entrecruzam diferentes formas de dominação política, cultural, econômica e social. É este olhar positivo quanto às possibilidades de construção coletiva desses sujeitos que pretendemos enfatizar ao tratar da rede que os unem. (DA SILVA, 2010, p. 201).

Para a nossa pesquisa adotaremos o conceito apresentado por Recuero (2008), que define as redes sociais na internet como agrupamentos complexos, formados por interações sociais que usam como suporte as tecnologias digitais de comunicação. Entretanto, apesar do elo comum dentre todas elas, de serem redes que funcionam através da internet, possuem cada qual características e finalidades próprias.

A organização da vida cotidiana, construções identitárias e mobilizações sociopolíticas são afetadas pelas novas formas de interação propiciadas pela internet. Portanto trataremos então de redes sociais, cujos participantes passam a se engajar aos espaços virtuais através da *autocomunicação*. A participação ativa dos atores sociais nessas redes apontam novas formas de organização do poder. A autonomia na comunicação, segundo Castells, é a grande diferença das redes sociais estabelecidas pela internet. Para ele:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede, a autonomia de

comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desiedida. (CASTELLS 2013, p. 14).

Novas possibilidades de organização social e política começam a surgir. A mobilização social, através das redes sociais, é uma realidade em todo mundo e já carregou milhões para as ruas em defesa de seus direitos políticos, humanitários e civis. O alcance da internet é cada vez maior e o desenvolvimento de novas possibilidades deve ser contemplado a partir da seguinte ponderação:

Para ser includente e emancipatório, um processo de desenvolvimento necessita disseminar a capacidade de fazer política, quer dizer, precisa democratizar a política e o poder, portanto, uma rede social colabora para este processo, uma vez que prima pela horizontalidade numa ação que pressupõe o empoderamento dos sujeitos que a compõem. (DA SILVA, 2010, p. 203).

Os jovens, embora protagonistas desse processo, são associados de forma pejorativa ao individualismo característico da atualidade e aos seus dispositivos digitais: *tablets*, *smarthphones*, fones de ouvido etc. “Esta visão limitadora reafirma um olhar negativo quanto à capacidade de ação coletiva, de resistência ao que está posto e de articulação de outros modelos possíveis” (DA SILVA, 2010, p. 203). As redes formadas pelos jovens usuários da internet são alimentadas com imagens, vídeos e discussões diversas, com formatos variados, e, muitas vezes, inovadores, no entanto, somente a participação nas redes não garante o alcance das diversas possibilidades de mobilização social, ou nem mesmo o exercício da livre expressão, “para a capacidade de articulação na rede, é necessário construir princípios que norteiam sua gestão e as relações entre os sujeitos que a compõem, de forma a garantir a horizontalidade” (DA SILVA, p. 203-204).

Segundo Castells (2013), a horizontalidade é um traço marcante da autocomunicação, e não é algo natural, mas sim, construído. A colaboração e a ação coletiva são fundamentais para a manutenção da rede, no entanto, o mercado também percebe a força das redes sociais e exerce sua força, que também adquire novas configurações. A horizontalidade da comunicação pode ser afetada quando as redes sociais usam dispositivos de propaganda e algoritmos, que definem o que você vai ver ou não, como é o caso do *Facebook*. Fenômeno relevante, que requer reflexão, é o que envolve a liberdade exercida nas redes sociais, uma vez que são formados enormes bancos de dados, e, do outro lado, a falta de garantia da

privacidade dos dados leva a discussões sobre os limites da liberdade de comunicação existente na internet. “As redes sociais oferecem uma forma mais barata, rápida, completa e, em geral, fácil de identificar e localizar atuais ou potenciais dissidentes do que qualquer instrumento tradicional de vigilância.” (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 71).

Outra consideração relevante a ser apontada, em relação às redes sociais, é a transitoriedade que marca desse tipo de ferramenta. O tempo de vida de cada rede social é variado, e, por se tratar de um fenômeno novo, é algo imprevisível. O *Facebook*, por exemplo, carrega em sua primeira década de existência uma trajetória de sucesso, porém, apresenta atualmente alguns sinais de desgaste, em decorrência da divisão do mercado com outras redes em expansão. Embora o cenário apresente partilha do mercado e crescimento de outras redes sociais, a tendência é a concentração do capital na mão de poucos empreendedores, um exemplo recente é a aquisição do *Instagram* e do *Whatsapp* pelo grupo que domina o *Facebook*.

A clareza sobre a privacidade e os interesses políticos e econômicos que envolvem as redes sociais deve ser uma discussão constante, para que não só os aspectos positivos sejam evidenciados, gerando uma visão turva sobre o momento atual. O entendimento das contradições que envolvem as redes sociais para além de seu poder de comunicação possibilita o uso mais assertivo e ponderado, de forma positiva e construtiva, seja para a Educação, o entretenimento ou como instrumento político.

2.2.5 A criação da *autoimagem* e a sociedade confessional

A partir do princípio de que a informação tem um papel central na sociedade atual, podemos concluir que, em menos de uma década, as redes sociais tornaram-se poderosos meios de troca de informações, protagonizados pelos próprios usuários. Em redes como o *Facebook*, os usuários constroem uma *autoimagem* que pretendem como representação do real; o resultado desse processo é “a produção de infinitos textos, nas mais diversas línguas, que são permanentemente escritos e reescritos, lidos e relidos — e também esquecidos ou ignorados — por milhões de usuários do mundo inteiro” (SIBILIA, 2008, p. 57).

A construção e disponibilização dessa *autoimagem* nas redes sociais levam a significativas mudanças na percepção da privacidade e da intimidade. O prazer em guardar segredos entra em decadência, “a não ser aqueles que reforcem nossos egos, e que podem atrair a atenção alheia” (BAUMAN, 2013). As pessoas indicam satisfação em compartilhar fotos, postar informações sobre seu cotidiano, revelando detalhes de aspectos íntimos de sua

vida. “É preciso exibir na pele a personalidade de cada um, [...] a profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um eu visível.” (SIBILIA, 2008, p. 111). Em meio ao turbilhão de informações, é preciso chamar a atenção para ser visto. A padronização estética passa a ser um mecanismo viável de afirmação do eu, as *selfies* retratam essa nuance, além de promoverem uma *autorreferência*. As poses padronizadas e difundidas por pessoas populares sugerem padrões estéticos e de consumo a serem seguidos. É preciso “*ficar bem na foto*”. Para chamar a atenção, histórias narradas no *Facebook* precisam ter “*sabor*”, não podem ficar limitadas ao rotineiro. Para tanto, “as receitas mais efetivas emulam os moldes narrativos e estéticos da tradição cinematográfica, televisiva e publicitária, cujos códigos são apropriados e realimentados pelos novos gêneros que proliferam na internet” (SIBILIA, 2008, p. 50). O enquadramento em algum tipo de estereótipo é um passo para a aceitação dentre seus pares, “estereótipos e conjecturas (...) tornam-se eficazes nos mais diversos meios de comunicação” (BAUMAN & DONSKIS, 2014).

As escritas sobre si são práticas solitárias, em meio ao tumultuado cotidiano, mas o momento individual é, por vezes, proveniente de uma necessidade de estabelecer conexões com outras pessoas. Embora solitária, a escrita também é ambígua, na medida em que se instala em um limiar de exposição, de publicidade de si. As distâncias espaciais e temporais são superadas a custo de uma reconfiguração da noção de privacidade. Os limites da privacidade são afrouxados e os segredos perdem espaço para as “curtidas”. Vivemos em uma sociedade confessional, onde expor publicamente a intimidade é uma prova de “existência social” (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 71). Além disso, os gêneros confessionais “se apresentam como tentativas bem atuais de ‘recuperar o tempo perdido’ na vertiginosa era do tempo real, da falta de tempo generalizada e do presente constantemente presentificado” (SIBILIA, 2008, p. 116). Para Bauman & Donskis:

A entusiástica demonstração de sua privacidade (acompanhada de relatos sobre seu trabalho, sucesso e família, com fotos pessoais e dos parentes apresentadas a centenas e milhares de “amigos” virtuais) torna-se um substituto da esfera pública e ao mesmo tempo uma nova-líquida-esfera pública. É nesta esfera que as pessoas buscam inspiração, reconhecimento, atenção, novos temas e protótipos de personagens para potenciais criações literárias, ao mesmo tempo em que ela se torna uma arena em que se forma público quase global de admiradores e amigos. (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 132).

Para converter o próprio eu em um show, é necessário “espetacularizar a própria personalidade com estratégias performáticas e adereços técnicos, recorrendo a métodos comparáveis aos de uma grife pessoal, que deve ser bem posicionada no mercado” (SIBILIA, 2008, p. 255). Essa tendência invade os meios de comunicação, contagiando as páginas dos livros, jornais e revistas, os filmes e a televisão. A busca pelo real se torna objeto de interesse e curiosidade, como reflete Sibilía:

Uma intensa “fome de realidade” tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais. Os relatos desse tipo recebem grande atenção do público: a não ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção. (SIBILIA, 2008, p. 34).

A vida passa a ser relatada através de fotos, imagens, vídeos etc., mas, o mesmo tempo em que os estereótipos são reproduzidos, há uma busca incessante pela autenticidade. Esse evento se dá “porque se supõe que são experiências íntimas de um indivíduo real: o autor, narrador e personagem principal da história” (SIBILIA, 2008, p. 37). O cotidiano é apresentado tal qual uma ficção, esteticamente elaborado, mas carrega consigo a marca de autenticidade, da busca pelo verdadeiro, pelo real. Sibilía afirma sobre o assunto:

Os usos “confessionais” da internet parecem se enquadrar nessa definição; seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O eu que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua contundente auto-evidência, é sempre frágil o estatuto do eu. [...] A experiência de si, como um eu, se deve, portanto, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira pessoa do singular. (SIBILIA, 2008, p. 31).

Construir uma *autoimagem* nas redes sociais é ter como pretensão narrar uma história de vida entendida como o “conjunto dos acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2006, p. 183). A trajetória de vida é construída a partir de uma série de posições ocupadas, em um espaço em constante transformação, uma construção narrativa composta diariamente. E, assim, afirma Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e

direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185).

As escolhas tomadas no momento da construção de sua *autoimagem* nem sempre são conscientes. Na prática, nem todos percebem que a imagem construída no *Facebook*, por exemplo, nada mais é do que um conjunto de dados pessoais, selecionados e que podem “afetar suas oportunidades e escolhas existenciais” (BAUMAN, 2013). A importância dessa discussão pode ser observada nos exemplos do crescente número de casos de preconceitos sofridos pela internet, assim como roubo e uso indevido de fotos, publicação de fotos íntimas, dentre outras situações, que podem causar sérios danos morais, materiais e mesmo físicos.

Para muitos, a *autoimagem* construída nas redes sociais permite uma abertura para compartilhar opiniões, angústias e desejos, é, portanto, uma forma de *autorrealização*, “fundamentado na confiança básica que, em contextos personalizados, só pode ser estabelecida por uma ‘abertura’ do eu para o outro” (GIDDENS, 1991, p. 111).

A dimensão teórica das questões apresentadas neste capítulo é de fundamental relevância para a análise dos dados coletados na nossa pesquisa. As postagens realizadas nas redes sociais devem ser contempladas a partir da consciência do papel e da fluidez das informações, no atual estágio de modernidade avançada. A construção de uma imagem virtual sobre si também deve ser observada. Outra observação importante é que, como o poder da *autocomunicação* permite aos sujeitos uma interação com maior autonomia, o recorte inicial desta pesquisa foi afetado, pois a comunicação oficial dos integrantes do Fórum Metrô, inicialmente realizada pelo *Facebook*, apresentou resultados inesperados, revelando a tendência de comunicação por múltiplas redes sociais, como veremos no capítulo a seguir.

3. AS REDES SOCIAIS PELA INTERNET COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO DOS INTEGRANTES DO Fórum Metrô

3.1 A presença/ausência dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais pela internet

Os integrantes do Fórum Metrô participam ativamente das redes sociais digitais, realidade comum dentre os membros comunidade universitária da UFMG. Através de um questionário realizado virtualmente, pode-se constatar que todos os sujeitos da pesquisa participam de, pelo menos, uma rede social pela internet. O gráfico abaixo apresenta as principais redes sociais utilizadas pelos integrantes do Fórum Metrô:

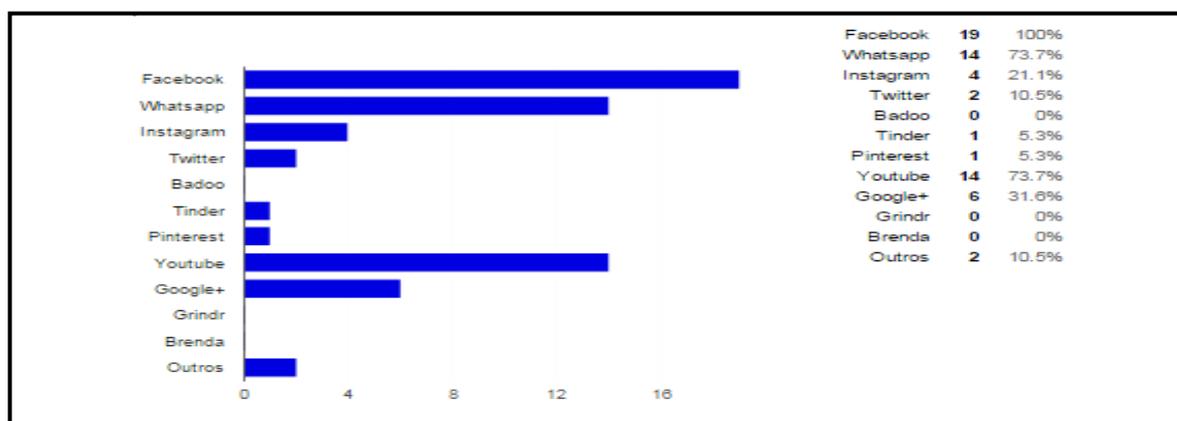


Figura 3 – As redes sociais pela internet utilizadas pelos integrantes do Fórum Metrô (Questionário on-line)

A principal rede social utilizada, de acordo com respostas concedidas pelos sujeitos pesquisados, é o *Facebook*. Todos os integrantes participam utilizando a rede para finalidades diversas, como compartilhar informações, eventos, para a comunicação com pessoas distantes e a realização de militância. No entanto, recursos como a administração de grupos e páginas não são amplamente utilizados, como pode ser visto no gráfico a seguir:



Figura 4 – Os integrantes do Fórum Metrô administram grupos no *Facebook*? (Questionário on-line)

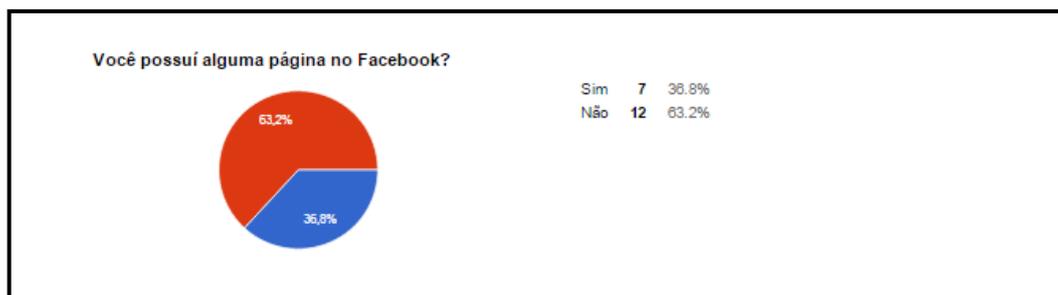


Figura 5 – Os integrantes do Fórum Metrô administram páginas no *Facebook*? (Questionário on-line)

Os dados demonstram que a utilização dos recursos disponíveis pelo *Facebook* nem sempre ocorre. O uso cotidiano dessa rede social fica limitado às funções básicas. No entanto, ao serem questionados, durante a roda de conversa, os integrantes do Programa foram unânimes em afirmar que o uso de outros recursos não é fruto de falta de habilidade, mas falta de interesse e/ou oportunidade.

O *Youtube*, embora muito acessado, não foi associado às redes sociais pela maioria. Durante a roda de conversa, perguntei a eles por que não assinalaram essa opção, assim como o *Google +*, e a resposta obtida é a de não possuírem conta no *Youtube* e, conseqüentemente, no *Google +*, e que não entendiam como participação em uma rede social, pois para a maioria do grupo, essas ferramentas são vistas pela finalidade, mais que por sua capacidade de sociabilização/comunicação.

Os grupos de e-mail não foram apresentados como opção de resposta, pois o questionário foi aplicado antes da decisão de utilizar o grupo de e-mail para a comunicação oficial do Fórum Metrô e quase sempre essa ferramenta não é associada a uma rede social. No entanto, por que viabiliza a construção de uma rede social, no sentido apontado por Castells (2003) e por Recuero (2008) essa modalidade foi incorporada na pesquisa.

O *Whatsapp* possui um relevante número de usuários, no entanto, devemos pontuar que seu acesso está limitado a um condicionante material. Essa rede social só funciona através de dispositivos móveis, no caso, *smartphones* e *tablets*, e os integrantes do Fórum Metrô, que não possuem os dispositivos necessários, não participam desta rede social. A limitação financeira é a principal causa apontada para a não participação no *Whatsapp*. Portanto, estamos diante de um caso que demonstra como o acesso a redes sociais está ligado ao consumo e ao estágio avançado do capitalismo em que nos encontramos.

A frequência do uso das redes sociais também é um dado relevante e dialoga com a atual tendência da intensificação da presença cotidiana em ambientes virtuais. As respostas do questionário apontam para o uso regular das redes sociais pela maioria dos integrantes do

Fórum Metrô. Apenas 5 pessoas alegaram não realizar uso diário. Sobre a intensidade de uso das redes sociais:

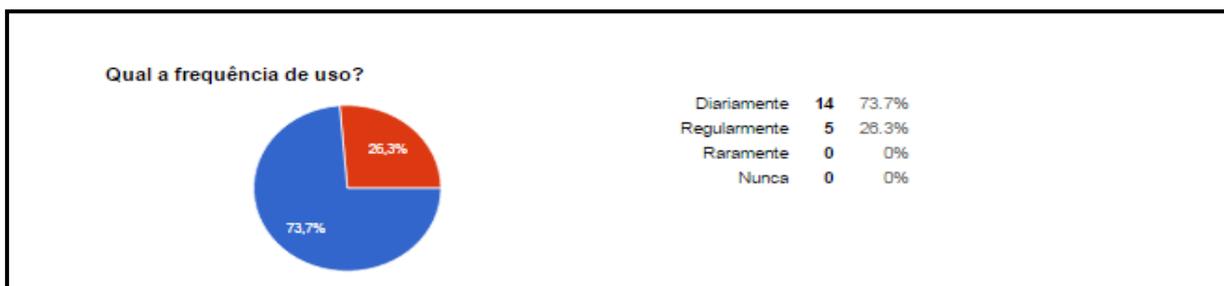


Figura 6 – Frequência de uso das redes sociais pela internet pelos integrantes do Fórum Metrô (Questionário on-line)

São fatores apontados por aqueles que não fazem o uso regular das redes sociais: não possuem *smartphones* ou *notebooks* e/ou não terem acesso diariamente à internet, além do desinteresse, segundo *Omínira*, por discussões políticas. Segundo ela, as discussões são “infrutíferas”, levando a uma “perda” de um tempo. Ponderações, como a de *Omínira*, revelam o embate em que vivemos. A instantaneidade e a fartura de informações e interações possíveis acabam por mobilizar parte do tempo diário. A ideia de “tempo perdido” pode denotar certo equívoco, já que as redes que operam em meios digitais são fonte de trabalho coletivo e comunicação, dentre outras possibilidades. O tempo gasto, nesse caso, deve ser pensado não de forma cronológica, mas, sim, em termos de qualidade. Como gastamos nosso tempo nas redes sociais? Uma reflexão importante nos tempos atuais, pois as contradições precisam ser manifestadas. A intensa presença nas redes sociais é uma atual tendência, as finalidades de uso são diversas. Para alguns, ferramentas de trabalho, para outros, entretenimento, ou seja, dimensões distintas, resultantes de decisões e demandas individuais. Essas questões definem o modo e o tempo destinado às redes sociais e da internet.

Aos poucos caem as barreiras que dividem, simbolicamente, o real e o virtual. O tempo utilizado na internet é cada vez mais difícil de ser mensurado, e se passa paralelamente a outras atividades, como cursos e aprendizagens diversas, trabalho e entretenimento. Constitui um dos principais hábitos dos *internautas*³¹. Os dados coletados mostram que os integrantes do Fórum Metrô fazem parte desse cenário. E a Universidade? Estamos investigando um programa ligado à UFMG, portanto avalio a observação dos integrantes do PFMJEA sobre a presença/ausência da Universidade e de seus professores nas redes sociais como relevante.

³¹ O termo *internauta* é um neologismo utilizado para designar os usuários da internet.

3.2 A presença/ausência da UFMG e de seus professores nas redes sociais pela internet

A intensa presença dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais é uma tendência que se estende à toda comunidade universitária. A UFMG disponibiliza wifi para os membros ativos da comunidade, e convidados, em casos de eventos³². Em alguns momentos da observação participante, registrei falas que denotavam descontentamento com esse serviço disponibilizado, mas, no entanto, a disponibilização já demonstra a necessidade e a presença da Universidade no mundo virtual, além do estímulo da sua comunidade ao uso da internet.

Os professores da Universidade também estão presentes nas redes sociais pela internet, embora a intensidade dessa presença demande uma avaliação mais apurada, os dados coletados atestam esse fato:



Figura 7 – Avaliação dos integrantes do Fórum Metrô sobre a presença de seus professores nas redes sociais (Questionário on-line)

Os integrantes do Fórum Metrô afirmam a presença significativa de seus professores nas redes sociais pela internet. No entanto, como abordado anteriormente, a tendência é uso de múltiplas redes sociais simultaneamente. De acordo com o gráfico abaixo, as principais interações com seus professores ocorreram mediadas pelo *Facebook*, que, por se tratar da maior rede social do mundo, torna o resultado previsível.



Figura 8 – Avaliação dos integrantes do Fórum Metrô sobre suas interações com seus professores nas redes sociais (Questionário on-line)

³² O wifi é uma rede sem fio que viabiliza o acesso à internet. Para ter acesso é necessário, no caso da UFMG, realizar um cadastro pelo site Minha UFMG. Maiores informações através do link: <http://www.redesemfio.ufmg.br/como-usar/>. Acesso em: 04 jan. 2016.

O fato de 10,5% dos integrantes do Fórum Metrô não interagirem com professores nas redes sociais nos chamou a atenção. A presença de seus professores não garante a interação, sequer o interesse em estabelecê-la. Apenas um integrante afirmou interagir com professores através do *Whatsapp*. O fato levou a um questionamento durante a roda de conversa e as respostas coletadas revelam que, para muitos, o *Whatsapp* é um meio de comunicação íntimo e informal, desligado da relação entre professor/aluno. No entanto, *Mano Brown* e *Emicida* afirmam que essa é uma premissa em transformação, e que, cada vez mais, o aplicativo é utilizado, principalmente para a resolução de emergências, devido ao seu imediatismo.

A partir da análise dos dados coletados é possível afirmar que a principal rede utilizada é o *Facebook*, seguindo a tendência mundial, e a presença dos professores nas redes sociais é crescente, assim como as interações estabelecidas com outros membros da comunidade universitária.

3.3 Facebook: a rede social digital mais popular do mundo

A história do *Facebook* começou com um grupo de jovens graduandos da *Universidade de Havard* que resolveu criar um site que permitia a formação de uma rede social. Inicialmente, as fotos surgiam na tela do computador e a ação era validar a foto positivamente ou negativamente, segundo critérios estéticos. O site recebeu o nome de *Facemash*. *Mark Zuckerberg*, *Eduardo Saverin*, *Chirs Hughes* e *Dustin Moskovitz* foram os responsáveis pela criação do site. A rápida popularidade dentre os universitários e a violação de bancos de dados para a obtenção das imagens levou a *Universidade de Harvard* a fechar o site e expulsar *Zuckerberg*, que deu um passo adiante e criou um novo site, conforme Kirkpatrick (2011, p. 37).

Em 2004, *Zuckerberg* lançou o *The facebook*. O objetivo inicial era a criação de uma “ferramenta de comunicação muito básica, destinada a resolver o problema simples de acompanhar seus colegas de faculdade e o que acontecia com eles” (KIRKPATRICK, 2011). Tornou-se *facebook.com*, em 2005 e, no ano seguinte, o *Facebook* foi aberto mundialmente para usuários da internet acima de 13 anos com e-mail ativo³³. O rápido crescimento, em

³³ Dados sobre a história do *Facebook* estão amplamente disponíveis na internet, sendo explorados em filmes e documentários. Os dados apresentados foram extraídos de sites especializados em tecnologia, como por exemplo: <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em 13 dez. 2015.

escala global, é a principal marca da história desta rede social. Em 2012, o *Facebook* alcançou a marca de 1,39 bilhão de usuários ativos em todo o mundo.³⁴

A entrada do *Facebook* no mercado financeiro, em 2012, foi considerado o maior evento do setor de tecnologia do ano. Um marco que demonstra a força econômica dessas redes sociais pela internet. Ainda em 2012, Zuckerberg deu mais uma demonstração da força das redes sociais com a aquisição do *Instagram*, que estava em franca ascensão. Dois anos depois, o *Whatsapp* foi a grande aquisição do *Facebook*. A compra ocorreu em 2014 e tornou esta, a mais rápida valorização do setor.³⁵ A centralização do capital das grandes redes sociais mundiais revela algumas contradições. Simbolizando tempos de *autocomunicação*, essas redes possibilitam maior liberdade e poder de interação e mobilização social, no entanto, respondem a poderosos mecanismos de mercado, podendo funcionar, também, como meios de controle social, influenciando hábitos de consumo e gerando bancos de dados gigantescos, e também amostras de opiniões e sentimentos em escala mundial.

Para participar do *Facebook* é necessário criar um perfil com dados pessoais. E quanto a expressão de gostos, Sousa (2014) afirma que influenciada pela própria rede, indicando assim, que o *Facebook* dá forma, instiga e compõe o gosto. Através desses registros pessoais e de interesses, a *autoimagem* é construída na rede social, e, a partir de solicitações de amizade a outros usuários, a rede vai se formando. A contagem máxima de 5.000 amigos por usuário é considerada, por Gimenez (2010), um limitador desta ferramenta. Mas será que é possível ter milhares de amigos? A palavra amizade, nesse contexto, possui um significado próprio, pois não é preciso ter um contato próximo, sequer conhecer pessoalmente, para se tornar um amigo no *Facebook*. Pessoas fisicamente distantes podem interagir, estreitando fronteiras, mas nem sempre as relações estabelecidas são sólidas. Bauman alerta para a fragilidade que, por vezes, afeta as relações estabelecidas pelo *Facebook*:

Há uma diferença enorme, realmente profunda e intransponível, entre “abraçar” e “cutucar” alguém; em outras palavras, entre a variedade on-line de “proximidade” e seu protótipo off-line, entre profundo e raso, quente e frio, sincero e superficial. A escolha é sua, e é muito provável que você continue a escolher, e dificilmente poderá evitá-lo, mas é melhor escolher

³⁴ Dados apresentados pelo *Facebook*, sobre o último trimestre de 2014, apresentado por reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/01/1581963-facebook-supera-estimativa-de-receita-de-analistas-usuarios-ja-sao-14-bi.shtml>. Acesso em: 15 set. 2015.

³⁵ Maiores informações sobre a compra do *Whatsapp* pelo *Facebook*, através do link: <http://www.tecmundo.com.br/facebook/51567-tudo-sobre-a-compra-do-whatsapp-pelo-facebook-infografico-htm>. Acesso em: 04 jan. 2015.

sabendo aquilo pelo qual está optando — e se preparar para assumir o custo de sua escolha. (BAUMAN, 2013, p. 44).

As possibilidades de interação pelo *Facebook* são variadas: mensagens privadas, publicações na linha do tempo, comentários em postagens alheias. O principal ponto positivo, apontado por Margaix Arnal (2008), é a diversidade de funcionalidades de comunicação. A formação de um grupo secreto foi a estratégia adotada para a comunicação do Fórum Metrô. Sobre os grupos, Guimarães e Ribeiro pensa que:

oferecem um espaço fechado para pequenos grupos de pessoas se comunicar sobre interesses em comum.[...] Diferente das páginas, os grupos possuem configurações de privacidade, podendo variar entre: aberto, fechado ou secreto. A privacidade de um grupo pode ser utilizada para controlar o seu público e, assim, minimizar postagens indesejadas de pessoas que não produziram nada de relevante. (GUIMARÃES e RIBEIRO, 2015, p. 73).

Antes de iniciarmos a análise das interações estabelecidas pelos integrantes do Fórum Metrô no *Facebook*, vou apresentar a visão deles sobre esta rede social. A relação que possuem com essa rede é fundamental para a compreensão dos desdobramentos da pesquisa.

3.3.1 O que os integrantes do Fórum Metrô pensam sobre o *Facebook*?

Os dados apresentados nessa seção foram coletados através dos registros da observação participante realizada junto aos integrantes do Fórum Metrô, durante o processo de formação e a roda de conversa, que ocorreu em uma sala da FAE, após uma reunião geral, que tinham por um dos objetivos a discussão sobre a comunicação do grupo. As discussões que ocorreram durante a reunião podem ter interferido na roda de conversa. Mas a primeira questão era *como se relacionavam com o Facebook*: finalidades e frequência de uso. Embora assumissem presença constante, algumas pessoas, como *Mano Brown*, *Omínira*, *Sabotage*, *Lindomar 3L*, *Dina Di*, *Pamelloza*, *Leilah Moreno*, *Criolo* e *Renegado*, se diziam “impacientes” com o *Facebook*. *Mano Brown* afirmou que sua participação no *Face* está condicionada à militância e participação em coletivos, pois, em sua opinião, as questões mais importantes sobre a política e a sociedade são debatidas de forma leviana nas redes sociais, abrindo margem para visões preconceituosas e falsas. Para ele, a crescente discussão política que ocorre na rede é mais fruto de uma necessidade de afirmação, do que uma opinião embasada, sólida. Todo mundo fala as mesmas coisas vai ficando cada vez mais chato.

O resultado de embates de opiniões podem gerar mal estar entre amigos e familiares. Ao falar sobre essa situação, *Mano Brown* afirmou ter desfeito amizades e cortado laços virtuais com parentes por discordâncias políticas. Todos os outros presentes afirmaram terem vivido situações semelhantes, principalmente durante a turbulenta eleição presidencial de 2014 e as denúncias de corrupção, que marcaram o início do segundo mandato de Dilma Roussef.

Situações como essa refletem a importância da opinião como forma de construção da *autoimagem* nas redes. Quem sou, como sou e o que penso, são perguntas orientadoras para a *autoimagem* presente nas redes sociais. O dualismo que, por vezes, reduz a capacidade de discussão nas redes sociais, é uma característica apontada pelos integrantes do Fórum Metrô sobre opiniões que circulam no *Facebook*. A agressividade com que as ideias são defendidas também chama atenção, pois nem sempre o mesmo comportamento é percebido na vida real, porém, nas redes sociais, as revoltas, angústias e posicionamentos políticos são tratados de forma maximizada.

A necessidade de exibição de uma personalidade, um ponto demonstra “a profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exhibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um eu visível.” (SIBILIA, 2008, p. 111). O preço pago é o questionamento, o enfrentamento com o outro. As várias dimensões do processo de fragilização da privacidade afetam relações para além da vivência virtual.

A colocação de *Mano Brown* contou com o apoio de seus colegas. Segundo *Sabotage*, o conteúdo que circula no *Facebook* está piorando muitos nos últimos tempos. Segundo *Dina Di*, desde as manifestações em 2013, ficou “impossível” discutir política nas redes sociais. Alguns afirmaram participar de discussões nessa rede social, mas a maioria afirmou ter uma postura neutra, evitando debate de ideias e bloqueando pessoas consideradas “inconvenientes”.

Lindomar 3L afirmou que sua presença no *Facebook* é cada vez menor, devido à “chatice” dos comentários extremistas e conservadores de amigos e parentes. “Quando é um desconhecido, me irrita, mas sei lá, é o cara, o que ele conhece do mundo, o que ensinaram. Agora quando é um parente, um chegado aí não dá pra aguentar” (*Lindomar 3L: Roda de conversa*, 2015). Segundo ele, sua conta chegou a ser encerrada, só que devido às facilidades de comunicação que o *Facebook* possibilita, sobretudo com pessoas distantes, reativou-a.

Omínira afirma ter uma relação parecida com o *Facebook*. “Eu já cancelei e voltei várias vezes, mas, sabe como é, estudante pobre vivendo em outra cidade... A forma mais

barata e fácil de se comunicar com a família e os amigos é usando o *Face*” (*Omínira: Roda de conversa*, 2015). Situação similar foi relatada por *Criolo*, pois sua família vive no interior e, inicialmente, era a forma como se comunicavam. Depois que migraram para o *Whatsapp*, cancelou a conta no *Facebook*, retornando apenas por conta da comunicação do Fórum Metrô.

Aproveitando o calor da discussão, *Lourdes da Luz* iniciou nova pauta: “Já deu esse negócio dos tios que ficam curtindo todas as fotos e comentando, postando fofuras e falando besteira de política”. A partir dessa colocação, eu indaguei a eles se a presença de familiares, principalmente mais velhos, incomodavam.

A livre manifestação ocorreu por algumas pessoas como, *Lourdes da Luz*, *Sabotage*, *MC Papo* e *Criolo*. Segundo *Sabotage*, eles vigiam e comentam, invadindo a “privacidade”. Segundo Bauman e Donskis (2014, p.71), Vivemos em uma sociedade confessional, onde expor publicamente a intimidade é uma prova de “existência social” (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 71). Portanto, a questão deve ser observada de uma forma mais ampla, contemplando o livre-arbítrio sobre o que vai ser exposto ou não nas redes sociais.

Nesse momento, aproveitei para fazer uma intervenção sobre a questão da privacidade, afinal, tratamos de uma rede social que possui a opção de não aceitar uma “amizade” e configuração de privacidade, portanto, a questão da privacidade precisa ser pensada. Estamos tratando da ausência de recursos, que permitem o livre acesso de informações ou da ausência de controle sobre o conteúdo que circula e que, por vezes, pode expor vivências íntimas?

A resposta foi dada por *Lourdes da Luz* que, prontamente, afirmou que nem sempre é possível controlar as fotos e postagens feitas por amigos, em festas por exemplo. “Daí você está numa festa, de boa, *tomando uma* e vem um amigo tira uma foto. Você *tá chapado* e quando vai ver já foi postado, sua mãe, sua tia, sua madrinha, geral curtiu a foto” (*Lourdes da Luz: Roda de Conversa*, 2015). *Leilah Moreno* fez a sua primeira intervenção, dizendo que tentou configurar a privacidade, mas ficou com preguiça. Chamando a responsabilidade para si, ela disse que incomoda, mas que ela também não fez o que podia fazer. *Emicida*, por sua vez, justificou o crescimento do *Whatsapp*: “Tem as chatices dos grupos de família, mas tem a comunicação direta com outras pessoas e grupo maneiros.” (*Emicida: Roda de Conversa*, 2015). Houve um consenso do grupo. *Pamelloza*, afirmou perceber a migração de uma

comunicação, que era feita pelo *Facebook*, para o *Whatsapp*. Segundo ela, o *Facebook* não vai acabar como o *Orkut*:³⁶

Eu acho que esses aplicativos mais recentes tipo o *Whatsapp*, o *Instagram* vão crescer muito, mas não vai acontecer o mesmo que rolou com o *Orkut*. O *Face* é muito maior, ficou muito poderoso, tipo uma identidade digital. Só que não vamos usar tanto (*Pamelloza: Roda de conversa*, 2015).

Segundo *Dina Di*, “O *Face* vai acabar igual o *Orkut*, vai chegar uma hora que os próprios caras vão querer avacalhar a parada para inventar outra e ganhar uma grana”(Dina Di: Roda de Conversa, 2015). *Afro-x* acredita que, além da questão financeira, escândalos envolvendo o vazamento e venda de dados pelo *Facebook* levam ao crescimento de outras redes sociais.

Outro ponto abordado foi o uso do *Facebook* como meio de interação entre membros da comunidade universitária. A pergunta lançada foi como eles ficaram sabendo do processo de seleção de bolsistas do Fórum Metrô. A pergunta foi feita, pois a divulgação da seleção iniciou durante o período de férias, através do *Facebook*. A divulgação foi realizada a partir do perfil da coordenadora do Programa e compartilhada em grupos abertos de cursos de licenciaturas, o grupo da UFMG e da FAE e por e-mail. A divulgação institucional é realizada por e-mail e disponibilizada pelo site da PROEX. Mas a resposta não foi espontânea como as anteriores. Lancei mão da pergunta individual para ter uma coleta precisa e para estimular a participação. *Flora Matos* afirmou já conhecer o trabalho desenvolvido pela coordenadora e ficou sabendo pessoalmente. *Afro-x* e *Criolo* tomaram conhecimento do Programa a partir de cartazes afixados na FAE e na FAFICH. No entanto, dentre os integrantes do Fórum Metrô, 12 ficaram sabendo da seleção por meios digitais, sobretudo através do *Facebook*. Um número significativo, que demonstra a potencialidade de divulgação através das redes sociais pela internet, conectando pessoas dentro da Universidade, com o mesmo interesse.

A diversidade de sentimentos que envolvem a relação dos integrantes com o *Facebook* é notada neste momento da conversa. Durante a explanação sobre sua instável relação com o *Face*, *Leilah Moreno*, afirmou ter perdido o interesse nas informações que circulam no *Facebook*, devido ao tipo de conteúdo, mas, terminada a sua fala, respondeu à pergunta seguinte dizendo que ficou sabendo da seleção dos bolsistas por ali e acabou sendo interrompida por *Afro-x*, que ironizou dizendo: “ta aí criticando o *Face*, mas conseguiu uma bolsa por causa dele” (*Afro-x: Roda de Conversa*, 2015). Todos riram, mas ponderaram.

³⁶ Uma das pioneiras redes sociais pela internet, em escala mundial, encerrou suas atividades em 2014. Maiores informações através do link: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/09/fim-do-orkut-mesmo-sob-protestos-google-encerra-rede-social-apos-10-anos.html>. Acesso em: 05 jan. 2016.

Observei a reação do grupo e vi que conversas paralelas surgiram e alguns mostraram certo desconforto com essa ironia. *Negra Li*, quando o assunto começou a esgotar, pediu a palavra, pois seria a próxima a responder:

vamos parar com besteira, o *face* tá um saco, mas usamos para um monte de coisa legal. Vai ter hora que vai ficar chato demais, aí é bom que largamos um pouco de ficar gastando tempo com isso, você para de ficar entrando toda hora. Quando ficar *de boa*, você volta, milita, xinga os outros e arruma uma bolsa (*Negra Li: Roda de Conversa*, 2015).

Sobre o engajamento nas redes sociais, e, percebendo a tendência ao apontamento de aspectos negativos, sugeri uma conversa sobre os aspectos positivos do *Facebook*. *Afro-x* defendeu que o *Facebook* possibilitou a mobilização de um número maior de pessoas para as questões políticas e as causas sociais. *Dina Di* afirmou que sem o *Facebook*, dificilmente as recentes manifestações que ocorreram em todo o mundo tinham sido tão grandes ou tinham conseguido tanta visibilidade.

Omínira, *Leilah Moreno* e *MC Papo* afirmaram não realizar nenhum tipo de militância nas redes sociais. *Omínira* disse apoiar esse tipo de ação, mas confessou não ser atuante, sobretudo, por não usar recorrentemente essa rede social. *MC Papo* acrescentou que colaborou com o *Movimento Passe Livre* e com o *Resiste Izidoro*, mas acabou deixando de lado, pois outras demandas foram sendo priorizadas.

Em seguida, *Afro-x* diz que um problema vivido pelos coletivos e movimentos que atuam e se mobilizam pelas redes sociais é que “enquanto o movimento tá na moda, todo mundo apoia” (*Afro-x: Roda de Conversa*, 2015). Afirmou ainda, ser uma pessoa muito presente nas redes sociais, por acreditar que seja um espaço social importante, que permite a visibilidade de causas que são desprezadas, ou pouco valorizadas, pelos meios de comunicação tradicionais, como a televisão e os jornais. Para ele, a vocação do *Facebook* é a comunicação e o *Twitter* serve para a discussão de assuntos públicos. Indaguei o por que diferenciar e *Afro-x*: “não há como controlar bem o que aparece na *timeline*, daí tá o pessoal debatendo um assunto político importante e no post seguinte um gatinho fofinho” (*Afro-x: Roda de Conversa*, 2015). A diversidade de conteúdo parece incomodar boa parte do grupo. Ele finaliza essa fala dizendo não ter paciência com “fofuras e mensagens motivacionais”, acreditando na ação política por meio das redes sociais. *Flora Matos* aproveitou a “deixa” e afirmou também acreditar no potencial político das redes sociais, desprezando o conteúdo que considera desnecessário.

De forma geral, avalio que os integrantes do Fórum Metrô estão presentes nas redes sociais pela internet, percebendo suas movimentações e tendências, realizando críticas, mas também explorando seu potencial político e social. Além disso, apresentam a consciência de vivermos em tempos de mudanças constantes e novas possibilidades. O potencial de comunicação do *Facebook* também foi um ponto consensual. A partir dessas reflexões podemos analisar a interação do grupo através da comunicação estabelecida nessa rede social.

3.3.2 A comunicação oficial do Fórum Metrô realizada através do *Facebook*

Durante a primeira reunião com os integrantes do Fórum Metrô a coordenadora sugeriu o uso do *Facebook* como meio de comunicação oficial, através da criação de um grupo secreto. O argumento utilizado era a presença cotidiana de todos os presentes no *Facebook*, facilitando a interação e possibilitando maior tráfego de informações relevantes ao programa. Então, respondendo à sugestão, dois integrantes, *Omínira* e *Criolo*, afirmaram não serem usuários frequentes do *Facebook*, dizendo estarem cansados dessa rede social, sobretudo pela degradação do conteúdo que circula ali. Entretanto, se mostraram dispostos a retornar à rede social, para atender à demanda do Fórum Metrô. Inclusive, reconheceram os benefícios que estavam fazendo falta, como a comunicação com pessoas que não vivem na mesma cidade.

As interações estabelecidas pelos integrantes do Fórum Metrô foi significativa, com o compartilhamento de informações relevantes para o Programa. No entanto, a comunicação interna não funcionou como o previsto. As diferentes finalidades de uso do *Facebook*, atribuídas pelos sujeitos pesquisados demonstram a complexidade da questão. Para alguns integrantes, a finalidade é o entretenimento e a comunicação com amigos e familiares, nem sempre, o *Facebook* é visto como uma ferramenta de trabalho, mensagens postadas pela coordenadora eram visualizados e nem sempre respondidos. A situação gerou mal estar e preocupação, pois coincidiu com o crescimento da ausência das pessoas no processo de formação. O desconforto foi minimizado com o uso simultâneo do grupo de e-mail, que foi criado com o intuito de otimizar a comunicação do grupo. Assim, os comunicados eram difundidos em diferentes meios, na tentativa de acelerar o contato. No início de maio, o agravamento da situação levou a iniciativas da coordenadora, como a seguinte:

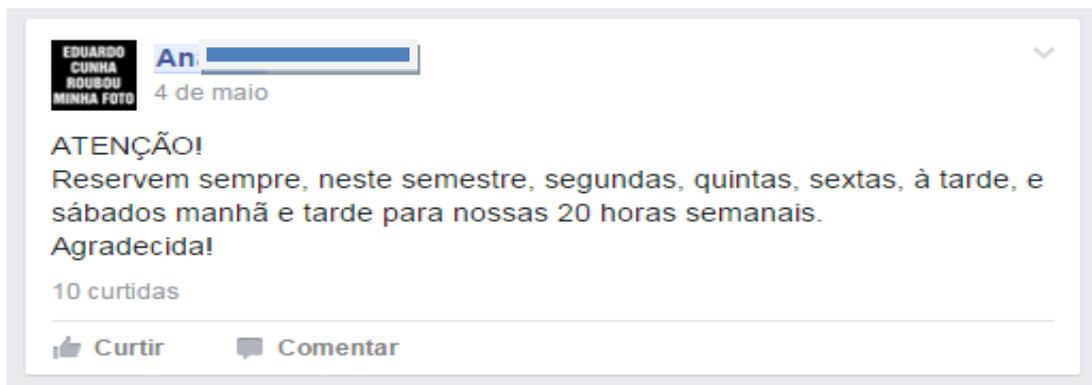


Figura 9 – Postagem da coordenadora do Fórum Metrô no Facebook (Facebook, 2015)

Embora a mensagem tenha sido exposta de forma clara, três dias depois, apenas 10 integrantes tinham visualizado e curtido a postagem. Vale registrar que, no mesmo período, ocorreram 2 postagens, um convite de evento e uma postagem sobre o racismo. A circulação das informações no *Facebook* é intensa, as postagens vão se sobrepondo umas às outras.

Momento importante para indagarmos sobre as diferentes vocações das redes sociais pela internet. O *Facebook* mostra-se, cada vez mais, uma ferramenta capaz de veicular um número volumoso de informações. Muitas vezes, a comunicação direta é afetada pelas inúmeras notificações, de diferentes natureza, que surgem ao longo do dia. A não priorização das mensagens do grupo do Fórum Metrô no *Facebook* coloca a comunicação direta em xeque. Esse é um limite que pode ser percebido na comunicação estabelecida.

A *autocomunicação*, como afirma Castells (2013) é marcada pelo poder do sujeito de definição de "quando e "o que" dizer. Esse poder releva uma responsabilidade em filtrar e selecionar as informações obtidas, viabilizando a interação segundo um critério de prioridades. O acordo estabelecido pelo grupo, inicialmente, era de estabelecer a comunicação digital, através do Facebook. Sabendo que a grande circulação de informações é uma característica dessa rede, é uma decisão do sujeito não atender às solicitações feitas pela coordenadora do programa.

Os problemas de comunicação levaram a coordenadora a expor a situação do Fórum Metrô: a sua preocupação com a frequência durante processo de formação e a comunicação do grupo através do *Facebook*. Segue a mensagem, que gerou contestações de alguns dos integrantes, o que levou à convocação de uma reunião para debater essas e outras demandas.

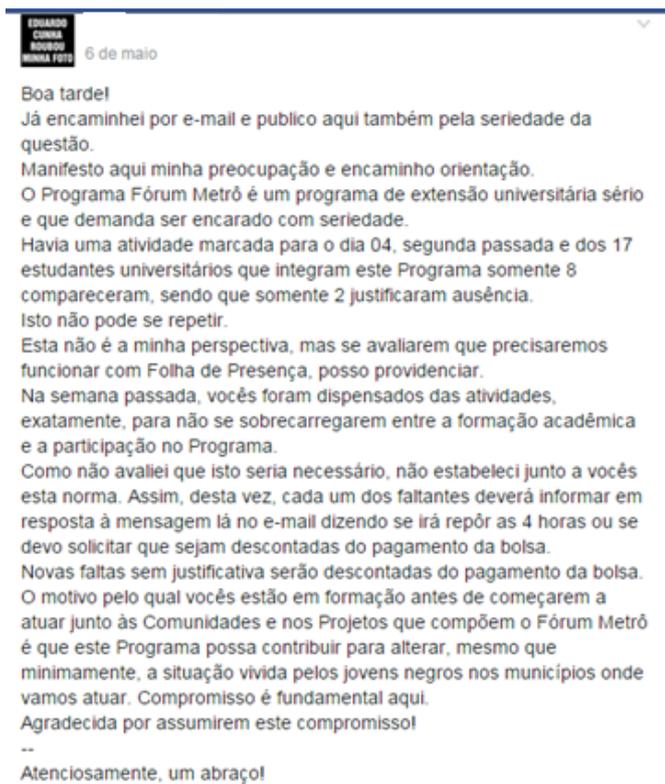


Figura 10 – Desabafo sobre a frequência e a comunicação dos integrantes do Fórum Metrô (Facebook, 2015)

Os integrantes do Fórum Metrô reagiram à mensagem elaborando um e-mail, compartilhado também pelo *Facebook*. Eles solicitaram uma reunião e definiram um roteiro de temas que deveriam ser debatidos. Sobre a comunicação do grupo, apresentaram a seguinte questão:

combinamos que essa rede social seria uma das formas de nos comunicarmos dentro do Fórum Metrô. Porém entendemos que, mesmo com o imediatismo e rapidez proporcionada por essa plataforma, precisamos de tempo e espaço para apropriar das informações nele constantes. Solicitamos, assim, que eventuais cobranças de posicionamento possam levar em consideração o tempo de cada um em acessar o *Facebook* e acordos feitos em momentos formativos, assim como publicizar através também de outras plataformas, *Whatsapp* e e-mail (*Dina Di*.Observação participante, 2015).

Divulgada nas três redes sociais, a reunião ocorreu no dia 13 de julho de 2015 e todos os integrantes confirmaram presença. Começou com certo atraso, pois nem todos estavam presente. Acompanhei a reunião, realizando uma observação participante. As perguntas foram sistematizadas e respondidas, seguindo a ordem apresentada no e-mail dos integrantes: Como

seriam as oficinas oferecidas pelo projeto *Partilha de Saberes*? Qual seria a dinâmica de trabalho? Existe verba para a compra de materiais a serem utilizados nas oficinas?

Então o primeiro momento foi marcado pelo esclarecimento dos passos a seguir após o curso de formação. Durante a reunião, os integrantes do Programa manifestaram que a incerteza quanto à atuação prática no Programa gerava desânimo. Sobre essas questões, a coordenadora disse que, após o programa de formação, os integrantes atuariam no *Projeto Agenda Integrada*, realizando um levantamento sobre a EJA nos municípios atendidos, e, em seguida, seriam aplicadas oficinas em comunidades da RMBH, através do projeto *Partilha de Saberes*. As oficinas têm temáticas relacionadas aos Direitos Humanos, voltadas sobretudo aos jovens educandos da EJA, que vivem nas periferias e ocupações.

Sobre as faltas recorrentes, a coordenadora reiterou a necessidade de comprometimento do grupo com o Fórum Metrô. Segundo ela, as faltas em número considerável eram preocupantes. A precocidade desses problemas, visto que o Programa ainda está no seu primeiro ano, chamou a atenção. Após um debate sobre o compromisso do grupo e a presença, ficou acertado que os integrantes iriam pagar as horas faltosas. Atividades extras seriam realizadas, priorizando a qualidade das horas, em detrimento do tempo trabalhado.

Em seguida, a comunicação do grupo voltou a ser a temática central, depois de respondidas as questões iniciais. Por um lado, a coordenadora queixou-se da demora para obter repostas do grupo através do *Facebook*. Entretanto, *Dina Di* apresentou outra visão, demonstrando desconforto com as mensagens de cobrança feitas pela coordenadora. Alguns integrantes argumentaram que, nem sempre, a intensidade de participação no *Facebook* significa maior ou menor comprometimento com o Programa.

As vezes fica parecendo que é descaso, mas não é não. Eu posso garantir. O que rola é que as vezes você olha o *Face* rapidinho, não tem uma internet boa, sei lá. Você até vê a mensagem, mas não consegue responder, ou prefere deixar para depois. Ou então é aquela hora que você entra no *Face* pra poder ficar de boa, distrair, ver umas besteiras. Nessa hora você não quer ficar respondendo coisa de trabalho, faculdade, é outro momento. (*Dina Di*: Reunião Geral, 13 jul. 2015).

Uma das consequências do imediatismo da comunicação estabelecida pelas redes sociais, é que vivemos em *estado de alerta*, com o compromisso de estar sempre pronto para interagir. Aos poucos, a percepção do tempo livre e do tempo de trabalho vão se alterando. As falas de integrantes do Fórum Metrô, durante a reunião citada, revelam mudanças que acabam afetando a noção de tempo. *Pamelloza*, após a fala de *Dina Di*, complementou:

Eu sei que a gente às vezes demora demais pra responder. É um problema, mas não é por mal. Às vezes você entra pra dar uma olhadinha *de leve* nas novidades e acaba vendo a mensagem do grupo. Só que as vezes na correria, um monte de coisa, mensagem, daí eu esqueço. Só lembro quando chega alguma notificação. (*Dina Di*: Reunião Geral, 13 jul. 2015).

Nesse ponto da discussão, poucos participavam ativamente da discussão, *Lourdes da Luz* e *Omínira* afirmaram não usarem frequentemente o *Facebook*, por uma série de razões, dificultando a comunicação delas com o grupo. Segundo *Omínira*, as discussões sobre assuntos da “moda” levaram a um desânimo e, por isso, o uso esporádico.

Lourdes da Luz, por sua vez, sugeriu que a decisão do uso do *Facebook*, como meio oficial de comunicação do Fórum Metrô, tenha sido uma decisão arbitrária da coordenadora. Segundo ela, na primeira reunião, a proposta foi apresentada e a coordenadora não certificou se alguém tinha de fato alguma objeção, apenas apresentou a proposta, perguntando se alguém tinha algum problema.

Ainda segundo *Lourdes da Luz*, as relações hierárquicas e a novidade do que o Programa representava em suas vidas levaram à aceitação unânime, mas, com o passar do tempo, essa rede social acabou revelando limitações. A coordenadora reiterou que, quando da decisão do uso do *Facebook*, o espaço para o debate havia sim sido estabelecido, mas compreendeu a argumentação apresentada pela integrante.

A escolha do *Facebook* e as dificuldades práticas de comunicação encontradas pelo caminho dialogam com as ideias sobre a *autocomunicação* de Castells (2013). Estamos diante de um novo tipo de individualismo insurgente, ativo nos meios digitais. As informações são produzidas, consumidas e interações são estabelecidas a partir de uma ação ativa do sujeito, repleto de símbolos que resultam na construção de uma autoimagem. A associação entre as posturas que são demonstradas através das ações nas redes sociais. A vivência prática acaba resvalada de uma imagem construída na rede e permite uma série de ligações, no caso, entre a comunicação dos integrantes do Fórum Metrô e a participação nos encontros presenciais.

Sobre a frequência nos encontros da formação, *Flora Matos*, com o apoio *Dina Di* e *Omínira*, justificou que muitas faltas ocorreram devido às mudanças repentinas no processo de formação. Em alguns casos, aulas e outros compromissos acadêmicos coincidiram com os encontros. Então, foi sugerida uma programação prévia, com certa antecedência, para que situações de coincidência de compromissos pudessem ser evitadas. A sugestão foi aceita, mas feita uma ponderação: ainda que mudanças tenham ocorrido, muitos integrantes faltam sem apresentar justificativas, o que prejudica a credibilidade do grupo.

Por fim, ficou definido que a comunicação oficial do Fórum Metrô passaria a ser realizada através do grupo do e-mail. A programação passou a ser informada semanalmente, assim como as justificativas e avisos de faltas. O *Facebook* passou a ser utilizado para compartilhamento de informações relacionadas ao projeto, mas não oficialmente. O *Whatsapp*, por sua vez, seria utilizado para a comunicação instantânea. Dessa forma, para dar prosseguimento ao objetivo da pesquisa, foi necessário observar a especificidade da função estabelecida para a comunicação pelo grupo de e-mail e pelo *Whatsapp*.

3.3.3 O diálogo entre as postagens do *Facebook* e o processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô

O período de postagens analisadas vai do dia 14 de junho, dia da criação do grupo, até o dia 08 de agosto de 2015, intervalo que corresponde ao período do processo de formação dos integrantes do Fórum Metrô. Durante esse período ocorreram 277 publicações, 111 delas tiveram o objetivo de comunicação direta, individual ou coletiva. A coordenadora realizou a maior parte, totalizando 56. A dinâmica das interações foi limitada, restrita a respostas à comunicados, *curtidas* e pequenos comentários. A análise foi realizada a partir das postagens, entendendo como postura proativa: publicar, compartilhar, convidar para eventos.

A análise ocorreu segundo categorias levantadas a partir dos relatórios dos integrantes do Programa e retratavam o processo de formação. No entanto, alguns impasses surgiram, por exemplo, a categoria Direitos Humanos acaba contemplando outras categorias, como questões etnicorraciais, Redução da Maioridade Penal, levando a discussões sobre essas categorias outras. A solução encontrada foi uma análise cuidadosa, buscando compreender o diálogo entre as etapas do processo. As categorias utilizadas foram elencadas a partir da análise dos relatórios, já mencionados no primeiro capítulo, a saber: Genocídio do Povo Negro, Direitos Humanos, Racismo, Questões étnico raciais, Redução da Maioridade Penal, Juventudes, EJA, PME. As postagens que não se enquadravam em nenhuma das categorias somaram 50 e são caracterizadas por dialogarem transversalmente com temas abordados no curso, como no caso das postagens sobre *identidade de gênero*.

A categoria *eventos* foi incorporada na análise, pois é fruto da popularização da ferramenta de criação de eventos do *Facebook*, que no ano de 2015 foi marcada por uma crescente utilização, o que foi perceptível também aqui, pois foram 51 postagens dessa natureza no período analisado. Por se tratarem de um tipo de postagem específico, não analisei os eventos através das categorias elencadas.

Entretanto, os eventos foram observados, e todos dialogam com a proposta do Programa. Uma parte significativa das postagens, um total de 28, divulgava eventos que ocorreram dentro da Universidade. Depois da coordenadora, que postou 15 convites de eventos, *Emicida* destacou-se, com 13 postagens dessa natureza.

Os eventos acadêmicos e as chamadas para artigos periódicos foram analisados separadamente. As postagens dessa natureza totalizaram em 12. *Afro-x* foi quem mais postou, totalizando em 7, seguido pela coordenadora, que postou 2 eventos acadêmicos e sugeriu a publicação em dois periódicos. É a categoria que mereceu uma observação mais apurada, pois é um dos desafios dos programas de extensão, intensificar o diálogo entre o mundo acadêmico e as demandas externas.

As três categorias mais presentes nas postagens foram: a redução da maioria penal (12 postagens), o genocídio do povo negro (10 postagens), o racismo (8 postagens) e Direitos Humanos (7 postagens). O diálogo entre as categorias predominantes demonstram uma relação íntima com o objetivo do Fórum Metrô, mas é importante avaliar o comportamento dos integrantes nas redes sociais, cruzando dados coletados, em outros momentos, para não apresentar desvio nos resultados da pesquisa.

Durante o mês de junho, por exemplo, as discussões sobre a redução da maioria penal foram frequentes, pois estava em andamento no Congresso. Para analisar dados de redes sociais, devemos nos lembrar de que o comportamento colocado nessas redes sofre influência do comportamento, ações e debates, daqueles que participam de redes e eventos, fora da internet. Então as discussões apresentadas em 6 publicações sobre a redução da maioria penal foram produzidas por outras pessoas e amplamente compartilhado no *Facebook*. Assim, embora seja notória a relação direta e objetiva ao que foi discutido na formação, devem ser ponderados o grau de leitura e apreensão das informações compartilhadas.

Embora a participação no grupo do *Facebook* seja majoritária, a frequência é variável, pois alguns dos integrantes como, por exemplo: *MC Papo* e *Dory de Oliveira* não publicam nada. Suas ações no grupo ficaram restritas às respostas de comunicados realizados pela coordenadora e a algumas curtidas em publicações de outros integrantes. Apenas 4 integrantes publicaram mais de 10 vezes: *Afro-x* (36), *Flora Matos* (26), *Billy Saga* (10) e *Emicida* (35).

Os integrantes mais participativos declararam, em outros momentos, defender causas ligadas às suas postagens, sobretudo *Afro-x* e *Flora Matos*, que reforçaram em suas falas, a crença no potencial de mobilização social que o *Facebook* possui. Podemos, portanto,

concluir que os motivadores das publicações, embora influenciados pelas discussões que ocorreram na formação, são variados.

As postagens sobre a construção do PME ficaram restritas ao período de ocorrência da *Pré-Conferência Municipal de Educação* e da *VII Conferência Municipal de Educação*, que ocorreram entre 24 de abril e 23 de maio de 2015. Foram apenas 2 publicações, que traziam informações compartilhadas sobre a importância do diagnóstico da Educação Municipal para a construção do PME.

A última categoria analisada é a EJA. Foram apenas 3 postagens realizadas e 3 eventos relacionados, todos postados pela coordenadora. O pequeno volume de postagens sobre essa temática reflete algumas questões interessantes: a primeira é o fato da formação sobre EJA ter ocorrido no início do segundo semestre, já com uma outra dinâmica de comunicação estabelecida para o Programa, outra é a menor familiaridade que os sujeitos pesquisados possuíam com a EJA e, por fim, a menor visibilidade que o debate sobre esta modalidade encontra nas redes sociais em relação às outras categorias analisadas.

As postagens sobre temas comuns ao grupo, após as mudanças na comunicação oficial, continuaram com uma frequência significativa. No entanto, as temáticas retratadas nas postagens estavam mais restritas às militâncias individuais e discussão de assuntos populares que dialogavam com a proposta do programa.

Podemos concluir então que existe um diálogo claro entre a proposta do Fórum Metrô, o processo de formação inerente a ele, e a comunicação e as interações estabelecida através do grupo do *Facebook*. No entanto, é importante ponderar que as ações nessa rede social são condicionadas por diferentes razões. Assuntos populares podem influenciar postagens, bem como a motivação para promover algum tipo de interação é variada, dificultando a dinâmica de comunicação do grupo, o que revela limitadores a serem ponderados.

3.4 A comunicação instantânea via *Whatsapp*

O *Whatsapp*³⁷ é um aplicativo de mensagens móveis que estabelece uma rede através dos números registrados pelo telefone, somente acessível por *smartphones*, que disponham de acesso à internet. Sua principal função é a “troca de mensagens instantâneas, individuais ou em grupos de até 100, multimodais com textos curtos, *emojis* e *emoticons*, áudio e vídeos” (SANTOS, 2013, p. 9). Para utilizar o aplicativo é preciso ter um plano de dados ou acessar

³⁷ O site do aplicativo possui as informações operacionais e instruções de uso. Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br. Acesso em: 14 set. 2015.

uma rede wifi. Quando o dispositivo está fora de área, o aplicativo salva e recupera automaticamente as mensagens recebidas.

Criado em 2009, por dois antigos funcionários do *Yahoo!*, o americano Brian Acton e o ucraniano Jan Koum, o *Whatsapp* cresceu rapidamente³⁸. O diferencial dessa rede é a ausência de propagandas, convites para jogos etc. Outro ponto relevante é a preocupação em não reter informações sobre seus usuários, em uma lógica inversa ao *Facebook*, que usa dados de seus usuários para personalizar ferramentas de publicidade.

O notável crescimento do número de usuários, em todo o mundo, acabou chamando a atenção das grandes empresas do setor. Adquirido pelo *Facebook*, em 2014, por 19 bilhões de dólares, tornou-se uma das transações mais valiosas daquele ano. Embora algumas críticas tenham sido realizadas sobre uma supervalorização da empresa, o fluxo informacional gerado pela fusão das duas redes sociais é impressionante³⁹ e revela a força que esses aplicativos têm na comunicação em todo o mundo.

No primeiro semestre de 2015, foi liberado o serviço de ligações de voz através do aplicativo. A novidade acabou levando as operadoras de telefonia móvel, e alguns políticos brasileiros,⁴⁰ à discussão sobre uma possível regulamentação do *Whatsapp*. O argumento é fundamentado no fato de que os usuários conectam ao aplicativo através do número de um telefone móvel, diferentemente de outros programas de conversas por voz, como o caso do *Skype*,⁴¹ que utilizam um *login*⁴² próprio. O problema é que as linhas de telefonia móvel autorizadas são tributadas e regulamentadas pela *Agência Nacional de Telecomunicações* (Anatel), o que não ocorre com o *Whatsapp*. A discussão se assemelha a outras similares

³⁸ Reportagens capitadas pelo Google falam sobre a trajetória dos criadores do *Whatsapp*. O conteúdo delas é parecido e, pela data das publicações, provavelmente provenientes de uma mesma fonte de informações. A reportagem da Folha de São Paulo foi uma das mais completas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1415716-criador-do-whatsapp-jan-koum-foi-de-imigrante-pobre-a-multimilionario.shtml>. Acesso em: 14 set. 2015.

³⁹ O infográfico publicado pelo site *Tecmundo* retrata a compra do *Whatsapp* pelo *Facebook*. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/facebook/51567-tudo-sobre-a-compra-do-whatsapp-pelo-facebook-infografico-htm>. Acesso em: 14 set. 2015.

⁴⁰ O Ministro das Comunicações, Ricardo Berzoini, declarou apoio às operadoras quanto à necessidade de discutir a regulamentação de serviços como o *Netflix* e o *Whatsapp*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/08/1671171-ministro-defende-regulamentacao-de-servicos-como-netflix-e-whatsapp.shtml>. Acesso em: 14 set. 2015

⁴¹ *Skype* é um aplicativo social que realiza interações a partir de chamadas de vídeo, voz, mensagens de chat e compartilhamento de arquivos. Disponível em: <https://support.skype.com/pt/faq/FA6/o-que-e-o-skype>. Acesso em 15 set. 2015.

⁴² *Login* é o preenchimento de um sistema de codificação que permite o acesso aos mais diversos serviços oferecidos pela internet, como, por exemplo, e-mail, *Facebook*, *Whatsapp*. Disponível em: <http://www.significados.com.br/login>. Acesso em: 14 set. 2015.

como, por exemplo, a regulamentação do *Netflix*⁴³ e ao *Uber*⁴⁴, em vários lugares do mundo. A argumentação comum a todas as situações é a ausência de uma tributação apropriada.

O *Whatsapp* é uma rede social recente e, portanto, com poucos estudos dedicados à sua compreensão de seu uso em contextos educacionais. O levantamento do estado da arte revela que a maior parte dos estudos é voltada para a investigação de estratégias educativas, buscando uma vocação pedagógica para a ferramenta. Esse é um posicionamento comum nas pesquisas, mas deve ser ponderado. Nem todos os recursos tecnológicos, incluindo aplicativos e redes sociais pela internet, precisam ter uma vocação pedagógica, mas isso não impede que sejam utilizados por professores e estudantes, como meio de comunicação, e, em determinadas situações, para trocas de informações e experiências pedagógicas.

Honorato e Reis (2014) investigaram dois grupos de alunos do Ensino Médio que utilizaram o *Whatsapp* como uma ferramenta de ensino. O resultado dessa pesquisa aponta uma visão favorável, por parte dos estudantes, mesmo aqueles que não possuíam o aplicativo. Oliveira *et alii* (2014) pesquisaram o uso do aplicativo em um curso de formação de professores, na *Unidade de Educação a Distância da Universidade Federal da Paraíba*. O resultado obtido apresenta resultados positivos, com uma ponderação quanto ao planejamento e organização necessários para que a instantaneidade e da dinâmica das interações não atrapalhe os resultados positivos.

Por fim, o trabalho de Araújo e Júnior (2015) busca compreender as possibilidades de uso do *Whatsapp* como ferramenta didático-pedagógica no ensino de filosofia, em turmas do Ensino Médio, *Instituto Federal do Maranhão – Campus Açailândia*. Os resultados foram positivos, demonstrando envolvimento da turma. No entanto, nem todos têm acesso ao aplicativo, o que acaba comprometendo a efetividade das ações.

As pesquisas de Oliveira (2014) e Santos (2013) abordam o uso do *Whatsapp* sob a ótica do letramento e da caracterização dos serviços e modos de interação, como provenientes do gênero *Chat*, caracterizado por conversas estabelecidas em meio virtual e que utilizam textos curtos, imagens, vídeos. Segundo Santos:

⁴³ *Netflix* é um serviço de televisão digital que também é alvo de discussões. Disponível em: http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontroh/atualidades/2015/08/25/noticia_atualidades,154778/empresas-de-telecomunicacao-contr-o-whatsapp-e-o-netflix.shtml. Acesso em: 14 set. 2015.

⁴⁴ O *Uber* é um aplicativo que conecta pessoas a um motorista particular que presta um serviço similar ao oferecido pelos taxistas. Para entender melhor as polêmicas envolvendo o aplicativo: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/entenda-a-polemica-do-aplicativo-uber-9680.html>. Acesso em: 14 set. 2015.

Observando o contato do aluno com vários textos através do aplicativo *Whatsapp*, encontrei um importante suporte para trabalhar a leitura em sala de aula. Funcionando como rede social, já que é utilizado para se comunicar e interagir com o outro, o *Whatsapp* permite trabalhar com a multimodalidade textual uma vez que, através dele, enviamos ou recebemos mensagens de texto, áudio, imagem ou vídeo. (SANTOS, 2013, p. 9).

Como apresentado, a maior parte das pesquisas foram realizadas entre 2013 e 2015, revelando um campo de investigação em expansão. No entanto, as pesquisas precisam ultrapassar a perspectiva pedagógica, refletindo sobre as novas formas de interação e comunicação. Uma pesquisa que diverge desse cenário é a apresentada por Machado-Spence (2014), que apresenta uma experiência interdisciplinar, envolvendo graduandos de Psicologia e Direito da *Instituição de Ensino Superior do Mato Grosso* ao utilizar o *Whatsapp* como meio de interação para a discussão sobre o *Cyberbulling*.⁴⁵ Esse trabalho aproxima-se da nossa proposta de pesquisa, pois observa o aplicativo sob uma perspectiva interacional, entendendo-o como um meio de comunicação e de construção de um pensamento coletivo.

3.4.1 A análise da comunicação do Fórum Metrô no *Whatsapp*

O Fórum Metrô possui um grupo de *Whatsapp*, denominado *Fórum Metronianxs*. Foi criado espontaneamente pelos integrantes no primeiro dia de formação, mas, após a resolução da reunião do dia 13 de julho de 2015, o *Whatsapp* teve sua finalidade definida, de comunicação instantânea, e não de oficial do grupo. O *Whatsapp* foi escolhido como meio para a comunicação instantânea, aviso de atrasos, troca de informações sobre o processo da formação e o Programa em geral. Assim, foram analisadas as mensagens do dia da reunião até 08 de agosto, data do final da formação. Como possui natureza e finalidade diferentes do *Facebook*, a análise das mensagens também se deu de forma diferente. E foi possível pelo uso da ferramenta de envio do histórico por e-mail.

Durante o período analisado, nem todos participam do grupo, era formado por 16 integrantes e a coordenadora do Fórum Metrô. Essa situação demonstra a limitação material de que nem todos podem ter acesso a essa rede social digital, pois, como o *Whatsapp* só funciona em *smartphones*, os integrantes, que não possuem essa tecnologia digital, não

⁴⁵ Segundo Pancetti, o *Cyberbulling* é entendido como a perseguição ou humilhação pela internet. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2015.

participam do grupo. Por isso deixou de ser um meio de comunicação oficial, pois nem todos acessam as informações compartilhadas.

Nessa citada reunião, alguns integrantes falaram sobre sua relação com o *Whatsapp*. *Pamelloza* avaliou como positiva a comunicação estabelecida pelo grupo, “os grupos de *Whatsapp* às vezes ficam cheios de mensagens inúteis que acabam dando preguiça. Mas que o grupo do Programa era legal porque não tem essas coisas” (*Pamelloza*; Observação participante, 2015). A fala revela a importância de se estabelecer regras claras de comunicação para os grupos com objetivos específicos.

Após reunião, *Dory de Oliveira* enviou a seguinte mensagem ao grupo do *Whatsapp*: “Oi pessoal, gostei muito da reunião, axo que foi muito proveitosa e gostaria de me desculpar por sair mais cedo, mas meu cunhado veio me pegar e preferi aproveitar a carona” (*Dory de Oliveira*; Observação Participante, 2015). No dia seguinte, foi compartilhado um pequeno vídeo de sensibilização sobre a redução da maioria penal e outros seis integrantes comentaram. Em seguida, a coordenadora pediu o telefone de *Afro-x*, que não participa do *Whatsapp*, e o obteve.

Nos dias de atividades externas e dos encontros o fluxo de mensagens é mais significativo. Por exemplo, no dia 15 de julho participaram da *Pré Conferência Municipal das Juventudes*, e a comunicação foi intensa desde o início do evento até o seu encerramento, totalizando 36 mensagens.

O último tema trabalhado na formação foi a EJA e ocorreu na primeira semana de agosto, entre os dias 04 e 08. Das tensões que envolviam o grupo no momento estavam o comprometimento e a presença, pois era um problema recorrente que estava sendo observado desde outros momentos.

Na semana anterior, algumas mudanças de cronograma foram propostas pela coordenadora, mobilizando parte das mensagens. Após a definição da programação, ela divulgou uma mensagem nas três redes sociais e reiterou sobre a necessidade da presença e do compromisso na formação sobre a EJA. A preocupação com a última etapa da formação foi algo reforçado, em reunião, pela coordenadora, pois, seria essa etapa, a porta de entrada das discussões que permeiam a ação prática nas comunidades, sobretudo no projeto *Partilha de Saberes*. No entanto, nenhuma resposta foi obtida. Nos dias seguintes, 30 e 31 de julho, 10 mensagens foram trocadas. Os dois assuntos foram informações sobre o possível fim da greve e o aumento das passagens de ônibus. No dia 1º de agosto, a coordenadora compartilhou uma

corrente em favor do *Instituto do Câncer*, sugerindo o repasse da mensagem para outras pessoas.

Assim, podemos concluir que, mesmo com o uso claramente definido, outros assuntos acabam surgindo em mensagens do grupo. No entanto, não houve nenhum tipo de manifestação contrária, pois os assuntos fazem parte do cotidiano de seus participantes ou dialogam com o interesse do grupo. Essa situação demonstra a força da cultura própria que cada rede social possui.

No dia 03 de agosto, *Leilah Moreno* confundiu o dia do início da formação em EJA, a partir disso, 9 no total, vieram as mensagens descontraídas e de solidariedade. No dia seguinte, início da formação às 8h da manhã, a coordenadora envia uma mensagem alertando para a pontualidade do grupo. Duas pessoas justificaram o atraso.

Nos dias seguintes, a coordenadora fez o acompanhamento, com mensagens diárias, pelo *Whastapp*, informando alteração de sala e realizando solicitações diversas. Entre 05 e 07 de agosto, 5 mensagens foram enviadas para avisar ausências. No segundo dia, a coordenadora enviou 4 mensagens questionando o número de pessoas presentes, mas não obteve resposta imediata, em nenhuma das 4 solicitações.

Por não conseguir concretizar a interação, da forma como intentava, a coordenadora do Programa enviou uma mensagem, aos membros do grupo, comunicando que, devido ao pequeno número de pessoas, a secretaria da FAE havia solicitado a mudança de sala em que ocorria o curso de formação, e, em seguida, reiterou a pergunta sobre a frequência das pessoas naquele momento da formação.

Pamelloza respondeu então que foram 8 pessoas. Um momento crítico se instaurou, pois a frequência não estava sendo devidamente notificada, tampouco os atrasos. O comprometimento do grupo no processo de formação acabou por gerar uma tensão, que se mostrou presente na comunicação pelas redes sociais. Após a resposta dada por *Pamelloza*, a conversa no *Whatsapp* foi encerrada. As mensagens sobre *ausência não justificada* era uma questão a ser debatida no meio oficial de comunicação interna dos integrantes do Fórum Metrô, portanto, trataremos da comunicação estabelecida através do grupo de e-mail.

3.5 E-mail e grupos de e-mail: pioneiros na promoção das interação pela internet

A palavra e-mail é vem do termo inglês *eletronic mail*, que significa correio eletrônico. O acesso ao usuário se dá por um endereço que possui um nome seguido de @,

que, por sua vez, significa *at* em inglês, pertencendo, portanto, a um determinado *domínio*⁴⁶. A terminologia e a tecnologia foram desenvolvidas por *Ray Tomlinson*,⁴⁷ que usou para isso a rede de computadores denominada como ARPANET,⁴⁸ que deu origem à internet. Inicialmente, o objetivo da ferramenta era a troca de mensagens breves, mas, com o passar do tempo, as mensagens foram ficando maiores. A expansão da capacidade de troca de dados revelou a vocação dessa ferramenta como um correio eletrônico, capaz de reduzir distâncias e tempo.

O avanço dos computadores pessoais e da internet, sobretudo nos Estados Unidos em meados da década de 1990, levou ao crescimento da oferta de serviços de hospedagem para que os usuários criassem endereços de e-mail. Os primeiros serviços de e-mail gratuito foram o *Hotmail* e o *RocketMail*. No Brasil, os serviços gratuitos surgiram no final dos anos 90.

A expansão dos e-mails gratuitos é marcada pela dilatação da capacidade de armazenamento. O desenvolvimento dos serviços de internet e dos computadores pessoais resultou no crescimento vertiginoso do número de usuários por todo o mundo. O e-mail tornou-se um eficiente meio de comunicação e transferência de arquivos, utilizado nas mais diversas esferas da vida cotidiana.

Um dos grandes desafios enfrentados pelos prestadores desse serviço foi o aparecimento de instrumentos como o *spam*. O significado usual desse termo é *mensagem não solicitada e de conteúdo indesejado*.⁴⁹ Inicialmente os *spams* serviam para a publicidade de produtos e empresas, mas, com o passar do tempo, adquiriu outras finalidades como recolher número de senhas bancárias, cartões de crédito, paralisar serviços da web, sobrecarregar servidores etc.⁵⁰ Assim, os prestadores de serviços de e-mail mantêm uma ferramenta anti-

⁴⁶ O termo *domínio* é utilizado para localizar e identificar conjuntos de computadores na internet, por exemplo: *.br* indica que o domínio é brasileiro. A principal utilidade dos domínios é que sua utilização torna os endereços de email mais fáceis de serem organizados e memorizados.

⁴⁷ O site *Mashable* apresentou uma linha do tempo com os principais eventos sobre a história do e-mail. Disponível em: http://mashable.com/2012/09/20/evolution-e-mail/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+Mashable+%28Mashable%29&utm_content=Google+Reader#inQGRmhRwuk0. Acesso em: 15 set. 2015.

⁴⁸ A ARPANET foi desenvolvida pela empresa ARPA (Advanced Research and Projects Agency), em 1969, com o objetivo de conectar departamentos de pesquisa de universidades. Antes disso, a experiência de formação de redes de computadores estava restrita ao setor militar. Maiores informações, através do link: <https://www.ime.usp.br/~is/abc/abc/node20.html>. Acesso em: 05 de jan. 2015.

⁴⁹ Para saber mais sobre o assunto: FRAGOSO, Suely. De interações e interatividade. In Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 102001, Brasília. Anais. Brasília, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Disponível em: http://ufrgs.academia.edu/SuelyFragoso/Papers/188235/de_interacoes_e_interatividade. Acesso em: 26 nov. 2015.

⁵⁰ O artigo *A história sobre o spam* aborda a origem desse tipo de e-mail, desde suas primeiras utilizações até os dias de hoje. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1635>. Acesso em: 26 nov. 2015.

spam, que, embora constantemente atualizada, possui brechas que ainda lhes permitem a ação. Os e-mail de propaganda também são muito comuns, e, cada vez mais, o acesso a sites e redes sociais são condicionados a uma inscrição, baseada na inserção de um e-mail ativo, e assim, grandes bancos de dados são formados, servindo como base para a disseminação de e-mail de propaganda.

Mesmo diante de tantas outras possibilidades de comunicação, o e-mail continua sendo muito usual, sobretudo para atender a demandas profissionais, porém, um dos desafios em relação ao uso do e-mail é justamente o excesso de propaganda e de *spams*, que acabam poluindo a caixa de mensagens, dificultando a seleção das informações prioritárias. Situação parecida foi observada em outras redes sociais, demonstrando um dos pontos de tensão na grande circulação de informações nos tempos atuais.⁵¹

Embora o e-mail possua características distintas de outras redes pela internet, é também é propício à criação de grupos e, portanto, de interações coletivas, e assim foi considerado nossa pesquisa. O seu grupo é formado por uma rede de endereços virtuais interconectados, que permite a troca coletiva de informações multimodais, considerando a rede social como um conjunto de atores (pessoas, instituições, governos e empresas) e suas conexões, então os laços sociais estabelecidos se apresentam por meio deste grupo.

3.5.1 A comunicação do Fórum Metrô através do grupo de e-mail

A partir da reunião de 13 de julho, o e-mail passou a ser o meio de comunicação oficial do Fórum Metrô, portanto, a análise dos e-mail foi realizada a partir daí, e concluída juntamente com a das outras redes sociais, foi feita a partir dos objetivos determinados em reunião: comunicação interna, avisos, divulgação da programação semanal, avisos de faltas. O primeiro e-mail oficial foi enviado pela coordenadora, a seguir:

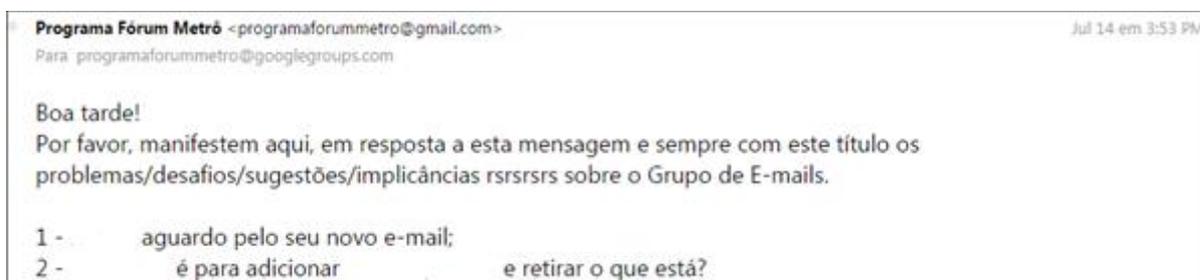


Figura 11 – Primeiro e-mail oficial do grupo Fórum Metrô (Grupo de e-mail do PFMJEA)

⁵¹ A história do e-mail e seus atuais desafios. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/web/2763-a-historia-do-e-mail.htm>. Acesso em: 16 set. 2015.

Apenas 6 pessoas responderam à mensagem, outras 3 pessoas enviaram e-mail independentes, e não como resposta à mensagem, dificultando a localização. Uma questão interessante, e que deve ser ponderada, é que o uso recorrente do e-mail, como meio de comunicação comum, corriqueiro, não significa por parte do usuário o pleno domínio de suas potencialidades de uso. Abaixo segue um exemplo de situação do grupo do e-mail que demonstra essa questão, e que *Afro-x*, em resposta, faz sugestão:

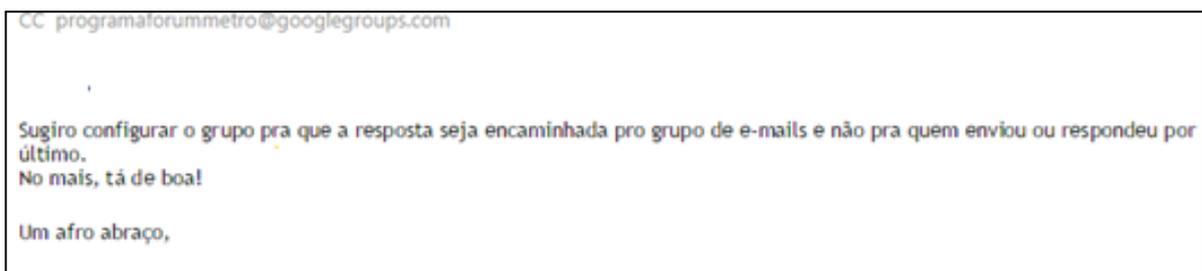


Figura 12 – Primeira sugestão apontada por *Afro-x* (Grupo de e-mail do PFMJEA)

Em seguida, a coordenadora respondeu já ter ciência das possibilidades de envio coletivo e pergunta se todos estão recebendo as mensagens adequadamente, mas não obtém retorno. *Afro-x*, em seguida, sugere mais uma estratégia para facilitar a identificação das mensagens do grupo na caixa de entrada dos e-mail participantes:



Figura 13 – Segunda sugestão apontada por *Afro-x* (Grupo de e-mail do PFMJEA)

A solicitação foi acatada, e, partir de então, as mensagens enviadas pela coordenadora passaram a ser antecedidas por [Fórum Metrô] como forma de identificação. A identificação das mensagens passa a ser uma demanda necessária para facilitar a comunicação, garantindo maior eficiência. A análise dos e-mails foi dificultada pelo grande fluxo de mensagens presentes na caixa de entrada. Por vezes, os diálogos ficaram dispersos, levando a uma delicada coleta de dados e os e-mails foram selecionados seguindo algumas temáticas abordadas pela coordenadora.

No dia 16 de julho, a coordenadora do Fórum Metrô sugeriu, por e-mail, que fosse realizada uma avaliação da participação na *Pré Conferência das Juventudes* da RMBH, por aqueles que participaram do evento. Em resposta do dia 19 de julho, *Afro-x* indagou sobre o formato da avaliação solicitada e a resposta foi parecida com a da mensagem anterior, sem maiores especificações sobre o formato da avaliação. No dia 21 de julho a coordenadora, por não ter sua solicitação atendida, enviou novo e-mail, reiterando a espera pelo posicionamento do grupo.

Ao prosseguir minha análise, a partir das publicações ordenadas, encontrei uma mensagem enviada por *Emicida*, perguntando sobre o formato da avaliação proposta. No entanto, o seu e-mail não foi em resposta à mensagem da coordenadora, e sim em um novo espaço, então a sua indagação não foi respondida, o fato demonstra que o fluxo de mensagens pode ser confuso e gerar interações interrompidas.

No dia 21 de julho, iniciou-se a discussão sobre a viabilidade da participação do Fórum Metrô em um edital da Universidade, que ganharia uma verba de auxílio complementar, mas os prazos e outros compromissos impediram a participação. *Emicida*, *Negra Li*, *Leilah Moreno*, *Dory de Oliveira* e *Afro-x* responderam ao e-mail da coordenadora, que diante do comprometimento deles, enviou uma mensagem, agradecendo-os, e narrando o e-mail recebido, onde estava mencionada a impossibilidade de o Programa participar do edital.

Vale ressaltar que, mesmo obtendo resposta de alguns integrantes do grupo, a participação foi limitada, se fazendo presente o poder da *autocomunicação* também nas interações estabelecidas por e-mail. A obtenção de respostas, através de mensagens realizadas pela internet, deve contemplar essa dimensão. A situação de *Omínira*, retratada em e-mail ao grupo, é um exemplo, após justificar sua ausência nos últimos encontros e na reunião geral em 13 de julho, discorreu sobre a sua relação com a comunicação estabelecida pelo grupo:

[Programa Fórum Metrô] Retornando conversas de e-mail sobre e-mail e Facebook e subj... Pessoas

Caríssimos, tudo bem?

Agora, em forma de desabafo, queria dizer que tenho desespero dessa quantidade infinita de e-mails que recebo. Não dou conta. Não sei se sou obrigada a dar conta dessa vida "moderna", dessa vida virtual-conectada-frenética-infinita focada em uma tela de computador ou celular.

Galera, quero dizer que perdi algumas horas hoje lendo cada um dos e-mails, e, diante disso concluí e solicito a todos que deixem claro no assunto do e-mail qual o tema que está sendo tratado, pois se não for estritamente relacionado ao Fórum ou a algum tema que me interesse, eu possa excluí-lo sem nem perder tempo. Pois, eu posso estar enganada ou sendo chata demais, mas acho que a gente, o mundo, tem perdido tempo demais com essas mil e uma ferramentas que nos iludem na crença de estarmos fazendo alguma coisa. Há uma compulsividade por informação, para estar informado, integrado, e nos esquecemos do mundo bem diante dos nossos olhos. Esse aí que tá do seu lado agora e não em alguma tela. Não sei, mas a internet se disfarça de entretenimento, porém, vejo só trabalho e mais trabalho, e uma avalanche de futilidade. Claro que há coisas boas e interessantes, porém há horas que não as enxergo, tamanha a enxurrada de coisas que não sou capaz de entender o objetivo.

Quero informar também que em breve pretendo desativar meu facebook. Estou cansada dessa vitrine da vida privada. E, o mais importante, não boto fé em militância "facebookiana", embora já tenha praticado/pratique. O trabalho se faz através da vivência direta, dos braços, olho a olho, e não por esta ferramenta virtual e, no nosso caso, intelectualizada que se dissolve na liquidez da memória dessa sociedade e na ânsia por mais uma informação nova, porque o ontem já é velho demais.

Bom, peço desculpas a todos se estou sendo grosseira ou qualquer coisa do tipo. Mas, precisei desabafar esse meu desespero.

Figura 14 – Desabafo de *Omínira* sobre a comunicação do Fórum Metrô (Grupo de e-mail do PFMJEA)

O desabafo gerou repercussão e demonstrou as fragilidades que envolvem ambientes de grande circulação de informações, proeminentes nos tempos atuais. *Criolo*, por exemplo, reiterou uma opinião similar sobre a internet, como demonstrado abaixo:

Agradeço pela sinceridade, creio que nós, como equipe, devemos respeitar sua subjetividade com relação ao que vc explicitou. Devemos cumprir todas as atividades do programa e, aquilo que for extra, vai de acordo com a disponibilidade de cada um. Também compartilho da opinião a respeito da internet. Necessária sim, mas apenas complementar. Nunca substituirá o contato pessoal. Um abraço e bom descanso a todos!

Figura 15 – E-mail com o posicionamento de *Criolo* sobre a comunicação do Fórum Metrô (Grupo de e-mail do PFMJEA)

Logo após, *Dina Di* informou à colega as decisões tomadas na reunião e compartilhou de mesmo sentimento quanto ao uso da internet e à comunicação do grupo:

Valeu demais por compartilhar, ... ! Nós sempre conversamos muito e sabe que compartilho de muito do que desabafou. Você fez falta na reunião.

O grupo, na reunião, resolveu criar um googlegroup pra ajudar a filtrar os emails do Fórum. A ideia foi essa de deixar mais claro o que recebemos do fórum, onde nesse grupo de email seria veiculado coisas importantes do trabalho, e o facebook teria o papel de troca de ideias, vídeos, e propostas não diretamente acopladas ao nosso trabalho (no sentido de obrigatoriedade mesmo). Não sei se te ajuda minha explicação. Mas a ideia é diminuir tanto o fluxo de mensagens no face quanto por email. Mas não sei se isso de fato anda acontecendo...

Uma coisa que foi pedido, é que comentássemos determinados tipos de emails que viessem com propostas, pedidos, ou para acusar recebimento... Devo fazer essa imersão que você fez na leitura dos emails hoje.

Penso que o problema vai mais pro lado da dificuldade das pessoas em entender o tempo, e como o Léo disse, a subjetividade de cada um, do que o problema ser a rapidez online. Se o primeiro acontecesse naturalmente, o segundo seria utilizado como deveria, como uma simples ferramenta.

Estou a mais de 40 minutos escrevendo esse email, não porque meu tempo é lerdado, mas porque me preocupo com o que escrevo, pra quem escrevo, e se estou realmente contribuindo com algo.

Grande abraço e bom domingo pra geral.

Figura 16 – E-mail com o posicionamento de *Dina Di* sobre a comunicação do Fórum Metrô (Grupo de e-mail do PFMJEA)

Embora as considerações não objetivassem a realização de críticas à coordenadora, a resposta dada poderia ganhar essa interpretação. A seguir, a mensagem em que a coordenadora do Fórum Metrô responde aos integrantes do Programa:

Que bom que deu sinal de vida,
Quanto ao algo mais, como *o real se dispõe pra gente é no meio da travessia, estou aqui desde o dia da reunião* construindo a compreensão do que vocês querem dizer quando falam "respeito à subjetividade de cada um" em um contexto de um programa coletivo, de forma que os egos e os individualismos não sejam alimentados.
Talvez fosse mais adequado construirmos uma subjetividade coletiva a ser respeitada por cada um e por todos.
Talvez, fosse menos indivíduo e mais grupo de estudantes universitários sendo formados para atuar em um Programa que tem objetivos e metas PRÉ estabelecidos e não passíveis de alterações.
Aliás, uma mensagem de e-mail com o título "Sinal de vida e algo mais..." não foi nada objetiva. rsrsrsrs
Bom descanso por aí, moçal

, tomara que nunca nada substitua o contato pessoal, físico. Tomara!! Tomara que chegue o dia em que possamos falar pessoalmente sempre tudo o que for preciso. Enquanto assim não for, preciso que vocês respondam aos e-mails.
Vocês já disseram que querem respeitar a "subjetividade" de alguns que não se dão bem com as Redes Sociais. Ok! Já deliberamos que será pelas mensagens de e-mails e que é compromisso deste coletivo retornar aos e-mails.

, eu sempre "me preocupo com o que escrevo, pra quem escrevo". E se não estiver realmente contribuindo com algo, avalio que o coletivo me dirá, assim como farei isto assim que avaliar que o coletivo deva refletir e dizer se alguém deste grupo não está contribuindo. Entretanto, para que eu possa fazer isto, preciso que vocês se manifestem aqui em resposta aos e-mails. Enquanto eu continuar escrevendo/falando sozinha ou quase, não vai adiantar para o que este Programa intenta construir.

Figura 17 – E-mail de resposta da coordenadora do Fórum Metrô sobre a comunicação do grupo na internet (Grupo de e-mail do PFMJEA)

O diálogo apresentado demonstra a importância e delicadeza das questões que envolvem as formas de interação estabelecidas pelas redes sociais digitais. Embora a comunicação coletiva seja um ponto relevante para o sucesso do Programa e para a integração entre a coordenadora e um grupo disperso, formado por pessoas de diversos cursos, as questões abordadas pelos integrantes assumem uma dimensão que vai além da participação no Fórum Metrô. A interação do grupo deve ser construída levando em conta as finalidades e tempos individuais, é preciso criar estratégias que permitam a mediação entre os interesses pessoais e o coletivo.

O gerenciamento do tempo e o grande fluxo de informações são vistos por alguns como um gargalo, uma cobrança de onipresença. Questões sociais, familiares, de trabalho, de faculdade, se intercalam, em um ritmo frenético, e é complexo o traçado das prioridades de uso da internet. Um exemplo é o grande fluxo durante o diálogo retratado acima. Nos dias em que as mensagens foram enviadas, a coordenadora deu início a um novo diálogo sugerindo a participação do grupo em um evento acadêmico, mas apenas 4 integrantes responderam. No entanto, o volume de mensagens enviadas durante o período, e disponibilizadas na caixa de entrada, é significativo. O significativo número de mensagens, com finalidades variadas pode dificultar a seleção das prioridades de comunicação, gerando mal-estar.

Nos últimos dias do mês de julho, os e-mail trocados trataram questões práticas, como o pagamento das bolsas e o envio dos relatórios requisitados pela coordenadora. No entanto, nem todos entregaram dentro do prazo previsto, gerando certo desconforto junto à coordenadora, que enviou duas mensagens sobre as dificuldades que encontra para realizar contato com determinados integrantes. Mesmo diante da solicitação, compartilhada também através do *Facebook*, os atrasos ainda perduraram por alguns dias. Vale lembrar que não pode ser estabelecida uma relação entre a participação dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais e o comprometimento com o Programa. Assim como não é possível dizer que a não entrega dos relatórios, dentro do prazo previsto, seja necessariamente fruto de falta de comprometimento, embora prejudique o Programa. *Flora Matos, Mano Brown, Emicida*, por exemplo, embora muito ativos na comunicação estabelecida nas redes sociais analisadas, não entregaram dentro do prazo previsto.

Portanto, fica claro que compreender a comunicação realizada nas redes sociais entre integrantes do Fórum Metrô implica em ter consciência de contradições e peculiaridades que envolvem esse tipo de situação e, portanto, de análise. O grupo de e-mail, embora tenha propiciado uma comunicação mais organizada, com finalidade definida, esbarra em questões similares levantadas na análise do *Facebook*, como o grande fluxo de informações. No caso dos e-mails, por vezes, a poluição da caixa de entrada dificulta a visualização das mensagens mais importantes. O resultado a análise foi positivo, pois as três redes sociais contribuíram, cada qual com sua potencialidade, e limites, para a comunicação do Fórum Metrô.

4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: OFICINA REDE DE SABERES

A proposta da oficina, denominada Rede de Saberes, foi construída a partir da observação do estudo de caso apresentado ao Programa de Mestrado Profissional da UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. A pesquisa investigou a interação de 23 estudantes de graduação de licenciaturas da UFMG, que integram o Programa de Extensão Universitária Fórum Metrô, no *Facebook*, no *Whatsapp* e no grupo de e-mail. Essas redes sociais são muito populares Brasil⁵² e influenciam o comportamento e as formas prioritárias de uso da *internet*. Os dados levantados e as reflexões estabelecidas serviram como eixo orientador para a construção da proposta de intervenção.

A intensificação e o uso de múltiplas redes sociais simultaneamente foram observados ao longo da pesquisa e, por serem fenômenos recentes, estão imersos a uma série de contradições e possibilidades que precisam ser investigadas e debatidas. O uso em contextos da Educação Superior são, cada vez mais, frequentes envolvendo toda a comunidade universitária. As finalidades de uso são variadas e os desafios também.

As possibilidades de maior integração da comunidade universitária, através das redes sociais é uma realidade. Uma rápida busca na internet permite encontrar dezenas de grupos, em redes sociais diversas (com destaque para o *Facebook*) que unem estudantes com interesses comuns. As finalidades são diversas e refletem as múltiplas possibilidades de uso das redes sociais em contextos da Educação Superior.

A crescente participação e interação de professores nas redes sociais levam a maiores possibilidades de interação em ambiente virtual. Para muitos professores, uma oportunidade de ampliar debates estabelecidos em sala de aula, para outros um meio de comunicação rápido e de organização de atividades. Entretanto, as pesquisas revelam (como no estudo de caso apresentado) peculiaridades e resultados diversos. Esta diversidade esta associada a diversos fatores, como por exemplo: habilidades limitadas para o uso destes recursos, dificuldades em estabelecer interações e obter respostas à perguntas imediatamente, falta de foco e continuidade dos projetos executados, especificidades e finalidades de uso de cada rede social

As ferramentas, disponibilizadas através das diversas redes sociais disponíveis na internet, nem sempre são utilizadas. As razões são diversas, porém o desconhecimento e a falta de habilidade revelam que, muitas vezes, o uso das redes sociais está limitado ao

⁵² Segundo a reportagem de Leonardo Muller, para o site Techtudo, os aplicativos com o maior número de downloads em 2014, segundo dados levantados pelo App Annie Index, foram: Whasapp, Facebook e Facebook Messenger. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/apps/75142-whatsapp-outros-apps-facebook-baixados-brasil-2014.htm>. Acesso em: 07 set.2015.

manuseio de recursos básicos. A troca de informações básicas, experiências de uso e propostas de atuação podem constituir um processo de aprendizagem conectado à proposta de uma formação em rede.

O público alvo são professores e estudantes de licenciatura. A união de professores e estudantes quebra barreiras preestabelecidas colocando todos na condição de aprendizes. A horizontalidade proposta já se faz presente no recorte da oficina que será composta por dois encontros presenciais. O primeiro deles será destinado a discussão sobre a intensificação e o uso simultâneo de múltiplas redes sociais pela internet. Algumas dificuldades enfrentadas neste contexto serão levantadas. Em seguida, serão formados grupos que serão responsáveis pela discussão e produção de um material que será compartilhado com o grupo no *Facebook*, que será criado com essa finalidade. O segundo encontro será para explorar as possibilidades, desenvolvendo habilidades (a partir das dificuldades técnicas que surgirem no primeiro encontro) de manuseio.

Para a realização da oficina será necessário um laboratório de informática com computadores ligados à internet. Os encontros serão construídos coletivamente, com todas as ações nas redes sociais projetadas, de forma possibilitar a visualização geral. Entre um encontro e outro o trabalho coletivo se estende com a criação do grupo no Facebook, que será aberto para a ampliação das discussões. O objetivo final é ampliar as discussões sobre as possibilidades de uso das redes sociais em contextos da Educação Superior, através de uma experiência aprendizagem colaborativa.

A crescente utilização das redes sociais em contextos educacionais é um tendência crescente, que pode ser observada no estudo de caso apresentado. Os atuais e futuros professores estão diante de vastas possibilidades e desafios que precisam ser amplamente debatidos. As experiências e dificuldades de manuseio precisam ser compartilhadas pois tratamos de possibilidades recentes. Os jovens nascidos em meio à essas transformações podem contribuir muito, apontando caminhos, discutindo propostas e ensinando como lidar e usar os recursos disponíveis. Daí a finalidade da proposta de viabilizar um processo de aprendizado aberto e colaborativo, usando as redes sociais como mediadores, visto sua capacidade de transitar um grande fluxo de informações e de possibilitar interações entre pessoas com interesses comuns.

A lógica moderna que coloca a escola e o professor como detentores do conhecimento foi abalada com a internet e toda a informação circulante. Ensinar e aprender adquirem novas nuances e significados que precisam ser explorados. A transição de um professor conteudista

detentor de conhecimento transmitido unilateralmente para o professor mediador que viabiliza o processo de aprendizagem, levando em conta os recursos disponíveis e a construção coletiva saberes não é uma tarefa fácil.

Por serem mudanças recentes e, ainda em processo, ainda estão sendo inseridas nas discussões, sobretudo nas universidades. O uso das tecnologias disponíveis e da internet ainda estão limitados, na maioria das vezes, a exibições de apresentações de *Power Point*, ou exibição de filmes e imagens. Uma das razões para o uso limitado destas possibilidades é restrita a habilidade de manuseio das tecnologias disponíveis.

Os estudantes de cursos de licenciatura, por serem mais jovens, estão mais familiarizados com estas tecnologias e com a internet. A facilidade para explorar as possibilidades e, mesmo para resolver dúvidas pode ser aliada na construção de uma proposta de aprendizagem colaborativa. A produção e o compartilhamento do conhecimento produzido podem contribuir para a ampliação do debate, tanto sobre a formação docente quanto sobre os usos das redes sociais pela internet.

O objetivo da oficina é ampliar o debate sobre as possibilidades de formação de uma rede que reúna professores e estudantes de licenciatura, possibilitando o debate e a publicação de dicas sobre a comunicação e propostas pedagógicas envolvendo o uso do Facebook e do Whatsapp.

Através da formação de um grupo aberto no *Facebook* e no *Whatsapp*, portanto através da prática, os participantes da oficina terão a oportunidade de vivenciar uma experiência de comunicação e construção coletiva de saberes. A busca por soluções para as principais dúvidas sobre o uso das redes sociais, suas ferramentas é um passo interessante para refletir as formas de superação das dificuldades do manuseio e desenvolvimento de habilidades, passo importante para a aproximação das experiências entre gerações distintas, que possuem uma relação diferenciada com as tecnologias digitais disponíveis e as novas formas de comunicação estabelecidas.

4.1 Apresentação da oficina

A oficina Rede de Saberes tem a carga horária total de 10 horas, dividida em dois encontros presenciais (cada um com 3 horas de duração). O público alvo são estudantes de licenciaturas, pedagogia e professores em atuação na universidade. O número de participantes está condicionado a infraestrutura disponibilizada.

Para a realização da oficina é necessário um laboratório de informática, ou similar, com computadores conectados à internet, sem nenhum tipo de bloqueio ao acesso às redes sociais e um projetor de *slides*. Embora sejam equipamentos fundamentais, será incentivado o uso dos dispositivos próprios, como *smartphones*.

A oficina será dividida em dois encontros semanais. O primeiro, formatado para durar duas horas, será destinado a apresentação da proposta e a discussão sobre a intensificação do uso das redes sociais pela internet na vida cotidiana. Ferramentas de ajuda, disponibilizada pelo *Facebook* e o *Whatsapp* serão exploradas, para melhor dimensionamento das possibilidades de uso dessas ferramentas.

Após este primeiro momento, dúvidas e dicas sobre as ferramentas serão levantados e as atividades distribuídas. O grupo no *Facebook* será criado junto ao grupo, construído coletivamente. Inicialmente o grupo vai ficar restrito ao uso dos participantes. Após a sistematização da proposta de trabalho feita por um documento compartilhado, será estabelecida as estratégias de ação.

Os participantes deverão selecionar informações relevantes, que dialoguem com as questões levantadas. Vídeos e imagens serão produzidos pelo grupo. A produção de conteúdo deve ser priorizada. Não apenas a circulação de informações deve ser incentivada. A possibilidade da *autocomunicação* reside na voz ativa daqueles que estabelecem interações pelas redes sociais. Este potencial deve ser explorado e incentivado.

Durante os dias seguintes, o grupo seguirá seus trabalhos em ambiente virtual, interagindo através das redes sociais. O material produzido e coletado será compartilhado. Os desafios que podem surgir deverão ser resolvidos online. A proposta é experimentar as possibilidades de interação em ambientes virtuais, estabelecendo um processo de aprendizagem não formal.

O ultimo encontro terá a duração de 3 horas. O objetivo deste encontro é a avaliação da proposta inicial, verificando se houve êxito e quais os desafios encontrados ao longo do caminho. As ponderações levantadas também servirão para a produção de um material reflexivo e construído colaborativamente. A ideia central é promover no final da experiência uma reflexão prática de como podemos utilizar as redes sociais pela internet em contextos educacionais.

O grupo do *Facebook* será aberto, ao final do trabalho, para o ingresso de novos participantes. Os amigos dos participantes, com interesses comuns poderão ser adicionados. A premissa inicial é de que a rede colaborativa proposta seja efetivada. No entanto, como

observado no estudo de caso, isso pode não ocorrer por uma série de fatores. Assim, os resultados alcançados pela oficina, independente quais sejam, serão válidos para ampliar a discussão sobre o tema.

4.2 O preparo da oficina

A idealização da oficina resultou da observação das vocações e limitações de uso das redes sociais pela internet no estudo de caso realizado. A premissa inicial de que o *Facebook* funcionaria como meio de comunicação oficial do PFMEJA não foi confirmada. A tendência de uso simultâneo de redes sociais pode ser observada. Assim, percebi a necessidade de ampliação das possibilidades destas ferramentas.

Uma apresentação inicial será realizada. Para exemplificar as discussões propostas será apresentado o vídeo Rede Social como Laboratório de Pensamento⁵³. A ideia é promover a sensibilização sobre as potencialidades de uso das redes sociais em contextos educacionais. Após este primeiro momento a discussão será aberta para os participantes da oficina.

O planejamento da oficina será limitado a orientação inicial. A intenção é a inversão das propostas tradicionais. A construção da rede colaborativa será uma iniciativa levada à frente pelos participantes, contando com minha mediação. Mas a condução será moldada segundo a necessidade apresentada. Os resultados obtidos serão organizados e investigados em trabalhos futuros.

4.3- Reflexões sobre a oficina

Um dos maiores desafios encontrados na construção da oficina é a falta de materialidade, tão comum nos planejamentos tradicionais. No entanto, um entrave, percebido no estudo de caso realizado, foi a efetivação de uma comunicação horizontalizada, construindo um ambiente colaborativo. Para conseguir estabelecer uma dinâmica de interações e compartilhamento de informações é importante definir a finalidade de uso das redes sociais adotadas.

No entanto, as finalidades devem ser compartilhadas, para que as definições de uso sejam fruto de uma decisão coletiva. Muitas vezes, nossas preferências não são compatíveis

⁵³ O vídeo completo está disponível através do link: https://www.youtube.com/results?search_query=tet+redes+sociais+educa%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 28 out.2015.

com a de outros participantes, e isso deve ser ponderado. Caso contrário, o envolvimento no projeto pode ficar limitado a execução de tarefas estabelecidas, o que não é o objetivo da oficina.

A mediação, dentro da proposta apresentada, ocorre mediante a organização e deliberação dos passos a serem dados. As dúvidas que podem surgir no caminho não precisam ser respondidas de prontidão. Mas sim, devem ser pesquisados juntos, para demonstrar como a construção do conhecimento é, sobretudo nos tempos atuais, pode ocorrer mutuamente. Aprender e ensinar ao mesmo tempo, passa a ser uma possibilidade, cada vez mais viável, em tempos de fácil acesso à informações através de ferramentas de busca da internet.

A opção pelo formato de uma oficina também dialoga com a proposta de construção de um processo de aprendizagem em rede e colaborativo. Sabemos do desafio em adequar a formação de professores as diversas demandas que cercam a educação. Nem sempre, o uso das tecnologias digitais, a internet e as redes sociais estão na lista de prioridades no processo de formação. No entanto, tratamos de uma demanda real e cada vez mais marcante na sociedade atual. A proposta de uma formação não formal pode contemplar esta demanda, viabilizando discussões sobre esses temas, resultando em um conhecimento prático e exercitando novas possibilidades de aprendizagem.

CONCLUSÃO

A pesquisa foi marcada por imprevistos e mudanças repentinas ao longo do seu desenvolvimento. A trajetória da pesquisa de campo foi marcada por obstáculos e desafios que dialogaram (de alguma forma) com questões teóricas abordadas, como, por exemplo: a relação do homem atual com o tempo, o grande fluxo de informações e a diversidade de espaços para comunicação. O estudo de caso buscou compreender essas discussões utilizando a *netnografia* como metodologia de análise.

O conceito de *autocomunicação*, construído por Castells (2013), foi observado nas ações dos sujeitos pesquisados. A velocidade e comprometimento das respostas eram pautados segundo interesses individuais, em detrimento do coletivo. Postagens com cobranças de algum tipo, nas três redes sociais analisadas não eram, muitas vezes, respondidas. Entretanto, mensagens com desabafos e temas de interesse pessoal eram prontamente respondidas.

O pressuposto inicial de que a comunicação/interação dos integrantes do Fórum Metrô através do *Facebook* seria satisfatória não foi confirmado. A centralização da comunicação através de uma decisão coletiva não seguiu a tendência de uso de múltiplos recursos simultâneos. Os desconfortos apresentados pelos sujeitos pesquisados dialogam com alguns desafios atuais. O intenso fluxo de informações, o imediatismo da comunicação e as diferentes finalidades de uso desta rede social foram as principais questões levantadas pelos integrantes do Fórum Metrô para justificar possíveis falhas de comunicação.

As finalidades objetivadas, inicialmente, pela coordenadora não foram plenamente alcançadas. No entanto, não encarei isso como um resultado negativo. A questão central é que cada rede social pela internet possui uma cultura própria, além de elas serem marcadas pelo individualismo. A imprevisibilidade dos dados coletados abriu margem para a discussão sobre as potencialidades e limites de uso do *Facebook*, na comunicação oficial de grupos, em contextos educacionais.

Uma das características mais acentuadas do *Facebook*, citadas pelos integrantes do Fórum Metrô, é a possibilidade de realização de uma comunicação horizontalizada, característica básica da *autocomunicação*. As mensagens oficiais do Programa, por serem enviadas pela coordenadora, foram compreendidas, por vezes, como uma brecha no pressuposto da *autocomunicação*, remontando a moldes de hierárquicos de organização que

acabaram inibindo, por vezes, a participação espontânea. Esse é um limite posto que, em situações como a pesquisada, podem gerar contratempos no gerenciamento de grupos.

A presença/ausência dos integrantes do Fórum Metrô nas redes sociais, sobretudo o *Facebook*, não pode ser associada ao grau de envolvimento com o Programa. Essa foi uma premissa reiterada, em diversos momentos da pesquisa. Os dados coletados demonstram cautela, nesse tipo de associação, dentro e fora do ambiente virtual. Alguns integrantes do Programa, muito assíduos no *Facebook*, entregaram atividades fora do prazo devido e tiveram problemas com faltas recorrentes, enquanto outros, nem sempre presentes na rede, demonstravam maior comprometimento com o processo de formação.

As ausências frequentes, ao longo do processo de formação também merecem destaque. Os integrantes do Fórum Metrô justificaram suas faltas alegando que, muitas vezes, as mudanças de cronograma impossibilitavam suas presenças. A oferta de uma formação prévia para a atuação no Fórum Metrô foi considerada positiva. As temáticas também foram bem avaliadas. As atividades contaram com ampla adesão do grupo, embora as faltas fossem recorrentes. Para além das justificativas elencadas pelo grupo, pode-se concluir que o formato utilizado, em sala de aula, em alguns momentos, gerou um desânimo do grupo.

O elevado número de disciplinas cursadas pelos integrantes do Fórum Metrô e o processo de formação acabaram gerando uma sobrecarga. A preparação dos universitários para a atuação nos projetos de extensão da Universidade é uma iniciativa positiva, que possibilita a prévia familiarização com os objetivos do Programa. No entanto, o formato dessa formação pode ser aperfeiçoado. Uma das sugestões é a formalização da formação, com o aproveitamento de créditos relativos às atividades executadas. Outra sugestão é a adoção de um formato mais informal, possibilitando experiências informais de aprendizagem.

O processo de formação oferecido pelo Fórum Metrô ofertou, como proposto acima, algumas atividades externas e informais, que foram avaliadas positivamente por seus integrantes. No entanto, o predomínio das atividades em sala de aula pode ter influenciado a frequência dos sujeitos pesquisados. Assim, a intensidade de participação nos encontros propostos ao longo do processo de formação também deve ser analisada com cautela, para que peculiaridades como as analisadas acima não sejam desprezadas.

As postagens, em sua maioria, efetivaram um diálogo com os temas trabalhados no processo de formação. Os motivadores que levaram à postagem são variados, mas revelam

uma sintonia das discussões propostas com os objetivos do Fórum Metrô. Embora muitas críticas sobre o *Facebook* tenham sido lançadas, foi unânime o consenso sobre o poder de comunicação e mobilização social que essa rede social possui. Tanto que, em meio à instabilidade de sentimentos sobre essa rede social, em nenhum momento foi tratada a opção de viver alheio às redes sociais. Como se a existência de um *eu* virtual fosse uma premissa básica da atualidade.

A afirmação acima pode ser comprovada através dos dados coletados mediante o questionário on-line que foi aplicado. Todos os integrantes do Fórum Metrô participam de pelo menos uma rede social. A tendência de utilização simultânea de várias redes sociais pode ser observada e acabou se tornando realidade na comunicação estabelecida pelos integrantes.

Devido aos contratempos gerados pela demora em responder as mensagens enviadas pela coordenadora, a comunicação do Fórum Metrô passou por uma redefinição. A comunicação oficial passou a ser realizada por um grupo de e-mail e por mensagens instantâneas através do *Whatsapp*, e o compartilhamento de informações relevantes para o Programa continuou sendo realizado pelo *Facebook*.

O esclarecimento das finalidades de uso das redes sociais pela internet foi um passo importante. Para organizar a comunicação de grupos com interesses comuns, é fundamental essa definição. Não estou falando do estabelecimento de regras, pois de acordo com a constatação da pesquisa, em ambientes de comunicação horizontalizada isso poderia ser um entrave, gerando reações adversas. A definição das finalidades deve ser um combinado coletivo e com certa flexibilidade.

A comunicação através do *Whatsapp* foi um exemplo da questão abordada acima. Todas as mensagens compartilhadas estavam dentro da proposta do grupo. O *Whatsapp* permitiu a resolução de problemas de forma rápida. A finalidade foi respeitada e as interações cumpriram seu papel, revelando ser uma ferramenta eficiente de comunicação do grupo. Entretanto, vale ressaltar que problemas para responder mensagens da coordenadora também foram observados, reforçando a ideia de que o imediatismo da comunicação está menos relacionado à rede social escolhida e mais à postura dos integrantes do Programa.

O uso do grupo de e-mail para a comunicação oficial do Fórum Metrô também apresentou resultados positivos. As solicitações da coordenadora foram respondidas com maior rapidez. A cultura própria dos e-mails levou à construção de textos mais longos,

expressando com maior detalhamento situações, expectativas de trabalhos e desabafos sobre o Programa. A proposta de centralização dos avisos e programações foi cumprida. No entanto, seu uso também demandou alguns ajustes e contou com alguns desafios.

O principal desafio (encontrado e sinalizado por alguns integrantes do Fórum Metrô, tais como *Afro-x* e *Omínira*) é a poluição das caixas de entrada de seus e-mails. Mensagens com propagandas, correntes e *spams* invadem as caixas de mensagem prejudicando a visualização de mensagens relevantes. A estratégia adotada para minimizar esse problema foi a colocação de um indicativo antes da definição do assunto, facilitando a visualização seletiva. Outro problema apontado foi a objetividade das mensagens. Para alguns, como *Omínira* e *Dina Di*, o excesso de mensagens pode gerar um efeito parecido com o ocorrido no *Facebook*, perdendo-se a efetividade em meio a tantas informações compartilhadas. Mais uma vez, o intenso fluxo de informações circulando nas redes sociais analisadas mostrou-se um desafio.

Embora dificuldades de comunicação tenham sido registradas, o uso das três redes sociais analisadas mostrou-se positivo, viabilizando interações diversas pela internet. A maioria do grupo participou ativamente de pelo menos uma rede social. As discussões levantadas, ao longo do processo, revelaram a urgência de ampliação da discussão sobre situações similares. Cada contexto de pesquisa possuiu sua peculiaridade e os resultados podem ser diferentes, por esta razão.

Após a redefinição da comunicação do Fórum Metrô, o número de postagens no *Facebook* mostrou-se estável. A diferença foi a redução de avisos e comunicados oficiais. Outra constatação foi o menor diálogo direto entre as postagens e os temas debatidos, no momento observado, no processo de formação. Esta afirmação reforça o uso simultâneo de diversas redes sociais.

As dificuldades encontradas para a obtenção de respostas por parte da coordenadora foi um problema constante. Minimizado através do uso do grupo de e-mail, isso não desapareceu completamente. Além das questões já mencionadas relativas à *autocomunicação* horizontalizada, é preciso ponderar a novidade que representam essas possibilidades de comunicação. As experiências de comunicação interativa mediada pelas redes sociais são recentes. O futuro aponta para a maior presença dessas possibilidades nas comunicações estabelecidas em contextos educacionais.

Para tanto, a Universidade pode e deve contribuir para que futuros professores e mesmo aqueles que já estão em sala de aula possam desenvolver as habilidades necessárias para usar as atuais possibilidades de interação pela internet, para além das possibilidades pedagógicas. Normalmente, quando tratamos as tecnologias digitais e a internet em contextos educacionais, a visão pedagógica é predominante. No entanto, o potencial de interação deve ser explorado para além dos usos pedagógicos, contemplando o enorme potencial de comunicação que as redes sociais possuem.

A discussão sobre essas temáticas nos cursos de licenciatura ainda é restrita. Poucas disciplinas contemplam essa atual demanda. Uma realidade que precisa ser ponderada e que deve ganhar maior espaço nas universidades nos próximos anos. Para tanto, a proposta de intervenção apresentada ao PROMESTRE é a proposta de uma oficina que debata o uso das redes sociais pela internet em contextos educacionais da Educação Superior, como ferramentas de interação e compartilhamento de informações. O público-alvo são estudantes de licenciaturas e professores em atuação.

O formato da oficina segue a tendência de desconstrução do processo de aprendizagem, a partir de uma lógica colaborativa. A proposta é o levantamento de dúvidas, ponderações e dicas que podem colaborar para que professores usem as redes sociais em suas práticas profissionais. Em seguida, será criado um grupo aberto no *Facebook* e outro no *Whatsapp*, para a interação do grupo no ambiente virtual.

O levantamento servirá para a produção e o direcionamento de materiais de apoio, que discutam algumas temáticas relacionadas ao uso das redes sociais na educação. A finalização do trabalho será a distribuição do conteúdo produzido e o compartilhamento das informações selecionadas objetivando a construção de uma rede colaborativa. Os resultados dessa proposta serão analisados em trabalhos acadêmicos futuros com o objetivo de dar continuidade à investigação sobre esse tema, ampliando a colaboração para um campo de pesquisa com larga demanda.

Assim, a proposta do PROMESTRE foi alcançada nesta pesquisa. O estudo de caso realizado contemplou uma demanda da Universidade, contribuindo com uma proposta de intervenção prática, aproximando o conhecimento acadêmico de experiências práticas. Ambientes virtuais de aprendizagem e comunicação precisam ser discutidos em suas dimensões teóricas e também por meio de experiências práticas.

A construção coletiva caminha lado a lado com o diálogo cada vez mais horizontalizado. A possibilidade de decidir quando/como estabelecer uma interação é um poder adquirido de grande valor. A experiência proposta relaciona-se a esse pressuposto, ou seja, a construção de uma rede colaborativa, que pode ajudar professores e futuros professores em experiências de uso das redes sociais.

A *transdisciplinaridade* é uma marca deste tipo de pesquisa e demandou muito estudo e exploração de novos campos de conhecimento. Avalio que a educação deva caminhar nesse sentido, cada vez mais conectada às atuais demandas que cercam o indivíduo em um mundo fluido. A função da educação no novo milênio deve estar orientada para a garantia das habilidades necessária para a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis sem, no entanto, esquecer o valor dos conhecimentos tradicionais e locais, que também contribuem para a autonomia na vida cotidiana, profissional e política.

O poder da *autocomunicação* é imenso. Mas só pode ser alcançado quando o potencial do papel ativo do indivíduo nesse tipo de comunicação está claro. Caso contrário, estamos sujeitos aos interesses mercadológicos e políticos que envolvem esse tipo de rede social. Dessa forma, a pesquisa contribuiu para a ampliação da reflexão sobre o uso das redes sociais pela internet usadas em contextos educacionais. Certamente o presente estudo será ampliado em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, p. 25-36, 1997.

AMARAL, Adriana; NATAL, Georgia; VIANA, Lucina. Apontamentos metodológicos iniciais sobre a *netnografia* no contexto pesquisa em comunicação digital e *cibercultura*. In: *Congresso Nacional de Ciência da Informação*, n. 32, 2009. Curitiba, Disponível em: <http://www.djangel.com.br/wpcontent/uploads/2009/01/AmaralNataleViana.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2016.

ANDRE, Marli Eliza Dalmaz Afonso. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

ANDRE, Marli Eliza Dalmaz Afonso. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, Patrício Câmara; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. O aplicativo de comunicação *Whatsapp* como estratégia no ensino de Filosofia. *Temática*, João Pessoa, v. XI, p. 11-23, fev. 2015.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

BANGO, Júlio. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: M. V. FREITAS & F. C. PAPA. *Políticas públicas de juventude: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez/Ação Educativa/Fundação Ebert Stiftung, 2003. p. 33-55.

BASSEY, Michael. *Case study research in educational settings*. Londres: Open University Press, 2003.

BAUMAN, Zigmund. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zigmund. *Vigilância líquida: diálogos com David Lyon*. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zigmund; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BECKER, Beatriz. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. *Revista da Associação nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós*. v. 17, n.2, p. 1-16, mai/ago. 2014.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BLOGDAN, Robert C., BILKLEN, Sari Knopp. *Qualitative research for education*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1982.

BOURDIEU, P. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar. 1997.

BRASIL. Decreto nº 48.834, de 08 de setembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4834.htm. Acesso em: 21 set. 2014.

BRASIL. Decreto nº 91.980, de 25 de novembro de 1985. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91980-25-novembro-1985-442685-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 07 jan. 2016.

BRASIL. Lei nº 5379, de 15 de dezembro de 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5379.htm. Acesso em: 07 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital PROEXT 2015: Programa de Extensão Universitária - MEC/SESU. *Plano Nacional de Educação*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15149-edital-proext-2015&category_slug=fevereiro-2014&Itemid=30192. Acesso em: 07 jan. 2016.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CARRANO, Paulo; PEREGRINO, Mônica. Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. In: *A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madrî: Alianza, 2009.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DA SILVA, Analise de Jesus. *Fórum Metrô: Fórum de Educação de Jovens e Adultos da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Projeto de Extensão Universitária – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.*

DA SILVA, Analise de Jesus. *Jovens Estudantes Pobres: significados atribuídos às práticas pedagógicas denominadas inovadoras por seus professores. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.*

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil. In: J. OLIVEIRA & J. PAIVA. *Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro; NUNES, Maria Denise Crespo. *Juventudes: diálogos e práticas*. Erechim: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação popular: um encontro com Paulo Freire (entrevista)*. In: TORRES, Rosa Maria (org.). *Educação popular: um encontro com Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos*. São Paulo: Moderna, 2014.

GARCIA GIMENEZ, Daniel. Redes Sociales: possibilidades de *Facebook* para las bibliotecas públicas. *BID: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, Espanha, n. 24, 2010.

GEERTZ, C. Nova luz da sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. In: VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOLD, R. L. Roles in sociological field observations. *Social Forces*, v. 36, n. 3, p. 217-223, mar. 1958.

GUIMARÃES, Ludmila dos S., RIBEIRO, Clarice. Organização e produção de conhecimento acadêmico-científico no *Facebook*. In: MOLLICA, Maria Cecília, BATISTA, Hardinei Ribeiro, GUIMARÃES, Ludmila dos S., *Cybercoropa e inovação com práticas de ensinagem*. Curitiba: CRV, p. 61-84, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HERRERA, Miguel; PASSERINO, Liliana M. Estigma e ciberespaço: desafios da *netnografia* como metodologia para a pesquisa de redes temáticas na *blogosfera*. *CINTED – UFGS*. V.6, dez. 2008.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. Thousand Oaks, C.A: Sage Publications, 2000.

HOLLOWAY, I.; WHEELER, S. *Qualitative research for nurses*. Great Britain: Blackwell Science, 1996.

HONORATO, Wagner de Almeida M.; REIS, Regina Sallete F. *Whatsapp: uma nova ferramenta para o ensino*. IV *SIDTecS – Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade*. Brasília, 2014.

KIRKPATRICK, David T. *O efeito Facebook*. Trad. M. Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZINETTS, Robert V. On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. In: ALBA, Joseph W., HUTCHINSON, J. Wesley Hutchinson. *NA – Advances in Consumer Research Vol. 25*. Provo, UT: Association for Consumer Research, 1998. p. 366-371.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUDKE, M.; ANDRE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARGAIX-ARNAL, Didac. Las bibliotecas universitarias y *Facebook*: cómo y por qué estar presentes. *El profesional de la información - Revista internacional de Información y Comunicación*, v. 17, n. 6, p. 589-601, nov./dez. 2008.

MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MOZO, ANA. Sociabilidad en pantalla. Un estudio de la interacción en los entornos virtuales. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, n. 1, 2005.

NOGUERIA, Eliete Jussara; GOMES, Fernando Luiz; SOARES, Maria Lúcia Amorim. *Netnografia: Considerações iniciais para pesquisas em educação*. *QUAESTIO*, n.13, v.2, p. 185-202, 2011.

OLIVEIRA, E. D.; ANJOS, E.; G., OLIVEIRA; F. S., SOUSA; H. D; LEITE, J. E. Estratégias de uso do *Whatsapp* como um ambiente virtual de aprendizagem em um Curso de Formação de Professores e Tutores. Comunicação oral apresentada no SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, em 15 de set. de 2014, em São Carlos, S.P.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educ. rev.* [on-line]. n.29, p. 83-100, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000100007>. Acesso em: 07 jan. 2016.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia & educação*. Coleção Temas & Educação, v.1. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. Educação de jovens e adultos: uma história de complexidade e tensões. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v.5, p. 13-27. jul/dez. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Subjetividade, Cidadania e Emancipação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.32, jun. 1991.

SANTOS, Sandra Virgínia C. de A. O uso do celular nas práticas de letramento. In: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, 2013. Unicamp. Campinas, S.P. *Anais...*, 2013. p. 1-10.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008

SOUSA, Cirlene Cristina. *Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiatização das sociedades contemporâneas*. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SPRADLEY, J. *The ethnographic interview*. Nova York: Prentice Hall, 1979.

STAKE, R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. London: SAGE Publications, 1994. p. 236-247.

SZYMANSKI, Helena. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Regimento Geral. Resolução Complementar nº 03/2012, de 27 de novembro de 2012. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/sods/Sods/Sobre-a-UFMG/Regimento-Geral>. Acesso em: 07 jan. 2016.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *O conceito de tecnologia*. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WASELFISZ, Júlio Jacob. *Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, 2014.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Trad. de M. Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

YIN, R. K. *Estudo de caso*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL DOS INTEGRANTES DO PROGRAMA FÓRUM METRÔ

1. Nome:

2. Gênero:

3. Estado Civil:

4. Pertencimento racial:

5. Identificação religiosa:

6. Escolaridade:

- Ensino Básico em escola pública
- Ensino Básico em escola particular
- Parte de Ensino Básico em escola pública e parte em escola particular
- Ensino Técnico
- EJA
- outros: _____

7. Experiência profissional:

8. Você já cursou alguma disciplinas de formação docente? Quais?

9. As salas de aula são equipadas com recursos audiovisuais, computadores e internet?

10. Os recursos disponíveis em sala de aula são utilizados:

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

11. Assinale as principais formas de uso dos recursos, quando disponíveis:

- Apresentação de slides
- Projeção de filmes e documentários
- Programas de computador específicos
- Outros: _____

12. Os professores fazem o uso da internet em sala de aula:

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

13. Os professores demonstram habilidades de manuseio dos recursos digitais disponíveis?

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

14. Você já cursou alguma disciplina sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação? Caso positivo, qual?

15. Você avalia estar preparado para utilizar as tecnologias da informação e comunicação em sala de aula? Por que?

16. Você é "amigo" de professores nas redes sociais pela internet (Facebook, Whatsapp, Instagram) ?

- Sim
- Não

17. Como você avalia a presença e participação de professores nas redes sociais?

- Frequente
- Esporádica
- Rara

18. Você interage com os professores que são seus amigos nas redes sociais pela internet?

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

19. Assinale as principais redes sociais usadas na interação com professores?

- Facebook
- Whatsapp
- Twitter
- Instagram
- Outras: _____

20. Você já teve a experiência de uso de alguma rede social pela internet como meio de comunicação de alguma disciplina?

- Sim
- Não

21. Você participa de algum grupo do Facebook relacionado à UFMG?

- Sim
- Não

22. Você participa do Grupo Aberto da UFMG?

- Sim
- Não

23. Você interage com os professores pelo moodle (Minha UFMG)?

- Sim
- Não

24. Qual a frequência?

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

25. Você participa de quais redes sociais pela internet?

- Facebook
- Whatsapp
- Twittter
- Instagram
- Badoo
- Tinder
- Pinterest
- Youtube
- Google+
- Grindr
- Brenda
- Outra: _____

26- Qual a frequência de uso das redes sociais pela internet?

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

27- Você participa do Grupo Fechado do Fórum Metrô?

- Sim
- Não

28- Qual a frequência de interações no grupo do Fórum Metrô?

- Frequentemente
- Esporadicamente
- Raramente
- Nunca

29. Quais os principais tipos de interação?

- comunicados

Compartilhamento de informações

Compartilhamento de fotos

Compartilhamento de vídeos

Discussões temáticas

Divulgação científica

Outras: _____

30. Como você avalia a comunicação estabelecida no grupo do Fórum Metrô no Facebook?

Boa

Indiferente

Ruim

Outras: _____

31. Você administra algum grupo do Facebook?

Sim

Não

31. Você possui alguma página do Facebook?

Sim

Não

32. Você está satisfeito com o Facebook?

Sim

Não

33. Caso negativo, por quê?

34. Você possui smartphone?

Sim

Não

35. Você possui pacote de serviços para a internet móvel?

Sim

Não